

**REVISTA DA  
ACADEMIA  
ESPÍRITO-  
SANTENSE  
DE LETRAS**



**COMEMORATIVO AO 100°  
ANIVERSÁRIO DA AEL**

*Revista da Academia  
Espírito-santense de Letras*

- 100 ANOS -



ACADEMIA  
ESPÍRITO  
SANTENSE  
DE LETRAS

*Vitória (ES)  
v. 26 - 2021*

Copyright © Academia Espírito-santense de Letras

## **ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS**

Ester Abreu Vieira de Oliveira (Presidente)

João Gualberto M. Vasconcellos (1º Vice-Presidente)

Álvaro José Silva (1º Secretário)

Marcos Tavares (1º Tesoureiro)

-----

### **CONSELHO EDITORIAL**

ADILSON VILAÇA • ÁLVARO JOSÉ SILVA • ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO • ELIZETE TEREZINHA CASER ROCHA • GETÚLIO MARCOS P. NEVES

-----

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

CAPA E EDITORAÇÃO: DOUGLAS RAMALHO

IMPRESSÃO: GRÁFICA E EDITORA FORMAR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) pela Gestão.Info Consultoria  
[www.gestaoinfo.com.br](http://www.gestaoinfo.com.br)

---

Revista da Academia Espírito-santense de Letras / Academia Espírito-santense  
de Letras. – Vol I. (1998) - .- Vitória : A Academia, 1998- .  
v; il.

ISSN 2176-6517

Anual

I. Literatura - Periódicos. 2.1. Academia Espírito-santense de Letras

CDD 800

---

## Sumário

Apresentação.....	5
<i>Adilson Vilaça</i> Poema-passeio com Elmo Elton.....	7
<i>Álvaro José Silva</i> Professor Alberto.....	13
<i>Anaximandro Amorim</i> À Guisa de uma biografia: Maria Helena Teixeira de Siqueira, a primeira mulher Vice-presidente e Presidente da AEL.....	17
<i>Ester Abreu Vieira de Oliveira</i> Discurso de Recepção a Wanda Maria Alckmin, em 06 de dezembro 2011... A Centenária Academia Espírito-santense de Letras (AEL) e um dos seus presidentes.....	21 32
<i>Fernando Antônio de Moraes Achiamé</i> As dores e alegrias da velha senhora.....	40
<i>Francisco Aurelio Ribeiro</i> A Academia Espírito-santense de Letras na minha vida.....	45
<i>Getúlio Marcos Pereira Neves</i> A sede da academia: Legado do acadêmico Kosciuszko Barbosa Leão.....	49
<i>Guilherme Santos Neves</i> Oração da Mestra.....	55
<i>Hermógenes Lima Fonseca</i> O degas e nós.....	57

<i>Humberto Del Mastro</i>	
Vitória antiga (um mero pulo de saudade).....	62
<i>Jô Drumond</i>	
Berredo de Menezes, o encantador de palavras.....	65
<i>José Roberto Santos Neves</i>	
Lembranças de Marien Calixte, o doce imortal.....	72
O literato.....	76
<i>Kátia Bobbio</i>	
Academia Espírito-santense de Letras.	
100 Anos de história literária 1921 – 2021.....	79
Kosciusko Barbosa Leão.....	85
<i>Manoela Ferrari</i>	
Afonso Cláudio e os sucessores da ancestralidade.....	90
<i>Marcos Tavares</i>	
Conversa de Whatsapp.....	95
<i>Maria das Graças Silva Neves</i>	
O Mestre Armojo. Hermógenes Lima Fonseca, seu tempo, sua história...102	
<i>Oscar Gama Filho</i>	
O Sobressimbolismo.....	110
<i>Pedro Sevylla de Juana</i>	
AEL, os primeiros cem anos.....	124
<i>Santiago Montobbio</i>	
Amistad a lo largo.....	132
<i>Wanda Maria B. C. Alckmin</i>	
Pinceladas da Vida do prof. Antônio Coelho Sampaio.....	137

## *Apresentação*

A Academia Espírito-santense de Letras completa 100 anos de existência neste ano, sendo a segunda entidade cultural mais antiga do Espírito Santo em atividade, só antecedida pelo IHGES, de 1916. Foi fundada em 04 de setembro de 1921, reorganizada em 18 de julho de 1937, e é filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil. É uma associação cultural civil, sem fins lucrativos, cuja sede é a antiga casa do Prof. Kosciusko Barbosa Leão. Tem por finalidade o cultivo da língua nacional e das Belas Artes, dentro do espírito de fraternidade que vincula o Espírito Santo aos demais estados brasileiros e países do mundo. Sua logomarca é o convento da Penha, no meio de folhas de louro e o lema latino “Semper Ascendere”.

São finalidades da Academia Espírito-santense de Letras: incentivar a cultura; promover a criação de associações culturais; divulgar a leitura e incentivar a criação de associações culturais; divulgar e incentivar a criação de bibliotecas; promover concursos literários; realizar cursos e reuniões de altos estudos; reeditar a obra de seus patronos e membros falecidos; editar publicação literária periódica; propugnar pela edição de obras de literatura, história e cultura do Espírito Santo; manter biblioteca e arquivos próprios; manter intercâmbio com outras associações; participar de projetos que visem à integração cultural das nações de língua portuguesa; realizar pesquisas com vista ao desenvolvimento literário e cultural do Espírito Santo.

A atual Diretoria, cujo mandato iniciou-se em 2019 e se encerrará em 2022, tem-se empenhado no cumprimento das finalidades da Academia Espírito-santense de Letras e, para isso, tem continuado parcerias constantes com os órgãos que coordenam projetos culturais no Espírito Santo, como a Secretaria Estadual de Educação, o Sindicato de Artistas Plásticos Profissionais do Espírito Santo, a UFES, o IHGES, a Secretaria Municipal de Cultura da PMV, a AFEL, a Rede Estadual de Bibliotecas, o Instituto Sinca-des, a Fundação Jônice Tristão, dentre outros.

Com os recursos da Lei Rubem Braga, da PMV, a AEL pôde catalogar seu acervo, em 2008, reformar o telhado de sua sede e a pintura externa e externa, em 2012, publicar a Revista especial dos 90 anos, republicar o livro de Patronos e Acadêmicos, atualizando a edição organizada por Elmo Elton, em 1985. Em 2008, juntamente com Thelma Maria Azevedo, publicamos um Dicionário de Escritores e Escritoras do Espírito Santo, e, em 2011, republicamos “Esmaltes e Camafeus”, de Guilly Furtado Bandeira, primeiro livro de uma escritora capixaba, ambos com recursos da Lei Rubem Braga da PMV. Em 2014, conseguimos fazer nova edição do livro Patronos & Acadêmicos, com o apoio da Lei Chico Prego, da Prefeitura da Serra e nova reedição atualizada foi feita em 2019 pelo convênio com a PMV. Temos conseguido manter a periodicidade de nossa Revista há vinte e três anos, graças, sobretudo, ao apoio da Secretaria de Cultura da PMV, a que agradecemos. Da Fundação Jônice Tristão temos recebido apoio para a premiação nos concursos literários realizados durante as Feiras Literárias Capixabas, evento promovido pela Academia Feminina, juntamente com a AEL e o Instituto Histórico, e, em 2017, o patrocínio na publicação do livro “Imigração no ES” do acadêmico e historiador Gabriel Bittencourt.

A AEL, por meio de seus membros, tem representação efetiva na Lei Rubem Braga (PMV), no Conselho Estadual de Cultura, no Conselho Municipal de Cultura de Vitória, na participação e na premiação dos concursos literários públicos e privados, na análise e na apresentação de vários livros publicados no Espírito Santo, na organização de antologias, na publicação de livros, na participação em congressos nacionais e internacionais e em palestras nas escolas da rede pública e privada, seja com o projeto “A Academia vai à escola” seja de forma isolada pelos acadêmicos. Alguns de nossos acadêmicos têm recebido prêmios nacionais e internacionais; a maioria tem publicação constante em livros e artigos, em sua forma tradicional impressa, ou eletrônica. Alguns acadêmicos possuem sites e blogs literários, o que demonstra sua atualização com as novas tecnologias e sua profícua produção literária. Agradecemos ao acadêmico Pedro J. Nunes pela manutenção do nosso site e pelo projeto “Acadêmico Solidário”.

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ester Abreu Vieira de Oliveira  
*Presidente*

## Poema-passeio com Elmo Elton

ADILSON VILAÇA

*Jornalista e escritor. Professor universitário. Mestre em Estudos Literários (Ufes). Vice-Presidente da Academia ES de Letras. Vice-Presidente da Comissão ES de Folclore. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do ES.*

Como escrever a saga  
dispersa em pó e suspiros  
soterrada por esse  
relógio  
ferramenta  
mãos?

Recontar  
divi/dido  
entre o oficial e o ofício?

Redividido e reunido  
o pastoreio do tempo  
(relógio ferramenta mãos)  
ao cronista confere  
o dom fabular.

Segredo de recontar  
– silente engenho –  
reedificando em grafia  
o espaço



ar  
(quitetônico)  
de uma perdida geo.

...cidade viva / viva cidade...

À guisa de mote  
recria-se a vivacidade  
nela cabendo  
mesmo o que se consumiu  
no fogo da idade.

Sabe aquele tempo do escambo? Pois é: as pessoas intercambiavam mercadorias. Patos por ganso, cabrito por gaveteiro, dúzia de ovos por meio cento de laranjas e até presenciei, na infância de Ecoporanga, cliente dispendo-se a pagar a consulta com um galináceo! O médico não se fez de rogado, aceitou a paga e a nomeou Cocoricó. No quintal da modesta Casa de Saúde, idos do início da década de 1960, Cocoricó logo se aninhou e alinhou seu canto da madrugada aos galos de outros quintais. Virou residente oficial, sempre a flanar pelos corredores, exposto ao olhar curioso da freguesia adoentada.

No meu passeio com Elmo Elton não teve canto de galo não. Nem pio, nem penugem. Foi só mesmo um bater de pernas muito bem prosado. Flanamos de dar inveja a qualquer Baudelaire! O Centro da Ilha de Vitória pode não ser Paris, mas tinha e ainda tem seus encantos. Que tal a Rua das Flores? O Largo da Conceição? A Ladeira do Pelourinho? E a Rua do Oriente? A Rua Domingos Martins, que desapareceu no processo de gentrificação do Centro... Que pena! Que saudades passei a ter dela, sem sequer ter pisado o olhar em seu esplendor, que foi assim defenestrada pela janela da arrumação que mirava nova trama urbanística para Vitória. O tempo e os algozes da memória são mesmo demolidores implacáveis. Mas sigamos o passeio.

Antes, meia-volta. É de se perguntar, retoricamente, a fim de aplacar a curiosidade alheia: mas que encanto ou canto de galo nos levou a escarafunchar conversa naquele cada recanto? Eu e Elmo Elton, ele no

exercício peripatético, eu, de minha parte, das panturrilhas aos tímpanos a dedicar-lhe um panapaná de atenção. Foi aprendido tão colorido e pintalgado de tons a ponto de causar inveja ao mais mimético dos camaleões. Exagero? Não. Completarei a meia-volta para sanar qualquer mau-olhado que queira dissentir. Nesse quase lá exato do flashback, havemos de retornar coisa de meses, dois ou três, quem sabe quatro, por aí. Vejamos como pegou início a labareda desse passeio, até a epifania em que a dita peregrinação incendiou-se em poesia.

Na década de 1980, eu coordenava a Gerência de Comunicação do Instituto Jones dos Santos Neves. Fazíamos uma revista bimestral, editávamos alguns livros, além de folheteria da casa e de uma papelada interna de dar muito arrepio, tal aquela quantidade cuja demanda diária jamais se saciava. Daí, chamaram-me para apresentar visitante súbito, sem hora marcada. Geralmente são os melhores. Chamava-se Elmo Elton, morador no prédio que abriga o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, lá na Avenida da República, Parque Moscoso. Ele queria cometer uma publicação sobre as ruas, praças, largos e congêneres que para sempre irão pulsar no coração de Vitória. Mesmo aqueles soterrados pela engenharia da modernidade destrutiva, com sua avidez de construir ruínas e esquecimento. Pois bem: eu o ouvi. Parece que ele ainda me fala. Faça-me silente, por favor.

O livro tinha título: *Logradouros antigos de Vitória*. Quis ele desfilar palmo a palmo pelos espaços urbanos da obra. Eu disse que não carecia. Porém não dispensei sua intenção: aceitei ser ciceroneado in loco, depois de feita a leitura dos originais. Ah, sim: havia uma tal *sine qua non* – somente sairíamos ao zanzo se a publicação fosse aprovada por meu severo crivo editorial, arma da qual sacava sem espanto e sem assombro, naqueles impulsivos dias de jovem muito sabidão. O escriba topou, o superintendente do IJSN me dispensou para a rotina da repartição, meti o pé pelos corredores com os originais em mãos. Um tanto não havia sido sequer datilografado, contudo o soslaio já me garantira ser boa sua manuscritura. Legível, limpa – feito a cabeleira acinzentada daquele cronista, recomendada por algum gel e por pente a escorrer para o alto e para trás.

Aprovei a publicação. Animado pela chama autocrática de meu pente-fino nas cabeleiras desordenadas dos originais do cronista, co-

muniquei a façanha ao superintendente – chamava-se Manoel Martins, amigo de Elmo Elton, que suspirou aliviado. Então, na dança dos dias tomou a pista a contradança dos remendos. Que vaivém! Dia sim e outro também, Elmo aparecia com uma filipeta qualquer a fim de remendar esse ou aquele trecho do livro. Vivíamos na era da datilografia, havia uma central na instituição com várias profissionais diligentes e zelosas do bem escrito fazer. Todavia, elas já não aguentavam ver o fantasma impávido do Elmo assomar no umbral do departamento. Gentilmente solicitei a ele que não fosse mais diretamente ao setor: levasse até a minha sala e mesa sua demanda. Pedi que parassem as máquinas! Coleicionei as filipetas na gaveta. Com ele combinei dia D: não de Desespero, mas de Despacho final. No tal dia D, desembarquei os bilhetinhos todos de uma só vez. E então?

Marcamos o passeio, livro entregue ao processo de edição, editor e escritor livres para comemorar. O passeio começou na Barão de Monjardim, na cabeceira da artéria a que chamamos Avenida Jerônimo Monteiro. Com passo calmo e marcado por ritmo manquitolado, Elmo Elton deu provas de que sabia o DNA de quaisquer tijolos, pedras, janelas e sentimentos – mesmo aqueles arrancados e lançados nalgum monturo – das edificações, das famílias, das frinchas que um dia foram o espírito do tempo da Ilha de Vitória. Situava os nobres de linhagem, discorria por igual sobre as vidas dos esmolambados. Cada rua sua história, cada passada um remanso de memória.

A Rua das Flores? Nela moravam três moças de beleza fadária, cujos olhares dependurados nas janelas do casarão familiar colhiam os suspiros dos janotas que subiam e desciam a rua só para vê-las – a via hoje atende por Dionísio Rezendo. O Largo da Conceição? Virou Praça Costa Pereira, depois que a gentrificação naufragou sob terra a capelinha que os pescadores erigiram à Nossa Senhora da Conceição – a praia que ali existia foi sugada pelas raízes de palmeiras imperiais. A Ladeira do Pelourinho? Agora é escalada com o nome de Escadaria Maria Ortiz, heroína que tacou água fervente nos holandeses que invadiram a Ilha – pelourinho não tem mais não: embora os descendentes de escravizados continuem a sofrer açoite moral e na pele, a todo maldito santo dia. A Rua do Oriente? Foi ocidentalizada em homenagem ao Barão de

Itapemirim. E a Rua Domingos Martins, que homenageava o capixaba da Revolução Pernambucana de 1817? Sumiu do mapa, graças a demolições produzidas pelos governadores Florentino Avidos e Aristeu Borges de Aguiar – ocorreu um fenômeno dissonante no rasto de seu fim: a gentrificação tira os pobres dos locais valorizados, mas, no caso, ela era habitada por famílias tradicionais, gente de boa cepa, que foi cepada sabe-se lá para onde ou por quê. Mas devem ter levado um troco, enquanto o povaréu da Rua dos Piolhos ou os trabalhadores dos Pelames foram empurrados para a favelização dos morros ou manguezais.

Eu e o Elmo nos empurramos até o antigo Restaurante Mar e Terra – também virou memória –, na saída para o Bairro Santo Antônio, o primeiro bairro de Vitória. Era noitinha, final de dia ameno, o que facilitou nossa andança. Eu havia publicado até então somente o livro de contos *A possível fuga de Ana dos Arcos*. Elmo o elogiou. Disse que eu deveria produzir mais. Ele tinha penca de livros, era membro da Academia Espírito-santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico. *Logradouros antigos de Vitória* sempre me impressionou. Mais de década depois, eu faria a segunda edição desta obra pela Coleção José Costa, dedicada à memória e história da cidade, e que foi por mim criada na década de 90. Hoje, a coleção é levada adiante por meio de convênio entre a Prefeitura de Vitória e a Academia Espírito-santense de Letras.

Como acabou aquela remota noite? Esfogueado por incontáveis brindes, eu lhe prometi um poema, à maneira de paga do passeio. Escambamos! O poema nasceu dedicado ao cronista, abriu o livro a pedido dele, como agora abriu esta celebração. Antes de fabricar a artesanaria do poema, tive de me recuperar da bebedeira daquela noite! Que cervejada! Tomamos um porre regado a galinha ao molho pardo e quem sabe mais o quê... O trem foi brabo!

Dou receita para o tour: assenhore-se de exemplar de *Logradouros antigos de Vitória*, convide um amigo ou mais, comece na cabeceira da Jerônimo Monteiro, na Rua São João ou das Pedreiras e que virou Barão de Monjardim, faça o percurso, finalize em qualquer bar – porque o Mar e Terra, nostálgico repito, também está soterrado nas ruínas da lembrança. Aliás, ainda sobrevive o bar no térreo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, onde o Elmo abastecia sua geladeira fo-

liã. Finalize ali mesmo, pendure na conta da boa alma do anfitrião. Ou invente qualquer escambo contra o proprietário, feito o paciente que barganhou diagnóstico por canto de galo.

O espírito de Elmo Elton continua a flunar, manquitolando por aí, desassossegado de tanto céu. Quem sabe em seu passeio você depara a figura dele, impavidamente penteado com gel acinzentado, a perambular no caminho dessa tão viva cidade. Afinal, na imaginação literária, de autor e de leitor, até o impossível é passível de doma.

À memória do Elmo. Fim de passeio!

## *Professor Alberto*

ÁLVARO JOSÉ SILVA

*Jornalista. Escritor. Pertence à Cadeira 14 da AEL.*

Ele entrou em silêncio na sala de jantar e parou diante da mesa onde estava o caixão. Ficou alguns instantes olhando para a face do morto sem dizer nada. Segundo quem via, parecia rezar. Depois olhou em torno procurando pela viúva e perguntou onde ela estava. Aparentaram para o quarto pois era lá que Almerinda Villela dos Santos se encontrava deitada na cama do casal e sendo consolada por alguns parentes e amigos.

Foi para lá depois de perguntar se poderia ingressar naquele recinto. Andou devagar e seu semblante demonstrava pesar. Parou ao lado da porta, sem ingressar totalmente no lugar e foi notado por Almerinda que, alertada por pessoas próximas, dirigiu o olhar para ele. Então o visitante fez uma longa mesura com a cabeça em sinal de respeito. A viúva respondeu também por gesto e viu quando o homem saiu devagar.

O visitante ainda cumprimentou algumas pessoas que se dirigiram a ele na saída da casa de número 23 da Rua Francisco Araújo, na Cidade Alta. Depois caminhou descendo a ladeira, ultrapassando a escadaria que leva à Rua General Osório e sumindo próximo do viaduto da Rua Caramuru. Alberto Stange Júnior não havia apenas cumprido uma tarefa protocolar. Ele tinha verdadeiramente, emocionado, se despedido do imigrante português José Maria dos Santos, uma pessoa que conhecia de longa data.

E botemos longa nisso!

Muito antes daquele dia 10 de abril de 1974 ele havia conhecido José Maria como diretor recém-empossado do Colégio Americano Ba-

tista de Vitória. Era jovem. E o funcionário público pai de cinco filhos tinha sido enviado para falar com ele pela secretaria do educandário depois de dizer que teria de tirar seus filhos de lá. Não tinha dinheiro para pagar as mensalidades. Professor Alberto, lá pelos idos dos anos 1937/1938, ouviu tudo em silêncio. Depois pegou o velho português delicadamente pelo braço, levou-o de volta à secretaria e tesouraria e disse:

- O senhor José Maria paga quando puder.

Os filhos do fiscal alfandegário estudaram no Americano até terminarem o ginásio. E o pai nem sempre conseguiu quitar todos os “boletos” ao final dos anos. Quando isso acontecia, segundo ele, o Professor Alberto abonava o que havia restado, zerava a dívida para o ano próximo e era vida que seguia! Como isso acontecia na contabilidade, não fazemos ideia.

Conheci o velho professor bem antes do ano de 1974, mais precisamente dez anos antes, quando vim estudar em Vitória e fui matriculado no Colégio Americano por meus pais. Eu então zanzava sem parar entre Vitória e São Paulo. Meus avós continuavam morando no mesmo lugar e tinham mantido a amizade com o diretor do educandário. Em mais de uma oportunidade vi Alberto Stange Júnior conversando com José Maria na varanda da casa deste. E tomando um café gentilmente servido por dona Almerinda, sempre muito prestativa.

Naquele meu primeiro ano de 1964, os tempos eram politicamente nublados. Em meados de março, quando as aulas haviam recomeçado fazia pouco tempo, vivia-se de incerteza em incerteza. Para um menino que completaria 14 anos em abril, tudo era incerto. Restava ouvir os adultos para se inteirar dos fatos. Mas era sensato ouvir os adultos?

No dia 1º de abril, o professor Alberto chamou todos os alunos no pátio interno da escola. Onde se ficava na hora do “recreio”. Explicou que o Brasil passava por uma grande crise interna, o presidente havia sido deposto, um outro governo tinha assumido e deveríamos ir todos para casa por uma questão de prudência. As aulas estavam suspensas sem prazo para voltarem. Ninguém deveria ficar na rua. Também por prudência.

Como meu avô não tinha ido me pegar, andei o trecho curto até em casa devagar. Vi carros militares passando, outros da Polícia e en-

contrei minha avó lá pelo meio do caminho, pois ela corria para me pegar e levar para casa. E levou. Lá eu fiquei o resto do dia, da noite e do dia seguinte. Todos ouviam os noticiários possíveis, conferiam as informações naquele Brasil sem internet, com televisão engatinhando e jornais com informações defasadas ou já controladas. Meu avô explicou a situação brevemente: “Os comunistas foram expulsos do Brasil!” Era, naquele dia, um salazarista feliz! E que não viveria para ver o final de seu regime político em Portugal pois morreria apenas 15 dias antes da Revolução dos Cravos.

Três anos mais tarde, em 1967, quando eu voltei a estudar em Vitória mais uma vez fui chamado a uma reunião, agora no auditório da escola. Dessa vez para ouvir o professor Alberto dizer que estava passando o comando do Americano para outro diretor, o senhor Nelson Rangel. Pronunciamento curto e seguido por um ir embora definitivo. Havia terminado o tempo dele como diretor de colégio e saiu de lá cabisbaixo. Visivelmente contrariado.

Voltei para São Paulo em 1968 e retornei a Vitória no início de 1969, depois de saber que, mesmo com o AI-5, os comunistas não haviam sido expulsos do Brasil, como se acreditava cinco anos antes, sobretudo no dia dos desfiles de blindados pelas cidades do País. Como Vitória.

Somente algum tempo depois, quando comecei a trabalhar no jornal *A Gazeta*, já em fins de 1971, voltaria a estar com ele. Dessa feita na sala do diretor de redação da empresa, General Darcy Pacheco de Queiroz. Entrei para falar sobre alguma coisa relativa à edição do dia seguinte, fiz uma rápida mesura para o visitante e saí de lá. Então meu foco era unicamente jornalismo e não passava pela minha cabeça um dia vir a ser escritor. Aquela foi a última vez que vi o professor Alberto com vida. Somente muitos anos depois, entrei para a AEL e passei a conviver com a memória dos imortais. Esse que era tão importante para meu avô, alguém que permitiu à minha mãe estudar, foi um homem ao qual jamais fui apresentado formalmente e com quem nunca troquei sequer um “dedo” de prosa.

Ele nasceu em Santa Leopoldina em 1910, teve vários cargos de destaque no Espírito Santo, também foi professor da Universidade Federal do Espírito Santo, por sinal emérito. Da mesma forma, lecionou na Escola



Normal D. Pedro II, foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico do ES, secretário de Estado da Educação e o primeiro deputado estadual evangélico capixaba, além de ter presidido a Assembleia Legislativa.

Maçom, foi venerável da Loja União e Progresso e autor de obras hoje pouco comentadas como “O ciclo cósmico”, “Um sonho”, “Montanhas de Vitória” e “Folclore na Antropologia”. Parainfo de diversas turmas acadêmicas, o velho professor também fez discursos e teses. Quando morreu, em 19 de agosto de 1992, foi sucedido pelo também professor Francisco Aurélio Ribeiro que, como ele, presidiu a instituição, mas por longo tempo.

No ano do centenário da AEL, quero lembrá-lo por seu vínculo de amizade e ajuda à minha família. Afinal, com uma esposa “do lar”, o fiscal alfandegário José Maria dos Santos enfrentava mesmo grandes dificuldades para criar cinco filhos e, ao mesmo tempo, cumprir as obrigações de financiamento da casa, o primeiro da história da Caixa Jerônimo Monteiro. “As crianças”, como ele dizia, teriam tido que terminar seus estudos em outro lugar que não o Colégio Americano, não fosse a bondade de Alberto.

Meu primeiro vínculo com a Academia deu-se anos depois quando acompanhei um pouco de perto a luta do também jornalista José Luiz Holzmeister para ingressar em nossa instituição. Consegui e, antes da eleição, eu pude vê-lo em várias ocasiões na sala do general Darcy, um tanto afobado, falando sobre as idas e vindas da luta pelos votos dos imortais. Novamente não tinha como imaginar que mais tarde, ambos já tornados saudade, eu entraria na AEL, ironicamente convidado a concorrer pelo professor Francisco Aurelio Ribeiro. Logo o sucessor de Alberto Stange Júnior...

Por isso, num dos dias em que o ex-diretor do Americano tomou café na varanda da frente da casa da Rua Francisco Araújo e papeou longamente com José Maria, deixou o local sendo homenageado. Meu avô, que havia se esquecido de me apresentar a ele, mesmo depois deste ter cruzado minha vida duas vezes no Americano, olhou-me meio emocionado enquanto acompanhava a saída do amigo e disse, quando o professor já ia embora:

- Devo muito a esse homem!

## *À Guisa de uma biografia: Maria Helena Teixeira de Siqueira, a primeira mulher Vice-presidente e Presidente da AEL*

ANAXIMANDRO AMORIM

*Advogado, professor e escritor. Mestrando em Estudos Literários da Ufes. Detentor da cadeira 40 da AEL (Patrono: Antônio Ferreira Coelho).*

Fundada em 1921, a Academia Espírito-santense de Letras (AEL) só passou a admitir mulheres em seus quadros sessenta anos depois, em 1981, com a entrada da deputada Judith Leão Castello Ribeiro. De lá para cá, a AEL conta com algumas escritoras em seus quadros. São grandes intelectuais que se destacam em suas áreas e, também, em seu trabalho em prol da cultura. Uma delas foi, indubitavelmente, Maria Helena Teixeira de Siqueira.

Maria Helena era gaúcha de Porto Alegre, nascida a 20 de abril de 1927. Eu a conheci em 2001, quando fui admitido para os quadros da extinta “Academia Jovem Espírito-santense de Letras” (Ajel). “Dona Maria Helena”, como sempre respeitosamente a chamei, era uma senhora bonita, de pele clara, cabelos tingidos de loiro e voz grave que sequer conseguia esconder o sempre marcante sotaque gaúcho. Sua sisuda expressão inicial dava lugar a uma ternura que ela certamente só reservava aos de que mais gostava. Felizmente, eu era um deles – e era recíproco!

A escritora foi bacharel em Filosofia, com opção em Letras Neolatinas-Espanhol, pela PUC do Rio de Janeiro e Bacharel em Direito pela Ufes, com especialização em Direito Empresarial pela mesma instituição. Teve, portanto, uma carreira dividida entre as Letras e as Leis.

Na área de Letras, foi professora de Português e Espanhol no Colégio Estadual de Vitória, tendo lecionado, também, Português, além de ter-se tornado Chefe do Departamento de Pedagogia e Apoio Didático da antiga Escola Técnica Federal do Espírito Santo, atual Ifes.

Na parte jurídica, sua atuação se mescla com a da família de seu esposo. Maria Helena foi casada com mineiro Geraldo Siqueira, de Mutum, descendente de uma família de fazendeiros, comerciantes e industriais, ligado às Indústrias Tristão, de produção e exportação de café, no Espírito Santo. A relação com o mundo dos negócios, no entanto, não afastou a autora do universo cultural: Maria Helena Teixeira de Siqueira foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES); da Academia Feminina Espírito-santense de Letras (Afel), detentora da cadeira 16 (patronesse Sylvia Meyrelles da Silva Santos), tendo presidido aquela instituição; e, por óbvio, da AEL, sendo-lhe, também, presidente, aliás, a primeira mulher na história desta instituição a presidi-la, de 2002 a 2004, continuando o legado de Judith e de tantas outras mulheres que venceram preconceitos e tabus para se afirmar na nossa literatura.

Sua produção literária foi extensa, com contos, crônicas (ela foi, durante um período, cronista regular do jornal “A Gazeta”) e poemas, com predileção para o haicai. O espírito professoral e o amor pelas crianças fizeram com que ela se lançasse, preferencialmente, para o infantojuvenil. Desta feita, lançou, em 1991, “O gato que desejava ser rato”, primeiro livro da categoria a ser totalmente produzido, no Brasil, em papel reciclável; “Joaninha faceira”, no ano seguinte, que contou, em 1999, com uma edição bilíngue (português-espanhol) e “Ora bolas”, de 1996; como poeta, publicou o livro de haicais “A céu aberto”, edição bilíngue português-italiano, em 2000), do qual colhemos este texto: “alço-me ao mar/ com as asas abertas”... como um anjo...” (uma trina que tanto nos lembra uma tradição simbolista, com um desejo de liberdade, num onírico que, para nós, muito tem a ver com um desejo de transcendência, de superação da autora, cujo motivo mostrarei mais abaixo); Além disso, ela foi coorganizadora de antologias como “Escritos entre dois séculos”, de 2000, junto com o também imortal da AEL Miguel Marvila, parceria que se repete em 2001, na antologia “Alguns de nós”, reunindo escritores radicados no ES. Siqueira publicou seu último trabalho auto-

ral em 2006, pela extinta Flor&Cultura, com o livro “Janelas Abertas”, de contos e crônicas.

Como membro da AEL, Maria Helena participou de várias antologias e da organização de eventos e concursos culturais. Assumiu como (primeira mulher) vice-presidente, em 1997, na chapa encabeçada por Francisco Aurelio Ribeiro, com a difícil missão de reorganizar a situação jurídica e fiscal da instituição, que devia, à época, um IPTU de mais de R\$ 30 mil. Após um hiato de sete anos, a “Revista da AEL” volta a ser publicada; em seu período como Vice-presidente. Eleita Presidente, em 2001, Siqueira muda o formato da revista, para 15x21cm, com projeto gráfico do conhecido *designer* Ronaldo Barbosa, que se manteve por dez edições.

Maria Helena Teixeira de Siqueira faleceu em 16 de janeiro de 2010. Ela foi velada e enterrada no Cemitério de Santo Antônio, na capital capixaba. Lá fui eu, dar meu último adeus àquela que, então, já considerava uma amiga. Um belo dia, em um dos tantos eventos literários, ela olha para mim e dispara: “Você faz lembrar o meu filho!”. Sem entender, procurei a explicação: ela havia perdido dois filhos e, creio, aquela era a forma que ela tinha de “adotar” os amigos mais jovens (e, quem sabe, motivo, também, para escrever sobre esses “anjos”, esses filhos, certamente, temas de suas poesias?). Desde então, sempre nos falávamos com muita cortesia e carinho.

Omiti propositalmente um detalhe: Dona Maria Helena era detentora da cadeira 40 da Academia Espírito-santense de Letras, cujo patrono é Antônio Ferreira Coelho. Isso faz com que, automaticamente, eu seja seu sucessor. É de se lembrar que a AEL original contava com vinte cadeiras, sendo que as dez do meio foram criadas em 1938 e as dez últimas, em 1939, sob a presidência de João Dias Collares Junior, para que a instituição pudesse se adaptar às exigências da Federação das Academias de Letras do Brasil, com sede no Rio de Janeiro. Nossa cadeira, a “última”, é, portanto, “nova”, tendo tido, até então, apenas um detentor: o desembargador Manoel Xavier Paes Barreto Filho, sucedido, portanto, por Maria Helena. Outra característica interessante é que, até hoje, todos os três detentores dessa carreira têm formação jurídica: Manoel, Maria Helena e eu.

Eu contava com apenas 31 anos e três livros publicados, quando fui convencido pelos meus pares a concorrer a uma cadeira na AEL. Já frequentava a instituição como um visitante, atento aos eventos, colaborando como podia. Na época, duas cadeiras estavam vagas. Uma, da minha amiga. Senti o peso de preencher aquela vaga, ocupada por um quadro tão importante. No meu íntimo, então, pedi a ela, onde quer que estivesse, para me ajudar. Se eu fosse aprovado, teria “dedo” dela. Funcionou. Quem, lá em cima, não se deixaria convencer por Dona Maria Helena?

É tradição, nas Academias de Letras, de o atual acadêmico, detentor de uma cadeira, reverenciar a memória dos antecessores. Não há assunto mais pertinente em uma revista que celebra um século de uma tão importante instituição cultural como a Academia Espírito-santense de Letras. Faço, aqui, minha parte. E mais: lembro-me que, um ano depois da minha posse, fui convidado, em um ciclo de palestras da Afel, a falar sobre ela. Cheguei a apresentar, durante um período, um programa de televisão, em um canal a cabo, sobre literatura brasileira do Espírito Santo. Levei uma parte de uma entrevista que fiz com ela, para fazê-la rediviva, assim como tento, neste cândido texto de reverência a alguém que, certamente, deixou sua marca em nossa instituição.

## *Discurso de Recepção a Wanda Maria Alckmin, em 06 de dezembro 2011*

*ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA*

*Presidente da AEL- 2019-2022.*

Boa Noite, Excelentíssimo Presidente da Academia de Letras, Dr. Gabriel Bittencout, demais membros da mesa, prezadas Acadêmicas, prezados Acadêmicos, Senhores e Senhoras.

Mais uma vez, este ano, a Academia de Letras do Espírito Santo está em festa e, nesta noite, apresento-vos uma nova acadêmica: Wanda Maria Bernardo Capistrano Alckimin. Quem é ela? Ela mesma se define no poema “Ponto final”, p. 90, de *Nós d`água*. “Vim de Minas /num barco de sonhos /que eu mesma construí. /Ericei velas/ vi terra a vista,/ descí./ Encontrei vida/ fiz mais vidas,/ plantei árvores/ colhi./ Escrevi meus versos./ Sou/ a constante/ e a inconstante/ aprendiz”.

Mitos e religião, códigos e tabus sempre fizeram a separação de gênero e estabeleceram fronteiras sobre o papel que deveriam desempenhar a mulher e o homem. O papel das mulheres na cultura é contraditório e ambíguo como atestam os estudos antropológicos e sociais. Há uma direção constante para o casamento, para a reprodução e para os cuidados do lar, para uma vida na intimidade. A elas são atribuídos poderes sobrenaturais como adivinhas, profetisas e feiticeiras. Aproximam-na a ciclos e partes da natureza.

Os deuses masculinos são dominadores e estão relacionados a fenômenos naturais fortes (trovão, raio) e ao astro solar, à luz e ao calor, à fundação da humanidade. Essas potências se atribuem a Tupã, a Júpiter, a

Zeus e a Apolo, o deus mais importante, na Grécia, depois de Zeus, identificado com o sol e a luz da verdade. A esse deus cabe presidir as artes e as ciências, inspirar os governantes e restabelecer a paz entre os homens.

Enquanto as deusas femininas, identificadas quase sempre como uma deusa mãe (ou deusa-mãe – Mãe Terra) são deidades de fertilidade, personificação da Terra, se relacionam com a vida, com a fertilidade da natureza, com a procriação, com os alimentos e com pouca luz e calor como a Lua. Entre algumas divindades estão Araci, entre os Guaranis, Jaci, entre os Tupis, protetora dos amantes e da reprodução; Clio, entre os gregos, musa da história e da criatividade, preside a eloquência e protege as relações políticas entre homens e nações, Cibele, nas civilizações grega, romana, egípcia e babilônia, Deusa Mãe, Geia, ou Gaia, a Mãe Terra, de quem nascem todos os protodeuses (Urano e os Titãs) e as protodeusas (Reia, mãe de Zeus).

Quanto ao papel desempenhado pela mulher, que a princípio é tímido no meio literário, pode-se afirmar que ganha destaque a partir do século XIX, quando aparecem mais publicações femininas, ainda que timidamente, mas os espaços das Academias de Letras continuam a ser terreno dos homens e não são frequentemente preenchidos por mulheres, até o princípio do século XX, pois mesmo nessa época considerava-se a literatura feminina um conjunto de histórias comoventes ou poesias apaixonadas, cujo conteúdo excessivamente pessoal, não interessava às pessoas de “intelecto” mais apurado (em geral os homens).

O termo “academia” remonta a Platão, era um lugar que se buscava, pela dialética socrática o saber pelo questionamento e pelo debate. Com esta idéia de debates, surgiram algumas instituições literárias. Na França, entre as décadas de 1620 a 1630, pode-se dizer que a Academia de Letras foi a pioneira. No Brasil, A Academia Brasileira de Letras foi fundada no Rio de Janeiro em 20 de julho de 1897 por escritores como Lúcio de Mendonça, Machado de Assis. Nela não se permitiam acadêmicas femininas. A primeira mulher a fazer parte, entre os seletos escritores brasileiros, foi Rachel de Queiroz, em agosto de 1977. Logo na segunda metade do século 20, e, em 1996, Nélide Piñon, eleita presidente, tornou-se a primeira mulher a presidir essa Academia.

Também, entre nós não foi muito diferente. Em setembro de 1921, foi fundada a Academia Espírito-Santense de Letras e dela só podiam

participar intelectuais masculinos. A abertura dessa cláusula foi quebrada, quando Judithe Leão Castelo, em 1981, tomou posse da Cadeira nº 12, atualmente ocupada pelo escritor e historiador Gabriel Bittencourt. A segunda mulher e atual decana, que faz parte dessa plêiade de escritores e escritoras é Neida Lucia Moraes e Maria Helena Teixeira de Siqueira, em 2002, foi a primeira presidenta dessa Academia.

Em 18 de julho de 1949 com o apoio dos Acadêmicos da AESL, como um apêndice dela, foi fundada a Academia Feminina Espírito-santense de Letras e até então se encontram nela só escritoras. Há nessas determinações uma postura naturalista que coloca a situação dos seres humanos como analógica à natureza, como se vê nos mitos e nas religiões. Nesse sistema falocêntrico que é transmitido, logocentricamente, a partir da tradição oral da cultura, institui-se um cânone que privilegia determinados seres – homens - de determinada raça – brancos – e de certa classe social – ricos. Assim muitos se vêem excluídos de estudos acadêmicos, de editoras, de cânones literários.

Senhor Presidente, Senhores e Senhoras, minha agradável missão hoje é falar-vos de Wanda Maria Bernardo Capistrano Alckimin, a neo-acadêmica, logo da escritura feminina na qual pode vir a emergir de alguma forma o desejo da mulher. Ao escrever, a mulher expressa a sua sensibilidade a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação próprios com uma temática afetiva, delicada, sutil, frágil ou doméstica e de uma vida de sua livre escolha, que frequentemente não se encontra incluída dentro do universo da literatura mundial mais ampla, como já vos falei e é pouco discutida a sua qualidade, pouco aprofundadas suas características e pouco conhecidas do público em geral. No Brasil, a exceção é pouca. Uma delas é a autora Cora Coralina, que se achava mais doceira que escritora. Escrevendo contos, crônicas e poesia, ela se impôs no cenário intelectual brasileiro, desestruturando espaços não pertencentes às mulheres, rompeu paradigmas discursivos dos homens, introduziu-se na História, que antes silenciava as mulheres.

Para a solenidade de hoje, tive a honra de ser convidada pela neo-acadêmica para vos apresentar uma mulher como um dos membros dos Acadêmicos e das Acadêmicas que convivem na Casa Kosciuzco Barbosa Leão, na Cidade Alta, na Praça João Clímaco. Wanda Maria Bernardo



Capistrano Alckimin é natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, e há 40 anos reside em Vitória onde se formou em Artes Visuais na UFES. Em 1994 recebeu o título de Cidadã Espírito-santense da Assembleia Legislativa, indicação do deputado Teteco, pelos trabalhos voluntários que prestou á comunidade.

Em nosso Estado, pertence a instituições culturais como a AFESL, na qual já ocupou o cargo de Vice-Presidente, ao IHGES, à Associação de Jornalista e Escritores do Brasil, à Academia Brasileira, aos Estudos e Pesquisas Literárias de Brasília e ao Clube da Trova de Cariacica. Wanda, essa moça alta, bonita, gentil, possui formação Holística. Dela emanam paz e harmonia, que se mostram em sua aparência tranquila. Os cursos de desenhos e a profissão de Artes Visuais apuraram-lhe o gosto pela arte, já imanente, o que confere a seus livros e a toda a exposição que faz apresentação artística de qualidade.

Não destacarei aqui a pessoa de Wanda: filha devotíssima, mãe e avó de carinho extremoso, amiga sincera, delicada e afetuosa com todos os que a procuram. Ainda que para falar da sensibilidade e da poesia da intelectual, não se possa deixar de mencionar a mãe, a mulher e a filha, pois é nesses aspectos que se mostra Wanda em sua obra poética, que nos fala de amor, de solidão e da natureza com a qual frequentemente se identifica: “Acho-me parecida com a terra: eu preciso da chuva, do sol e de suas tempestades para continuar...”, dessa forma coloca a sua epígrafe em *Pedaços de mim* (1988). Na última revista da AESL, a deste ano, em uma edição especial de aniversário de 90 anos, cujo tema predominante é a ecologia, se encontra o poema da Wanda TERRA VIVA. Nesse poema, Wanda se identifica, poeticamente, nas qualidades que se apresenta a natureza:

Faça-me livre  
eis-me poeta  
Faça-me verde  
eis-me floresta  
Faça-me puro  
eis-me ar  
Faça-me alado

eis-me pássaro  
Faça-me calmo  
eis-me lago  
Faça-me determinado  
eis-me rio  
Faça-me profundo  
eis-me mar  
Faça-me tesouro  
eis-me montanha  
Faça-me alimento  
eis-me grão  
Faça-me transparente  
eis-me água  
Faça-me preservação  
eis-me responsabilidade  
Faça-me atento  
eis-me solidariedade  
Faça-me reflexão  
eis-me Terra.

Mulher Literária e com preocupação humanitária, foi levada a trilhar o campo de trabalhos sociais voluntários na Pestalozzi, durante 10 anos, e em um ano participou de atividades nas ruas do centro de Vitória com crianças abandonadas procurando despertar-lhes o gosto pela leitura, promovendo brincadeiras de teatro, cantigas de roda entre outras atividades ocupacionais artísticas e literárias. E, ainda, durante um ano, participou de um projeto para Mães Carentes, promoveu atividades que lhes desenvolviam a escrita e a leitura e pronunciou-lhes palestras sobre o uso de anticoncepcionais e da prevenção do uso de droga e sobre temas que lhes despertassem autoestima. Ainda, durante dois anos, prestou serviços de leitura no Instituto Braille, proporcionando aos não videntes um alargamento do mundo, magnetismo que nos proporciona os livros. Hoje tem um projeto de realização de oficinas no Tucum para levar seus versos em bordados, do livro *Entrelaço*, poemas em oração, às presidiárias.

Essas facetas de Wanda Maria, escritora e humanitária, permitem-nos irmaná-la ao projeto de vida de seu antecessor Antônio Coelho Sampaio. Porém, não pretendo aqui dar destaque a essa figura ímpar de Wanda, mas à da intelectual, à da escritora zelosa pela língua portuguesa que procura educar socialmente o indivíduo e estimular a extensão de leitores. Pois, além de suas participações em trabalhos sociais, escreveu livros poéticos - didáticos para leitores infantis e, em 1995, um normativo *Decretos da criança*. Possui, também, visando a esse público mirim, as obras inéditas *Vovó chuva* e *Vovô Vento*.

Na carta aos acadêmicos, de 16 de junho deste ano, declarou que trata a vida literária “com seriedade e responsabilidade” e cita sua atividade literária/ didática/social: “levo a escrita às escolas de ensino fundamental e médio, motivando alunos a desenvolverem através dela, outras expressões, tais como o teatro, a dança a música, a instalação, a performance, a pintura e o desenho”. Sem dúvida, essa seriedade não é só sua pretensão para um futuro, pois foi sempre sua atuação. Uma afirmação dessa característica é ter obtido, em vários concursos literários no país (Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Espírito Santo, Minas Gerais) textos premiados.

Wanda tem participado de eventos culturais no Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais e, por suas atuações como escritora, foi agraciada não só com prêmios, mas também com votos de louvor por publicação de contos, poemas e por lançamentos de livros e recebeu elogios de escritores de renome como de Geraldo Guerra, Membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais que sobre ela disse: “[...] ela nos oferece o seu carinho, traduzido em poemas que nos falam de amor e de sonhos, envoltos pela saudade [...]”. Seus poemas obtiveram elogios de Acadêmicos da AESL, de renome, como Elmo Elton, Renato Pacheco e Almeida Cousin. O primeiro disse que “Wanda Maria escreve seus poemas guiada apenas pela voz do coração, pelas emoções que mais lhe têm marcado o caminho. Versos escritos em linguagem espontânea, sempre unvida de sentimento.”

Wanda possui participação com poemas e crônicas em várias antologias, tanto internacionais, quanto estaduais e nacionais, que perfazem mais de duas dezenas. Entre elas há participação em *Escritos de Vitória*

e em todas as antologias publicadas pela AFESL, desde 1992, quando se fez Acadêmica, chegando a ser Vice-Presidente. Tem colaborações em jornais como *A Gazeta*, *A Tribuna*, *Letras Santiaguerra*, *Estado Novo*, *Jornal AEI*, *Folha Verde*, *O tempo* e *Boletins Informativos*, além de várias obras de poesia e de contos, que trazem temas sobre o amor à vida, ao amor, à natureza e à família e estímulos a um futuro melhor. Com esses temas ainda se encontra no prelo *Contos que não contei*.

Em sua obra poética *Simplemente Wanda Maria*, (1986) dedicada a seus pais, a autora se mostra mãe, filha e mulher, sonhadora e apaixonada, porque “O sonho é gostoso,/ embalo dengoso/ que a gente jamais quer deixar/ de sentir.” (p. 15). Nessa obra o eu poético filosofa sobre a dualidade da vida: de uma parte, o lado prazeroso “onde o caminho é tão fácil e da outra parte, o lado triste, “onde o amargo da vida/ brota no preto da tristeza “ (p. 21). Com a utilização de uma prosopopeia, questiona: “Por que, mundo/ você é um vaivém constante?”(p. 15).

Em 1988, Wanda publicou a obra poética *Pedaços de mim*, com o apoio da Lei Sarney. Na p. 47, ela presta uma homenagem póstuma ao escritor Elmo Elton na elegia **O poeta foi embora**. Cito a primeira estrofe:

Ansiosa agarro seus livros,  
lendo tudo que ele escreveu,  
perguntando àquelas páginas amarrotadas:  
- onde está o criador de vocês?  
E as letras embaralhadas  
contando umas às outras todas soltas  
dizem tristes, desamparadas: - ele já se foi.

Na obra poética *Canto Branco* (1991), com 109 páginas de poemas e seis de reflexões poéticas, a autora mostra a sua preocupação em desvendar a sua alma e medita. Por isso diz: “Sorrir para o seu interior é como dar gargalhadas para o mundo” ou “Estou sempre fragmentada e inteira. É nesta guerra interior que desfruto a paz que procuro.” E explica; “Querida que o Canto Branco fosse [...] uma descoberta desse canto interno que trazemos todos e que bem poucos sabem qual é a sua melodia...”.

Em 1993, lançou *Entrelaço* - um poema-oração. E, nesse mesmo ano, essa obra foi publicada em braile, tornando-se a primeira obra nessa linguagem publicada no Brasil, segundo dados que ela me forneceu. Em português e espanhol, escreveu *Resgate – Rescate* (1993). Encontrase no prelo outra edição bilíngue português-francês dessa obra. Segundo a autora, “a sua essência [está] na chama da salamandra e na cinza do Fênix” Esse livro traz uma dedicatória, muito característica da personalidade cooperativa e dadivosa de Wanda: “a todos que têm força e coragem de resgatar a sua essência”. No prólogo e no prefácio dessa obra, escritos por Marcus Accioly, se encontra a síntese do poetizar da escritora: “Wanda não explica nem se explica. Ela tece o poema – rede branca de palavras – como a aranha tece a teia.”

A essência humanitária de Wanda se revela nessa obra ao procurar que os homens meditem. Com seus versos procura salvar o homem da mecanização para levá-lo a sonhar e para esse fim não basta o que dizem seus versos, suas palavras, suas verdades, seus haikais, e, por isso, acrescenta pensamentos de Bashô “não siga os antigos. Busca o que eles buscam”, e os de Gilbrandi, de Pierre Weul e de Tagore. Numa intertextualidade com a Branca de Neve, estimula o homem a buscar sua essência “Espelho/ espelho meu,/ revele pelas linhas dos meus olhos:/ quem sou eu?” e se mostra em sua essência (p. 27) “Tirei máscara/ tirei fantasia/ retirei todo excesso de mim mesma:/ agora estou comigo/ a sós”.

Em dois versos, reproduz o erotismo humano: “Fogo e calor:/ eis o ritual do amor”. Preocupações ecológicas e demonstrações filosóficas sobre o eterno reviver natural ressurgem em sensíveis haikais como: “Borboletas e abelhas/ voam no jardim:/ conheça as flores” ou como “Sou vento/ sou pólen:/ sou flor novamente”. Ainda em 1998, sai a público um livro de poemas – orações, com a coautoria de Maria do Carmo Marino Scheneider: *Ave Marias* – poema para rezar que, em 2004, teve uma segunda edição. No prólogo, Carlos Bússola declara que as poesias “devem ser lidas no silêncio da mente quando o coração busca a paz do Infinito, do Eterno” e que nos versos se encontram “a melhor parte de nós, isto é, o nosso Deus interior que é a Força vital que nos faz existir e nos ajuda a caminhar nesta peregrinação terrena até o dia em que nos seja desvelado o grande Mistério da vida [...]”.

A obra traz ilustrações com figuras da Virgem, Criação do Mundo, Cristo, anjo de obras de famosos pintores: Lorenzo Mônaco, Michelangelo, Rafaello, El Greco, Fra Angélico, Bellini, Jan Van Eyck, Tiziano, Botticelli, Thierry Bouts e Van Der Weyden. As poetisas se unem, podem-se dizer como almas gêmeas. Identificam-se nos poemas. Ficamos sem saber de quem é este ou aquele poema, o que nos leva a deduzir: ele é das duas e de todos nós leitores que nos sensibilizamos com a oração que manifestam nos versos.

Em 1999, Wanda nos apresenta outra obra bilíngue, agora português e francês, em uma coletânea de textos de poetas capixabas, *Mistral*. Nesse livro encontram-se 10 poemas de Wanda. Na p. 138, no poema Viagem, o eu poético sensível se identifica com a natureza: “sou mar, sou praia, sou brisa” e se veste com as variadas cores do arco-íris, ou vem vestida de sol e chuva ou é “barco de vela branca/ solta no mar-oceano/ conduzida pelos ventos”.

Ainda em 1999, Wanda participou de uma coletânea poética bilíngue português e italiano, *Canzoni d'amore*. Nos poemas, como registra o título, há uma delicada amostra de erotismo. Os versos e estrofes são variados. Exemplos são:

#### FELICIDADE

Veio,  
abrindo-me os sonhos,  
destruindo os rótulos.  
Apenas veio  
e me fez feliz.

#### PAIXÃO E AMOR

Eu sou a paixão  
que devora tudo,  
que consome e que arrasa.  
Eu sou o amor  
que é tudo:

o fogo, o ar, a terra e a água.  
Eu sou o que descompensa  
o cego desvalido.  
Eu sou a mão que se estende  
e lhe oferece abrigo.  
Eu sou o fogo  
que propaga no sexo  
labaredas de desejo.  
Eu sou o calor  
que alimenta o sonho,  
o acalanto e muitos beijos.  
Eu sou o vinho.  
Eu sou a água.  
Eu sou a ilusão  
que embriaga a vida.  
Eu sou a vida  
ou não sou nada.

Em 2002, foi apresentado ao público com mostras de eslaides poéticos/artísticos, no dia de autógrafo, *Mulher de Urano*. Nele estão desenhos artísticos de várias mandalas, que servem de autoajuda para o leitor. Nesse livro, Wanda faz uma dedicatória aos seus filhos e “às pessoas que ousam ser felizes”. Os poemas foram escritos com o objetivo de provocar no homem a interiorização e a exteriorização numa busca de sua essência e de encontrar o cerne e a unidade do universo. Nessa atuação o homem vai se tornar um voyeur de si mesmo. Na p. 35, justifica-se no poema:

Por isso  
e por tudo isso  
eu aprendi  
a conhecer o dentro.  
E ao viver  
esse sentimento  
pude perceber

e dizer-lhe em tempo:

- É preciso ousar,  
saltemos!

Segundo explicação da autora, p. 67, “Mulher Urano é a restauração do “eu” interior” e “as mandalas e o trabalho de meditação, [porá o leitor] em contato com o seu “eu interior! E o ajudará a restaurá-lo, a emergi-lo em, direção à luz.” Para Marilena Soneghetti, “Wanda descobriu na ‘Mulher Urano’ seu protótipo modelo, inspiração”.

Em toda a obra de Wanda, Eros está em sua ampla significação e, em *Mulher de Urano*, p. 18, ela resume em três versos o objetivo do amor:

Não adianta  
sentir o amor,  
se nós não o manifestamos.

Em 2004, lançou as obras infantis *Mamãe Lua e Papai Sol* – contada em verso de 9 sílabas -, nas quais sublinha, poeticamente, os percursos do astro Sol e do planeta Lua e os seus efeitos sobre os seres terrestres.

Em 2006, publicou, com a poesia – performance fotográfica *Nós d’Água* e, em 2009, a história infantojuvenil *As sete alegrias de Nossa Senhora* com o apoio da Lei de Incentivo Municipal de Vitória – Rubem Braga e do patrocínio de Murad Consultoria de Treinamento. Nessa obra uma vovó conta a história do Convento Nossa Senhora da Penha, enquanto sobe com a neta a Ladeira de peregrinação do Convento da Penha. É uma obra de narração de fatos da história capixaba e de delicada poesia mística, que relembra as sete alegrias de Nossa Senhora: Anunciação do anjo, a Visita a Santa Isabel, o Nascimento, a Adoração dos Reis, o encontro de Jesus junto aos doutores, a ressurreição de Jesus e a Assunção de Nossa Senhora.

Wanda, na carta aos acadêmicos e às acadêmicas, declarou, numa espécie de juramento, que seria “ativo membro” e que tentaria contribuir “em prol da literatura no Espírito Santo”, uma das condições *sine qua non* desta Academia, mas, pelo que relatei, tem sido a sua manei-



ra de ser literata. Pela profícua atuação social/literária de Wanda Maria Bernardo Capistrano Alckimin, pela capacidade empreendedora, por sua vontade de unir pessoas, a sua entrada na Casa Kosciuzco Barbosa Leão, que desde agora será também sua, traz alegria e deixa em festa nosso coração.

Portadora da voz dos acadêmicos que nela se reúnem, afirmo-vos que nós, Acadêmicos, estamos felizes, em tê-la como confreira, pois por suas atuações literárias e sociais, que a permitem continuadora de seu antecessor, Antonio Sampaio, engrandecerá a Academia Espírito-santense de Letras. Assim, Wanda Maria Bernardo Capistrano Alckimin, como foi dito em minha entrada nesta Instituição, parodiando o Prof. Francisco Aurelio, sendo o porta voz o prof. Miguel Depes Talon, “Venha que a Casa é sua”. Tenho dito.

## *A Centenária Academia Espírito-santense de Letras (AEL) e um dos seus presidentes*

Para chegar até o seu centenário, a AEL passou por várias modificações e alteração no seu número de participantes.

PRIMEIRAS ATIVIDADES – Datas significativas. OS PIONEIROS

IDEALIZADORES: O Advogado e Parlamentar Alarico de Freitas, o jornalista Sezefredo Garcia de Rezende e o professor Elpídeo Pimentel.

31 JUNHO DE 1921 - CLUBE DOS BOÊMIOS - Reunião com o núcleo fundador e decisão da nomenclatura: ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS e de que haveria vinte vagas.

### ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

1. Antônio Ferreira Coelho
2. Aristeu Borges de Aguiar
3. Aristides Freire
4. Dom Benedito Paulo Alves de Sousa

5. Cassiano Cardoso Castello
6. Luiz Adolpho Thiers Velloso

Incluídos por solicitação de Dom Benedito Paulo e Thiers Velloso:

7. Alarico de Freitas
8. Elpídeo Pimentel
9. Sezefredo Garcia de Rezende

*24 de agosto* - Reunião de eleição da nova diretoria e decisão para elaboração do estatuto a cargo dos dois secretários.

Presidente: Dom Benedito Paulo Alves de Sousa

Primeiro Secretário: Elpídeo Pimentel

Segundo Secretário: Sezefredo Garcia de Rezende

*28 de agosto* – entrega aos acadêmicos do estatuto elaborado para prévia leitura.

*04 de setembro* – Aprovação do Estatuto e determinação do dia do marco da fundação da ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS.

*27 de novembro* - Aprovação do Regimento Interno, elaborado por Aristeu Borges de Aguiar.

*20 de agosto de 1922* - Reunião para decisão de preenchimento das vinte vagas e decisão de que a Sessão Magna seria no dia 28 de setembro para posse dos acadêmicos da academia recém-fundada e constituídos os respectivos Patronos das Cadeiras.

1. Afonso Cláudio de Freitas Rosa – Cadeira 1
2. Afonso Correia Lyrio – Cadeira 2
3. Alarico de Freitas – Cadeira 3
4. Álvaro Henrique Moreira de Sousa - Cadeira 4
5. Antônio Ferreira Coelho - Cadeira 13
6. Archimimo Martins Mattos – Cadeira 6
7. Aristeu Borges de Aguiar – Cadeira 7
8. Aristóbulo Barbosa Leão- Cadeira 8
9. Aurino Quintais – Cadeira 9
10. Dom Benedito Paulo Alves de Sousa - Cadeira 10

11. Cassiano Cardoso Castello – Cadeira 11
12. Elpídeo Pimentel – Cadeira 12
13. Heráclito Amâncio Pereira – Cadeira 5
14. Jair Tovar – Cadeira 20
15. José Barrros Wanderley – Cadeira 14
16. José Madeira de Freitas (Mendes Fradique) Cadeira 15
17. Luiz Adolpho Thiers Velloso – Cadeira 16
18. Manoel Lopes Pimenta – Cadeira 17
19. Manoel Teixeira Leite – Cadeira 18
20. Sezefredo Garcia de Rezende – Cadeira 19

#### PATRONOS DESSAS CADEIRAS

- Cadeira 1 – Marcelino Pinto Ribeiro Duarte  
Cadeira 2 – Graciano dos Santos Neves  
Cadeira 3 - João Clímaco de Alvarenga Rangel  
Cadeira 4 – Ulisses Teixeira da Silva Sarmiento  
Cadeira 5 – Amâncio Pinto Pereira  
Cadeira 6 – Bernardo Horta de Araújo  
Cadeira 7 – José Fernandes da Costa Pereira Junior  
Cadeira 8 – Dom Fernando de Souza Monteiro  
Cadeira 9 - Aristides Brasileiro Barcellos Freire  
Cadeira 10 – Padre José de Anchieta  
Cadeira 11 – Deocleciano Nunes de Oliveira  
Cadeira 12 – Gonçalo Soares de França  
Cadeira 13 – José Marcelino Pereira de Vasconcellos  
Cadeira 14 – Domingos José Martins  
Cadeira 15 - José Colatino do Couto Barroso  
Cadeira 16 – Francisco Antunes de Sequeira (Filho)  
Cadeira 17 - José de Mello Carvalho Moniz Freire  
Cadeira 18 – Mons. Eurípedes Calmon Nogueira da Gama Pedrinha  
Cadeira 19 – João Motta  
Cadeira 20 – Antero Pinto de Almeida

18 de setembro de 1937 – Reunião para preenchimento de vagas de acadêmicos falecidos:

Carlos Xavier Paes Barreto – Cadeira 1

Abner Mourão – Cadeira 11  
Augusto Emílio Estellita Lins – Cadeira 13  
José Coelho de Almeida Cousin – Cadeira 16

*21 de junho de 1938* - Elevadas as Cadeiras para 30, tomaram posse:

Alvimar Silva - Cadeira 21  
Carlos Nicoletti Madeira - Cadeira 22  
Beresford Martins Moreira - Cadeira 23  
Antônio Pinheiro – Cadeira 24  
Ciro Vieira da Cunha – Cadeira 25  
Ernesto da Silva Guimarães – Cadeira 26  
Eurípedes Queiroz do Valle - Cadeira 27  
João Dias Collares Junior – Cadeira 28  
Abílio Chrisóstomo de Carvalho - Cadeira 29  
Serynes Ferreira Franco – Cadeira 30

#### PATRONOS DESSAS CADEIRAS

Cadeira 21 - Manoel da Silva Borges  
Cadeira 22 - Misael Ferreira Penna  
Cadeira 23 - Raymundo José Guterres Valle  
Cadeira 24 - Moacyr de Moraes  
Cadeira 25 – Antonio Vieira Motta  
Cadeira 26 – Christiano Vieira de Andrade  
Cadeira 27 - Afonso Cláudio de Freitas Rosa  
Cadeira 28 – Luiz Adolpho Thiers Velloso  
Cadeira 29 – Virgílio Rodrigues da Costa Vidigal  
Cadeira 30 - Jonas Meira Bezerra Montenegro

Em 1939, o número das Cadeiras foi acrescido com mais 10. Com 40 Cadeiras, a AEL iguala-se à quantidade das Cadeiras da Academia Brasileira de Letras. Nessa época, entraram:

Cadeira 31: Celso Elpídio Rosa Bomfim – Patrono: Orlando da Silva Rosa Bomfim

Cadeira 32: José Paulino Alves Junior – Patrono: Maria Antonieta Tatagiba.

Cadeira 33: Fernando Abreu – Patrono: José Horácio Costa

Cadeira 34: Nelson Abel de Almeida – Patrono: Antônio Gomes Aguirre

Cadeira 35: Carlos Gomes de Sá – Patrono: Jerônimo de Souza Monteiro

Cadeira 36: Kosciuszko Barbosa Leão - Patrono: José Joaquim Pessanha Póvoa

Cadeira 37: José Francisco Monjardim Filho - Patrono: Antônio Cláudio Soído

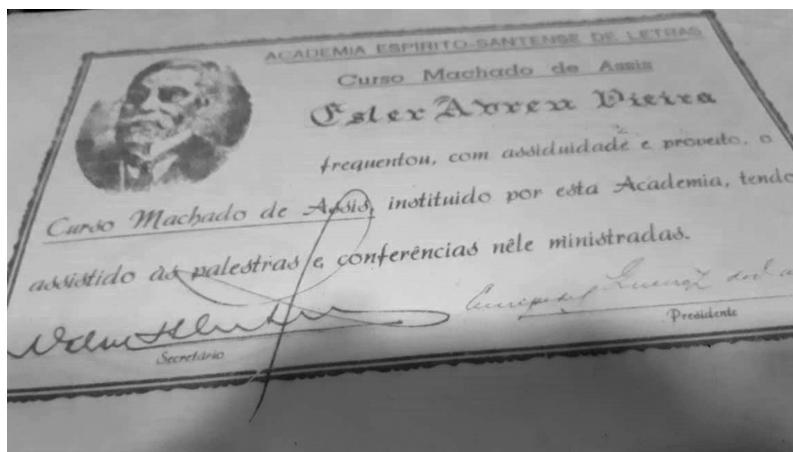
Cadeira 38: José Antônio Ruy Côrtes - Patrono: Manoel Jorge Rodrigues

Cadeira 39: Paulo Atayde de Freitas - Patrono: Cândido Vieira Costa

Cadeira 40: Manoel Xavier Paes Barreto Filho - Patrono: Antônio Ferreira Coelho

A AEL, durante sua existência, comigo constam dezenove presidentes, contudo, quero destacar um que a presidiu durante vinte e dois anos, de 1941 a 1963: Eurípedes Queiroz do Valle. Seu destaque não se deve a ter sido melhor ou pior presidente, não há méritos ou deméritos, não há julgamento de valores, mas por ser o primeiro a ocupar a Cadeira 27, da qual faço parte, e o primeiro que conheci, procuro relembrar alguns dos dados que compõem essa figura ímpar de acadêmico.

A primeira vez que o vi foi durante um curso que a AEL ofereceu à comunidade sobre Machado de Assis e, sendo então aluna na FAFI do curso de Letras Neolatinas, o Prof. Dr. Renato Pacheco convidou-me para assistir às palestras do curso. Segue a foto que recebi com a assinatura do Presidente Eurípedes Queiroz do Valle.



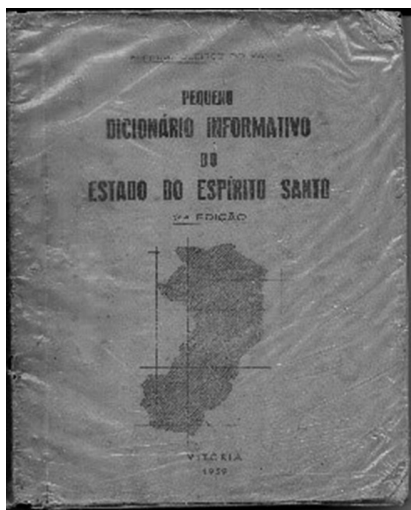
Eurípedes Queiroz do Valle nasceu em Anchieta (ES), em 28 de janeiro de 1897, e morreu em Vitória, no dia 06 de junho de 1979. Bacharel em Direito, formado pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1918, personagem de destaque no meio cultural do Espírito Santo, participou ativamente da AESL, da qual foi presidente, pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico do ES, à AEI (Associação de Imprensa Capixaba), da qual foi também presidente, e exerceu a Magistratura como Juiz de Direito e autor de Tratados de Direito. Ocupou cargos de suma importância no nosso Estado: promotor em Colatina e Rio Pardo, chefe de Polícia do Estado, Juiz de Direito em Colatina, Cachoeiro de Itapemirim e Vitória, e Desembargador do Estado. Foi também professor secundário de Vitória e, na Faculdade de Direito do Estado, lecionou na Cadeira de Direito Judiciário Penal.

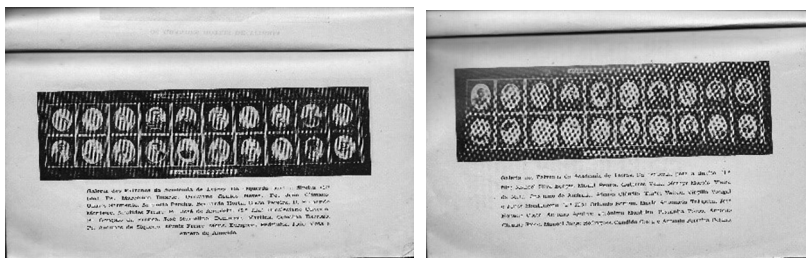
Além de jurista, foi cronista, historiador, dicionarista, biógrafo, e jornalista. Escritor com uma linguagem objetiva, concisa e rápida publicou várias obras. De sua atividade como escritor, destacam-se suas crônicas, publicadas em jornais e revistas de Vitória, nas quais utilizava o pseudônimo de Beneventino, uma forma de prestar o seu tributo admirativo a sua cidade Natal, Anchieta, antes chamada Benevente e, no tempo de Anchieta, Reritiba.

Segundo Elmo Elton, seu sucessor imediato na Cadeira 27, ele “abordava o pitoresco dos fatos em foco, escolhia, com precisão, o ân-

gulo melhor a ser fotografado, divertia-se a si próprio e divertia os leitores.” Acrescenta este poeta que o cronista Eurípides Queiroz buscava fazer que suas crônicas fossem “pequenas, leves, digestivas.” Sobre o seu caráter declara que: “Teve sempre um grande respeito pela paciência alheia. Era católico, apostólico e “romântico” [e gostava de] guiar o próprio automóvel. Preferia as ruas e estradas sem postes. Apreciava a boa música. Tocava um pouco de violino, violão e piano. [...] Falava o francês e o espanhol.” Amava a sua terra e julgava a “nossa natureza, a mais pujante”. Louvava “os acidentes geográficos, a orografia, e as praias, e o porto de Vitória, as tradições e costumes, os pratos típicos da cozinha capixaba, os templos, as ruas, as figuras da sociedade e os tipos populares, assim como a nossa literatura, assinalando sempre, com garbo, que todas as expressões vigentes no Brasil encontram ressonância no Espírito Santo, já que aqui ‘florescem todas as escolas e gêneros literários conhecidos’.”

Um exemplo de seu cuidado ao falar do nosso Estado é o *Pequeno Dicionário Informativo do Estado do Espírito Santo* de 1959. Além dos verbetes sobre a política, os municípios, o ensino e os personagens, a história, a geografia, traz esta obra mapa do Estado, fotos de Vitória e as fotos, infelizmente perdidas, da Galeria dos Patronos da AEL.





A publicação das obras de Eurípedes Queiroz data de 1921 a 1977. Destacam-se entre elas *Memória Histórica do Município de Santarém*, *A Técnica dos Julgados*, *Anatomia e Fisiologia do Direito*, *Elementos de Direito Judiciário Penal*, *Oração aos Estudantes no Dia da Bandeira*, *Aspectos do Espírito Santo*, *História e Literatura*, *A Casa do Espírito Santo*, *Instituto Histórico e Geográfico*, *Academia Espírito-santense de Letras*, *Rui Barbosa e seu Tributo à Poesia*, *Aspectos da Realidade Brasileira*, *Primeiro quinquênio da Universidade*, *O Estado do Espírito Santo e os Espírito-santenses*.





## *As dores e alegrias da velha senhora*

FERNANDO ANTÔNIO DE MORAES ACHIAMÉ

*Historiador e Escritor. Pertence à Cadeira 17 da AEL*

Pensar a Academia Espírito-santense de Letras – AEL nas proximidades do seu primeiro centenário significa lembrar-se de uma velha senhora com suas dores, achaques e também com as recompensas trazidas pela idade. Já disseram que envelhecer exige coragem, muita coragem para enfrentar problemas e desafios que uma longa existência impõe à carne e ao espírito. Esse conceito possui eficácia para os seres humanos, e também para instituições, do mesmo modo dotadas de instâncias físicas e imateriais.

Nossa Academia compartilha com entidades congêneres do país e do estrangeiro situações que se assemelham e precisam ser superadas para garantir sua sobrevivência. É notório que a AEL caminha aos trancos e barrancos desde os primeiros vagidos em 1921, partejada por Sezefredo Garcia de Rezende, Alarico de Freitas e Elpídio Pimentel, que foram acolitados pelo bispo d. Benedito Paulo Alves de Souza, Arquimimo Martins de Matos, Afonso Correia Lírio e tantos outros idealistas. A motivação maior para a criação da Casa, certamente comum a outras agremiações de cunho associativo mundo afora, pode ser resumida numa palavra: sociabilidade. Historiadores, antropólogos e sociólogos já se debruçaram sobre esse fenômeno social antigo como o vento sul, procurando compreendê-lo por variados prismas. Fenômeno que assumiu características próprias na contemporaneidade, que viu surgir as diversas fases do capitalismo e da Revolução Industrial.

De fato, a noção de sociabilidade sintetiza bem a congregação de interesses que aproximam os membros de associações religiosas ou leigas no ambiente político-social burguês. E na vida literária? Pessoas que possuem alguma intimidade com a arte da palavra, prática eminentemente solitária, procuram se juntar. Sobretudo as que fazem da produção de textos sua razão de viver; sejam eles de cunho literário nos seus diversos gêneros, sejam narrativas não-ficcionais vinculadas às ciências e às profissões liberais. As associações literárias utilizam um estratagema que reúne pessoas com interesses assemelhados e, ao mesmo tempo e de modo não-contraditório, as distingue das outras que vivem na mesma sociedade. O modelo original, a Academia Francesa, foi depois emulado no país pela Academia Brasileira; e em ambas não se exige que seus integrantes cultivem com exclusividade as letras. Esta última palavra foi acrescentada ao nome da entidade nacional, mas não impediu que indivíduos de diferentes origens artísticas e profissionais nela ingressassem. Situação parecida, somente que em ponto menor, ocorreu com a academia sediada em Vitória. Contudo, os diletantes amadores das belas-letras e os escritores em tempo integral predominaram nas academias brasileira e capixaba. Entre seus associados, sobressaíam os formados em direito e que seguiram carreira na advocacia ou no poder judiciário (juízes, promotores, desembargadores), circunstância que correspondeu muito bem ao bacharelismo vigente na vida política nacional e estadual na época em que aqueles grêmios foram fundados. Situação que na província capixaba mais se prolongou e de modo marcante.

Ainda está para ser realizada uma história abrangente da Academia Espírito-santense de Letras. Recentemente, teve começo a utilíssima iniciativa voluntária do acadêmico Getulio Pereira Neves de transcrever e publicar, talvez de modo virtual, a totalidade das atas da AEL – as iniciais já foram impressas em 2009, graças aos esforços do acadêmico Francisco Aurelio Ribeiro, seu presidente de honra. Concluída a obra, estará bastante facilitado o trabalho de reconstituir a história referente à Casa de Kozciuzko Barbosa Leão. Além das atas, existem na Academia outras fontes primárias importantes à disposição dos pesquisadores interessados na sua história: documentos contidos nas pastas dos acadêmicos falecidos ou vivos, correspondência ativa e passiva, fotografias,

publicações avulsas e periódicas... E que podem ser associadas a outras fontes: entrevistas com pessoas que detêm informações sobre a Casa e os seus ocupantes; documentos e jornais existentes em distintos acervos.

Determinados temas serão tratados de modo inescapável, quando se concretizar uma narrativa historiográfica completa da AEL. Um deles: as razões para a criação da Academia com apenas 20 cadeiras, número ampliado após alguns anos para 30 e logo depois para 40. As escolhas dos patronos e dos acadêmicos também se revestem de significados que, por certo, iluminarão a vida experimentada por uma agremiação quase centenária. Outro tema a considerar: as trocas de guarda, ou seja, as gerações que se sucederam nos quadros da instituição com suas peculiaridades e pontos em comum. Outros temas também a pesquisar: as incidências entre os acadêmicos de profissionais de diversos campos, oriundos de diferentes etnias, de múltiplos municípios capixabas, e de outros estados da federação. O início da presença feminina na AEL acompanhou a mudança ocorrida em âmbito nacional. Todavia, no estado capixaba, aconteceu a criação da Academia Feminina Espírito-santense de Letras em 1949, de início como protesto por nenhuma mulher ocupar um lugar na AEL, mas que resultou em acomodação do problema; que, afinal, foi superado por ocasião da posse de Judith Leão Castelo Ribeiro na cadeira 12 dessa Academia, em princípio da década de 1980.

Como todas as instituições neste mundo de Deus, a nossa também vivenciou altos e baixos – eles próprios serão indícios para nos informar quais motivos os originaram, suas durações e consequências. Além de ajudar a resolver enigmas até intrigantes. Por exemplo: as causas de a AEL ter demorado tanto tempo para publicar com regularidade sua Revista. Ou as dificuldades para conseguir uma sede própria, afinal instalada de modo limitado nas dependências de uma edificação concebida para ser residência unifamiliar. Outras questões a desafiar os estudiosos do nosso passado acadêmico: por que, no decorrer de tantos anos, as administrações estaduais e municipais pouco ajudaram a Academia? E por que se perderam partes dos acervos bibliográfico e arquivístico da entidade?

Na história da AEL, não pode ficar de fora o vasto “anedotário” respeitante à sua já longa existência. O recolhimento de anedotas, casos,

relatos (mesmo que sem identificar os protagonistas) sem dúvida lançará luz sobre os caminhos tomados e os desvios evitados na trajetória da nobre organização. Por que certos escritores que nasceram ou viveram no Espírito Santo não entraram na Academia? Disputas pessoais? Malquerenças oriundas de intrigas fora dos muros acadêmicos? E as brigas e desavenças “interna corporis”? Por motivos ideológicos? Curtos-circuitos nos entrechoques de estrelatos artísticos? Quais os tipos de “lenhas” que mais se colocaram na fogueira das vaidades? E sem se esquecer de avaliar situações inusitadas envolvendo literatos. Houve os que criticavam a Academia capixaba e que, no entanto, a ela gostariam de pertencer. Houve também aqueles que ingressaram a contragosto na agremiação literária e, depois de empossados, a ela deram as costas – nunca a frequentaram, não honraram suas anuidades, nem participaram de suas iniciativas mais corriqueiras. Existiram até pessoas que por vaidade (melhor dizendo, por pretensa humildade que mal disfarçava suprema vaidade) procuraram se distinguir no meio social, recusando sistematicamente convites para preencher uma vaga no sodalício. Sem contar casos de escritores que, por idiosincrasias pessoais, brigaram com a Academia ou com sua diretoria antes mesmo de serem eleitos e, teimosos, desistiram de pleitear uma cadeira. Também se conheceram intelectuais que, por convicções íntimas e sentimentos sinceros, não se sentiriam à vontade no convívio acadêmico.

Resta constatar que, de forma semelhante às congêneres, nossa associação sempre teve pessoas e pequenos grupos que “carregaram o piano”, que se constituíram em “faz-tudo”, que mais se dedicaram às atividades acadêmicas – incentivando os encontros e reuniões, promovendo publicações avulsas ou periódicas (a Revista da AEL), resolvendo questões burocráticas ou legais, elaborando projetos, preenchendo formulários, desejando, cogitando, sonhando...

Deus há de querer, muitos de nós sonharemos e obras serão iniciadas e concluídas para avançar ainda mais o prestígio da literatura e da cultura no território do Estado do Espírito Santo. Muitos desafios se apresentam à veneranda instituição no curto prazo – reformar as instalações da sede; manter a secretaria, o arquivo e a biblioteca em funcionamento permanente e à disposição do público; organizar tecnicamente

o arquivo com o arranjo e a descrição das séries documentais; catalogar e classificar (além de restaurar no que for preciso) os exemplares do seu precioso acervo bibliográfico; aprimorar e diversificar as publicações; e tantas outras iniciativas a exigirem providências... e verbas.

Com incômodos próprios da idade, essa velha senhora sempre se renova e assiste impassível aos imortais se sucederem em suas cadeiras... E prossegue em direção a mais cometimentos importantes com ajuda daqueles associados realmente participativos e abnegados. Apesar de todos os percalços vividos, de todas as dores e achaques que sofre, a AEL cultiva também alegrias – continua a desfrutar de prestígio e respeito por parte da sociedade capixaba, cujas lideranças têm consciência de que a maioria dos acadêmicos se dedica a honrar os valores da nossa terra.

Vida longa e produtiva à Academia Espírito-santense de Letras!

## *A Academia Espírito-santense de Letras na minha vida.*

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

*Cadeira 6. Presidente de Honra da AEL.*

Confesso que nunca tive ambições acadêmicas, mas impelido por dois grandes amigos, Miguel Depes Tallon e Renato Pacheco, entrei no IHGES, em 1992, e na Academia Espírito-santense de Letras, em 1993. Naquela época, não se candidatava como hoje, com disputa entre vários candidatos à mesma cadeira. Era mais uma 'Ação entre Amigos'. Pegava-se o currículo de alguém, levava-se à reunião e aprovava-se o candidato. Hoje, é mais democrático, com edital, divulgação em redes sociais, campanha e, às vezes, rixas entre apoiadores diferentes. Em 13 de dezembro de 1993, dia de Santa Luzia, que nos conserve a visão, tomei posse em sessão presidida pelo então Presidente Cristiano Dias Lopes, no auditório lotado de amigos e colegas de trabalho, no IC2 da Ufes. Fui saudado pelo Carlos Nejar e, talvez, essa tenha sido sua última aparição na AEL, e, em meu discurso de posse, além de relembrar o patrono e antecessores na cadeira 6, como de praxe, me recorri a Italo Calvino, em suas propostas para o novo milênio, já que estávamos findando o século XX, e vaticinei a entrada de minha colega escritora Bernadette Lyra na AEL, como de fato ocorreu, 25 anos depois.

Nos três anos seguintes, 1994 a 1996, pouco participei da vida intelectual da AEL, pois estava à frente da Secretaria de Cultura da Ufes e, de 1997 a 1998, na coordenação do PPGL da Ufes, que tínhamos criado em 1994. Em 1998, ao final do mandato do Presidente Romulo Sales de Sá,

fui pego de surpresa pelos mesmos Miguel e Renato, mais o Prof. Aylton e o desembargador Feu Rosa, que me impeliram a concorrer à Presidência da AEL, tendo D<sup>a</sup> Maria Helena Teixeira de Siqueira como Vice. Acostumado a desafios, aceitei, mas não sabia a verdadeira situação financeira e jurídica da AEL. Ela tinha um passivo de mais de 30 mil reais com a PMV, por débito de IPTU, dívida trabalhista com uma ex-funcionária e nenhuma receita, pois, mesmo com a implantação do pagamento da anuidade, poucos acadêmicos o faziam. O que ocorre até hoje.

A AEL não podia fazer projeto para nenhuma lei de incentivo cultural, como a Rouanet, ou a Rubem Braga, pois estava negativada em todas as instâncias. No meu primeiro mandato e no de D<sup>a</sup> Maria Helena, em que fui Vice, de 2001-2203, trabalhamos muito para sanear financeiramente e legalizar a situação jurídica da AEL. Com a ajuda inestimável do Prof. Aylton Bermudes, conseguimos fazer um acordo com a PMV, a dívida foi fracionada em prestações e paga, religiosamente, muitas vezes com meus próprios recursos, já que nem sempre havia dinheiro em caixa. Apesar de toda dificuldade, conseguimos manter a periodicidade de nossa Revista, lançada em 1991, na comemoração dos 70 anos de nossa instituição, na época do Dr. José Moisés na Presidência. O número seguinte, em 1998, foi pago pelo Dr. Romullo, com todos os recursos que tínhamos em caixa, 3.500,00, o que nos deixou sem um tostão para iniciarmos a administração. No entanto, a Revista saiu, em 1999 e 2000, ainda com o formato A4, e a partir de 2001, na administração de D<sup>a</sup> Maria Helena, com projeto gráfico de Ronaldo Barbosa e novo formato, que permaneceu por uns dez anos.

Com a normalização jurídica, a AEL pôde fazer projetos e estabelecer convênios e isso foi feito com vários órgãos que coordenam projetos culturais no Espírito Santo, sobretudo a Secretaria Estadual de Cultura, o Sindicato de Artistas Plásticos Profissionais do Espírito Santo, a UFES, o IHGES, a Secretaria Municipal de Cultura da PMV, a AFEL, a Rede Estadual de Bibliotecas, o Sindicato do Comércio Atacadista e seu Instituto Sincades, dentre outros. Durante alguns anos, fizemos convênio com a Fundação Biblioteca Nacional, durante a existência do Programa Nacional de Leitura- o PROLER.

Com os recursos da Lei Rubem Braga, da PMV, a AEL pôde republicar o livro de Patronos e Acadêmicos, atualizando a edição organiza-

da por Elmo Elton em 1985, em 2002 e em 2006. Em 2008, juntamente com Thelma Maria Azevedo, publicamos um “Dicionário de Escritores e Escritoras do Espírito Santo”, e, em 2011, republicamos “Esmaltes e Camafeus”, de Guilly Furtado Bandeira, primeiro livro de uma escritora capixaba, ambos com recursos da Lei Rubem Braga da PMV. Em 2014, conseguimos fazer nova edição do livro sobre Patronos & Acadêmicos, com apoio da Lei Chico Prego, da Prefeitura da Serra. Também com a PMV, conseguimos recursos para a higienização e classificação de parte de nosso acervo bibliográfico e para a pintura externa e interna de nossa casa, em 2012.

A partir de 2007, começamos a estabelecer convênio com a PMV para a publicação de livros das coleções José Costa, Roberto Almada e Escritos de Vitória e até 2020 publicamos mais de 50 títulos nessas três coleções, com trabalho voluntário dos acadêmicos na organização desses livros, sendo 18 livros da Roberto Almada, 20 da José Costa e 12 edições da série Escritos de Vitória. De 2010 a 2016, a AEL firmou convênio com o Instituto Sincades para a realização de um concurso literário com colaboradores do setor atacadista, recebendo em contrapartida uma quantia para auxílio de um estagiário e de despesas de manutenção durante a vigência do convênio.

Em 2004, fui novamente eleito Presidente e, em 2008, reeleito. Em 2009, comemoramos, festivamente, o sesquicentenário de nascimento de Afonso Claudio, com uma série de palestras e um número especial de nossa Revista. Fizemos convênio com o Sindicato de Artistas Plásticos, cedendo-lhes, em comodato, o primeiro piso de nossa sede para manutenção da Galeria de Arte Virgínia Tamanini, homenagem à segunda mulher a entrar na AEL. Em 2010, assumiu a Presidência o historiador Gabriel Bittencourt, sendo eu o Primeiro Tesoureiro. Em 2013, fui novamente eleito para Presidente e reeleito em 2017, permanecendo até 2019. Com a eleição da Presidente Ester Abreu, neste ano, fui indicado como Presidente de Honra da AEL, após ter permanecido vinte e um anos na Diretoria, quinze como Presidente, em cinco mandatos, três anos como Vice-Presidente e três como Tesoureiro.

Neste ano, em que a AEL completa cem anos de existência, cabe ressaltar sua importância no cenário cultural capixaba, na presença de



cerca de cento e setenta intelectuais, escritores e políticos que fazem parte de sua relação de patronos e acadêmicos neste um século de existência, em sua atuação social na publicação de livros e de revistas, na ida a escolas para divulgação do livro e da leitura em projetos como “Academia vai à escola”, na participação em conselhos, feiras, mesas-redondas, lives e em tantas outras formas de democratização do livro e da leitura, o que confirma seu papel de divulgadora e guardiã da memória da literatura produzida no Espírito Santo.

Enfim, a Academia Espírito-santense de Letras, após um século de vida, continua sua trajetória, sempre em busca de um futuro esperançoso, pois um sonho nos alimenta: ver nosso país socialmente mais justo, mais humano, mais leitor, em que a educação e as artes não sejam usufruídas por poucos, mas por todos.

## *A sede da academia: Legado do acadêmico Kosciuszko Barbosa Leão*

GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

*Magistrado e escritor. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Cadeira 33 da AEL.*

Decidida a fundação de uma entidade de caráter cultural, problema de monta a equacionar pelos entusiastas é o de local adequado para sediar a instituição. Deliberada sua fundação na reunião preparatória, realizada a 31 de julho de 1921, na sede do Clube dos Bohemios, que à altura abrigava o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, a Academia Espírito-santense de Letras percorreu a partir daí diversos endereços, no intuito da realização das reuniões e atividades que se propôs realizar.

Vinte anos depois da fundação, e atacando de frente o problema, foi que logrou o presidente Eurípedes Queiroz do Valle conseguir localização condigna para a Academia, alojada a partir de 1942 (data da inauguração do prédio, situado na Praça Oito de Setembro), na sala n.º 05 do Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo, cedida à instituição pelo Interventor Punaro Bley. ( Ata da sessão de 9 de abril de 1942. Livro de atas n.º 02 (1939 -1943), pág. 80/81). Mais de vinte anos aí esteve sediada a Casa, que abrigou também no seu recinto as reuniões da Academia Capixaba dos Novos, durante toda a efêmera existência do sodalício.

Em novembro de 1963 foi realizada na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo uma Assembleia Geral Extraordi-

nária para atualização do Estatuto e eleição de nova diretoria, sendo o presidente Queiroz do Valle sucedido na presidência pelo acadêmico Ceciliano Abel de Almeida. Naquela assembleia o presidente Queiroz do Valle afirmou constituir “ponto de honra do final de sua gestão dotar, proximamente, a Casa de Saul de Navarro de nova sede, em face da construção do novo edifício do Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo, onde se situa a atual”. (Ata da Assembleia Geral Extraordinária realizada a 18 de novembro de 1963. Livro de Atas n.º 3 (1943 – 1976), pág. 15/17). Ficava, assim, a Academia, privada da sua sede. (Cabe, aqui, um parêntese: entre os seus benfeitores conta a Academia Espírito-santense de Letras como o primeiro deles o Acadêmico Álvaro Henrique Moreira de Souza (Saul de Navarro), escritor e palestrante festejado, que em 1947, pouco antes de seu falecimento, fez doação à casa de precioso conjunto de obras que constam do acervo da Biblioteca Saul de Navarro. As fotos relativas à inauguração da Biblioteca, a 04 de setembro de 1947, foram publicadas em NEVES, Getúlio M. P. (org.). *Documentos da Academia: Academia Espírito-santense de Letras*. Vitória: AEL, 2007.

Retornando, simbolicamente, às origens (isto é, à casa do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo), aí se realizaram algumas reuniões subsequentes. No entanto, por essa época o IHGES começava a ocupar-se da reformulação da sede, que resultaria na demolição do antigo prédio do Clube dos Bohemios e início da construção do Edifício Domingos Martins, na Avenida República. Reiniciou a Academia a sua peregrinação, passando a reunir-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, na sede do Conselho Estadual de Educação (localizada no edifício Ruralbank, na Praça Oito de Setembro), no auditório da Companhia Vale do Rio Doce (localizado no edifício Fábio Ruschi) e até na sala de reuniões da Livraria Âncora.

Obviamente, o problema da sede voltava a ocupar a Academia. Tornando-se mais agudo, providências vinham sendo tomadas a respeito. Assim é que, na reunião de 17 de setembro de 1975, foi lido ofício do Secretário Estadual de Educação e Cultura, Alberto Stange, comunicando a inclusão, na proposta orçamentária do Estado para o triênio 1976/1978, da importância de Cr\$ 1.200.000,00 (hum milhão e duzentos mil cruzeiros) “para aquisição da nossa sede, dependendo

a sua aprovação da publicação do Orçamento”. Na mesma reunião foi designado o Acadêmico Paes Barreto Filho “para os necessários contactos, a fim de que a nossa Academia possa conseguir a sua sede no prédio do Instituto Histórico e Geográfico, cuja construção se está iniciando”. Prossegue o presidente, e “faz apelo a todos para que colaborem na consecução do nosso antigo sonho, - a sede própria”. (Ata da reunião mensal de 17 de setembro de 1975. Livro de Atas n.º 03 (1943 – 1976), pág. 85v./86v). Na reunião seguinte, a 15 de outubro, o Acadêmico Ruy Cortes informou de entendimento mantido com o Secretário Estadual de Planejamento “visando à inclusão de Cr\$ 400.000,00 do total da verba de Cr\$ 1.200.000,00, no orçamento de 1976, destinados à aquisição da sede para a Academia”. (Ata da reunião mensal de 15 de outubro de 1975. Livro de Atas n.º 03 (1943-1976), pág. 87/88v). A intenção era, então, sediar a Academia no mesmo logradouro em que hoje está sediado o Instituto Histórico e Geográfico.

Nascido na Serra, em 1889, o Acadêmico Kosciuszko Barbosa Leão ocupava a cadeira 36, cujo patrono é José Joaquim Pessanha Póvoa. O velho acadêmico, veterano de lides educacionais e culturais na capital, não esteve presente às reuniões acima, tendo justificado ausência. Mas foi graças a ele, e em meio a um tal estado de ânimo na Casa, que a 24 de dezembro de 1975, realizou-se a primeira reunião no imóvel que hoje abriga a Academia: sacramentava-se naquele ato a doação do imóvel-residência do casal Kosciuszko Barbosa Leão e dona Laura Madeira de Freitas Leão, gesto de generosidade que pôs fim, 54 anos depois da fundação, à busca por uma sede própria para a associação.

A propósito, a ata lavrada daquela reunião pelo secretário Aylton Rocha Bermudes registra: “na sala de visitas da residência do ilustre casal Prof. Dr. Kosciuszko Barbosa Leão e exma. Senhora, D.<sup>a</sup> Laura Madeira de Freitas Leão, à Praça João Clímaco, nesta Capital, realizou a Academia Espírito-santense a 10.<sup>a</sup> reunião do fluente ano”. (Ata da sessão extraordinária de 24 de dezembro de 1975. Livro de Atas n.º 03 (1943 – 1976), pág. 90/92). À memorável reunião estiveram presentes os acadêmicos Kosciuszko Barbosa Leão, Nelson Abel de Almeida, José Paulino Alves Jr., Guilherme Santos Neves, Adelpho Monjardim, José Vieira Coelho, Cristiano Fraga, Augusto Lins, Placidino Passos, Aylton

Rocha Bermudes, Paes Barreto Filho, Ruy Côrtes e Ivo Amâncio Oliveira. Esclarecendo o significado especial da reunião, o presidente, Nelson Abel de Almeida,

“disse que ia celebrar-se, naquele instante e local, um ato da mais alta e significativa importância para a Academia Espírito-santense de Letras, com reflexos na vida cultural do Estado – a assinatura da escritura de doação, feita pelo nosso eminente confrade Kosciuszko Barbosa Leão, com a outorga de sua exma. esposa, Sr.<sup>a</sup> Laura Madeira de Freitas Leão, do imóvel de sua propriedade, sito à Praça João Clímaco, nesta Capital, à nossa Academia”.

Nos termos da escritura, a Academia investia-se desde logo do direito de uso dos dois pavimentos superiores do imóvel, “que são o segundo e o mirante”. (A escritura pública de doação do imóvel foi registrada em 22/12/1975, às fls. 133v/136 do Livro 294 do Cartório do 1.º Ofício de Notas de Vitória e foi publicada em NEVES, Getúlio M. P. (org). *Documentos da Academia: Academia Espírito-santense de Letras*. Vitória: AEL, 2009).

O Acadêmico Kosciuszko Barbosa Leão, então com 86 anos de idade, sentia a passagem dos anos. Autor de, entre outros, *Meditações, JTM, Alma e Deus*, a fala do antigo Chefe de Polícia e ex-diretor da Faculdade de Direito esclarece o seu duplo propósito: homenagear a Academia, ao mesmo tempo que a dotava de uma sede condigna. Para tanto franqueava-lhe desde logo o seu local de contemplação, de trabalho intelectual.

Como homenagem ao benfeitor da Academia, segue transcrito na íntegra sua comovida fala na ocasião, resgatando-a da poeira dos livros de atas:

Prezados confrades: eu não sei como poderia, se o tentasse, descrever minha cena interior nesta solenidade. É que me domina um permanente estado emocional, agravado, necessariamente, pelas circunstâncias do momento. É, de um lado, o ato cuja celebração constitui o fim que ora aqui nos reúne – a doação à nossa excelsa Academia de Letras, desta casa, objeto de grande estima, particularmente na parte que, durante muitos anos, foi o meu lar espiritual e meu santuário, onde tanto vivi em sentimento e pensamento, rezando as minhas comovidas orações de culto da

beleza e das ideias. É, de outro lado, a situação psicológica inerente à minha idade e reanimada nesta celebração. A velhice é a última estação que a alma faz na peregrinação para o seu destino na terra, estação sem horizonte, porque não há mais esperança, e sem esperança, porque não há mais futuro. E, por isso, ela vive apenas de passado, debruçada sobre o panorama dos dias idos, com as imagens das suas lutas e das suas dores, companheiras inseparáveis dos que não tiveram a companhia dos pais e, sem experiência, caminharam sozinhos e errantes por vias desconhecidas. Nesta doação, feita nos últimos dias de minha vida, eu sinto que há um pouco de despedida. Nela, todavia, existe, para mim, um contraste de sentimentos, a alegria de uma renascença. Parece que vou viver de novo, pelo convívio, que nunca tive, com os meus doutos confrades, convívio propiciado pela circunstância da vizinhança, que a doação estabelece. Desejo agora definir esta doação, como um símbolo material de uma doação moral. Decidi doar minha casa à nossa Academia de Letras, porque já lhe havia doado o coração. E devo assinalar que não é maior em mim do que na minha santa companheira, o entusiasmo com que é prestada essa homenagem. Quando meus problemas me fizeram, certa vez, adiar a celebração do ato, ela acorreu cuidadosa, para encarecer a sua prioridade. Cumpre também registrar o meu contentamento pela coincidência da doação com o exercício da presidência da nossa Academia pelo eminente confrade Dr. Nelson Abel de Almeida, meu amigo e meu parente, que, no seu devotamento à entidade, acolheu a dádiva com grande mostra de satisfação, como se fosse prestado a ele, pessoalmente, esse tributo de solidariedade. Mas, prezados confrades, há um coração maior que os de todos nós, a receber nesta casa, a Academia de Letras como sua dona: é o Coração de Jesus, exposto sobre o peito de sua imagem, que, em seu altar no pórtico desta sua nova morada, aí lhe estende os braços, abertos para estreitá-la com amor, abençoá-la com sua graça e lhe garantir com segurança toda felicidade”.

Como não poderia deixar de ser, tamanho gesto de generosidade e amor à instituição foi condignamente reconhecido pelos confrades. Na primeira reunião “na sua nova sede”, em 17 de março de 1976, propôs o Acadêmico Ruy Côrtes fosse imortalizado em bronze o busto do Acadê-

mico benfeitor, tendo o Acadêmico José Paulino sugerido “a aposição dos retratos do Prof. Kosciuszko e de sua exma. senhora, D.<sup>a</sup> Laura Madeira de Freitas Leão, na sala de reuniões”. (Ata da reunião mensal de 17 de março de 1976. Livro de Atas n.º 03 (1943-1976), pág. 93/94). Os retratos continuam ainda hoje a ornar a sala das reuniões acadêmicas.

O busto, obra do escultor Carlos Krepas, foi inaugurado um ano depois, na sessão solene de 02 de dezembro de 1976. Anotou o secretário Aylton Bermudes que aquela reunião se realizava “para a inauguração do busto, em bronze, do acadêmico Kosciuszko Barbosa Leão, homenagem a seus méritos de escritor e cidadão e reconhecimento pela doação de sua casa de residência à nossa Academia”. Com a presença de inúmeros acadêmicos e convidados, entre eles o reitor da Universidade Federal do Espírito Santo, o homenageado falou de improviso, tendo sido o discurso oficial de agradecimento lido por seu sobrinho, dr. Sólon Leão. (Ata da sessão extraordinária do dia 2 de dezembro de 1976. Livro de Atas n.º 04 (1976 – 1984), pág. 6/7).

De fato, levando para dentro da sua residência o convívio dos confrades, o professor Kosciuszko esteve presente em todas as subsequentes reuniões da Academia (à exceção das sessões solenes de posse de novos acadêmicos, ocorridas fora da sede) até o seu falecimento, a 20 de maio de 1979. Na reunião em que foi homenageado, em 20 de junho de 1979, homenageou-se também, coincidentemente, o outro acadêmico que a seu tempo dotara a Academia de sede própria: Eurípides Queiroz do Valle, falecido a 6 de junho do mesmo ano. (Ata da sessão do dia 20 de junho de 1979. Livro de Atas n.º 04 (1976 – 1984), pág. 31/32).

Creio ser de justiça, a esta altura, lembrar os benfeitores da nossa casa. Neste texto, dada a exiguidade de espaço, focou-se rapidamente a aquisição da sede, sem descuidar das ações de outros dois acadêmicos que se notabilizaram por favorecerem materialmente a instituição.

Desde a doação da sede à Academia Espírito-santense de Letras, dá-se a qualificação de “Casa de Kosciuszko Barbosa Leão”. Em 2020, véspera do seu centenário de fundação, a instituição conta 45 anos de ocupação da sede definitiva. Os volumes doados pelo Acadêmico Álvaro Henrique Moreira de Souza integram o acervo da Biblioteca Saul de Navarro. O Acadêmico Eurípides Queiroz do Valle permanece nos anais da instituição como o que por mais tempo lhe dirigiu os destinos.

## Oração da Mestra

GUILHERME SANTOS NEVES

*Professor e Escritor. Folclorista. Pertenceu à cadeira 10 da AEL. Faleceu em 1989.*

### ORAÇÃO DA MESTRA

Guilherme Santos Neves

Virgem Senhora da Penha, pois que me destes o bem de servir, como mestra, em terras do Espírito Santo, dai-me forças, paciência e coragem para que eu não deserte da jornada, nem decaia, um instante sequer, da confiança que em mim depositarem.

Abençoaí a escola em que trabalho, onde quer que se ela alteie, pobrezinha ou abastada, modesta ou confortável; dai-lhe, Senhora Nossa, as alegrias do sol criador e o perfume das flôres que embalsamam e enfeitam, para que haja sempre, dentro nela, o riso cantante das crianças e o labor produtivo das colméias, ricas de mel e de sabedoria.

Ponde, sôbre os que nela então mourejam e crescem e vivem, as vossas mãos cheias de Graça, orientando sempre a mestra humilde, mas, antes e acima de tudo, protegendo os brasileiroinhos queridos, entregues à minha guarda e direção.

Vigilai, Senhora, o meu coração de mestra; vigiai-o para que não ame e estre-meça senão o belo e o justo, o bom e o sagrado; para que nêle não palpite senão a simpatia e o amor, grande, fiel, isento e límpido, aos filhos de minha carne, aos filhos de minha alma, ao meu próximo, à minha terra e ao meu Deus.

Controlai, Senhora, os meus lábios de mestra, para que eles não digam jamais a palavra do mal e do erro; a palavra daninha que fere, que dói, ou que revolta; para que eles não preguem a doutrina que desfraterniza e separa, mas, ao revés, preguem sempre e sempre falem a palavra e a doutrina da concórdia e da razão, da fraternidade e da fé, aquelas mesmas palavras que sempre ouvi dos lábios maternais, aquela doutrina cristã que aprendi, desde pequena, no rincão onde nasci ou onde me criei.



Ungi, Senhora Nossa, as minhas pobres mãos de mestra, no calor virginal e santo da vossa ternura, para que se não ergam, nem se movam, nem se estendam jamais, a não ser para os gestos de conforto e de bondade, de prêmio e de justiça, para os gestos do sementeiro que semeia as sementes do bem e da verdade.

Dai, Senhora, que eu não traga para as minhas classes os temores e inquietações, as penas e ressentimentos, as dores, os caprichos, as preocupações alheias à escola, e que, por vezes, me possam perturbar a mente, cerrar os lábios em tristeza amarga, ou fazer pulsar descompassadamente o meu inquieto coração de mulher. Que os meus alunos não sintam ou vejam em mim senão as alegrias da missão de ensinar, a simpatia cordial e constante, e o exemplo e a lição que norteiam, dignificam e plasmam.

Concedei-me, Senhora Nossa, resignação bastante, para amargar e sofrer, sem queixa, as decepções que me pontilharem a difícil missão de educar. Dai-me renovadas forças e coração sereno para saber colher, se possível sem lágrimas, os espinhos que a ingratidão, acaso, semear nos atalhos da minha caminhada.

E finalmente, ó Virgem Senhora da Penha, excelsa Fadoeira do Espírito Santo, dai que, orgulhosamente, eu possa fruir dessa quase imortalidade que é a glória de fazer discípulos e continuadores, vendo prolongar-se o meu pensamento, a minha fé e o meu caráter, nos alunos e alunas que, através dos tempos, prosseguirão depois o meu labor humilde e a santa obra do meu Ideal de mestra, Amém.



## *O degas e nós*

*HERMÓGENES LIMA FONSECA*

*Escritor e folclorista falecido. Pertenceu à cadeira 23 da AEL.*

Puxa vida que já faz um bocado de tempo! Rebuscando a memória volto a 1935. Lá se vão quatro décadas. Era eu, Floriano Rubim, Gonzaga Faria e Aurélio. Quatro galaláus entre uma miuçalha ouriçada vinda do Externato Júlia Pena para prestar exame de admissão no Ginásio do Espírito Santo.

Floriano Rubim fardadinho de soldado padeiro da Polícia Militar. Os outros eram sargentos e podiam estar à paisana. Eu estava engravatado e cuidava de um bigodinho recém-embuçado. Os quatro encabulados no meio da gurizada. O termo da época era encabulado e não chateado. Tínhamos feito as provas escritas e agora era a prova oral. Lá estava a banca examinadora: Ericson Cavalcanti, lente de matemática; Fernando Rabelo, lente não sei de qual cadeira; e Guilherme Santos Neves, lente de português. Sisudos. Austeros. Tensos. A gente tremia por dentro.

Floriano despertou a atenção da banca examinadora. Demorou a arguição. Claro. Um soldado raso prestando exame de admissão ao ginásio! Era curioso. Mais curiosos estávamos nós em razão da demora. Floriano voltou sorrindo. Fernando Rabelo prometera ajudá-lo, os outros brindaram-no com palavras de elogio e incentivo. O cabra foi em frente, todos nós sabemos. Gonzaga também. Aurélio idem.

Era nosso primeiro contato com o mundo cultural. Com a intelectualidade representada por aquelas três figuras ímpares; entre os quais, o

futuro mestre do folclore de expressão nacional. Nacional só? Não. Também internacional. O Manduca das alunas do Carmo, do Ginásio, da Filó.

O Degas. Quem sabe o que significa Degas? Degas é um termo dos anos 30 a 40. Degas equivale à expressão atual: “Aqui o papai”, dito assim em jeito de Chico Anísio. Que é uma forma bacana, simpática, amiga. Membro expressivo da patota. Boa gente. Entrosado no contexto. Aquele que apesar dos anos não é quadrado. É para frente, embora com certo recato. Compreensível. Vibrante com as cousas do povo e da juventude.

Pois bem. O Degas é meu compadre. Padrinho de Marília Augusta. Um foguete, um diabinho em figura de gente. É uma amizade que já criou raízes profundas. Aquela amizade rara alicerçada numa reciprocidade de sentimentos bons, puros e oriundos de uma série de doideiras, que só nós sabemos o que fizemos por causa do folclore. Uma delas: andar de loja em loja pedindo fazenda e sapatos para a Marujada do Morro dos Alagoanos. Conversando com Pedro Lino, acertando os ensaios e as apresentações. Arranjando madeira para construção do barco e do tablado. Gravando. Fotografando. Ouvindo e escrevendo pacientemente o que era ditado, com todo respeito e seriedade por essa incansável gente do morro e de todo lugar durante os festejos e as brincadeiras.

Fuçando por aí a fora. Fuçando é melhor do que pesquisando. Fuçar — revolver com faro para sentir o que de bom e aproveitável se pode encontrar entre a terra revolvida. Sem desdouro é comparação com os porcos à procura de alimentos. Porco é criação de pobre em chiqueiro ou manga. Suíno é animal criado em pocilga com ração balanceada e assistido por veterinário.

Aprendi com ele a fazer essas fuçações. Um longo aprendizado acompanhando-o, observando-o, ouvindo-o, trocando ideias. Renato Pacheco diz que ele fez escola e nós outros somos seus discípulos. Alguns sem ainda terminarem o curso, como eu. Porque, como diz meu amigo Clementino, repetindo a estória de um ajudante de caminhão: Quem aprende é mestre. Quem num sabe é um fio da peste.

Nós furamos mundo. Fuçando daqui, escarafunchando dali. Empiricamente fomos aprendendo. O mestre na frente. Presente. Estimulando. Apoiando com carinho. Incentivando com dedicação. Desprendido. Na modéstia e simplicidade escudado. Pavor à ostentação e ao caboti-

nismo. Simples de mais para que outros interpretem mal, por vezes, a sua timidez, como introvertido, misantropo ou egocêntrico. Nada disso. A atitude é própria do pesquisador honesto.

Um dia, por volta de 47 ou 48, saía na revista *Vida Capichaba* um trabalho seu sobre o Alardo. Pela primeira vez eu lia alguma referência ao Alardo. Aí, vocês sabem que me remoeu lá por dentro. Eu, Zé Honorato, Djalma Pereira vestidos de mouros e cristãos com espadas de flamandres feitas com capricho na ferraria da rua do Canto, no Mundo Novo. Meu Pai, alferes de mouro, brincando com meu tio Juca, alferes de cristão.

As lembranças eram meio confusas. Para reavivá-las escrevi para Benedito de Prima Dundum de seu Donzinho, que me foi respondido por Manduca Evêncio.

Dr. Guilherme, o senhor escreveu sobre o Alardo de São Mateus e eu trouxe aqui uma descrição do que foi o Alardo em Conceição da Barra.

Ele avidamente passou a ler com inusitada curiosidade, enquanto eu pensava na maior glória de um velho português que contava a uma roda de amigos, no Rio: “Estava eu a trabalhar numa livraria em Lisboa quando o patrão me mandou ir à casa do Eça de Queiroz levar um livro vindo do Brasil, de um tal Augusto dos Anjos. Ao ler alguns versos exclamou o Eça: Este poeta me assombra.”

Eu vi o mestre esboçar um sorriso de alegria pela carta do inesquecível Manduca Evêncio, de quem se tornou amigo e admirador. Iniciava assim uma troca de correspondência e de expedientes para ressurgimento do Alardo, uma brilhante fase marcante na história do folclore de Conceição da Barra. Compadre Tulinho e Bianor revivem o esplendor da festa de São Sebastião. Luiz Hilário e Teorfo levam o Ticumbi a São Paulo. Em 1951 dezoito bandas de congos desfilam no estádio Governador Bley, etecétera, etecétera, mostrando-se coisas que ninguém nunca tinha reparado.

Na frente de tudo, aquele champinha a providenciar as coisas para que tudo desse certo. A estimular uns e outros num abraço cordial e sincero, conquistando a amizade dos congueiros de Manguinhos. Os pescadores a contar-lhe as suas estórias. As velhas a lhe narrar as lendas, as cantigas de ninar, os romances, as antigas rodas.

Eugênio Sette, José Leão, subindo morro para ver ensaio de Marujada. Beresford, Beneventino, Clóvis Rabelo e outros em excursões para ver festejos. Renato nas suas judicaturas a colher material.

Um bruto gravador Webster, gravando em fio imantado. Uma novidade. O Homenzinho impossível, às suas custas, com seus recursos do dia-a-dia de aulas de manhã à noite, passa à filmagem, fazendo suas curtas metragens ao natural em registro mudo. Nas exibições a narração era ao vivo. Ao lado eu, a comentar as cenas: “Esta é a praça de Conceição da Barra, a mais setentrional cidade do Espírito Santo. Aí o senhor prefeito Bento Daher com sua filhinha...” Olha eu ali. Olha eu ali, exclamava a platéia na quinta exibição daquela noite no cineminha local ou na parede da igreja.

Esse filme deu a maior mão de obra. Ele resolveu filmar o Alardo com Vitério Busatto. Quando chegou em Linhares lembrou que tinha esquecido o filme virgem. Recebi à noite um telegrama pedindo mandar de avião porque de carro levaria um dia para chegar. Mas, como? pensei.

De manhã ficaram de cara pra cima a ver se surgia algum teco-teco. Lá pelas duas horas, numa rasante, o aviãozinho jogou na praia o filme enrolado em três sacos de estopa.

Para as legendas do filme ele recortou letra por letra. Formada a frase, era filmada. Arrancava para fazer a nova frase. Quando acabou estava com os dedos esfolados e quase a sangrar.

Foi classificado como o melhor documentário entre outros filmes apresentados no Congresso de Folclore, no Rio.

O *Folclore* circulou durante vinte anos ou mais. Catava as matérias de um e de outro. Preparava. Levava à *Gazeta* para compor. Conduzia as matrizes para imprimir na Escola Técnica. Pesava o chumbo para devolver. Expedia-o para o Brasil e o Mundo. Quem pagava? Parece que uns minguados auxílios às vezes conseguiu. Muito pouco para tanto que fazia na divulgação de nosso folclore.

Depois vieram os congressos, os encontros nacionais, e lá vai ele também aos países platinos. Felix Coluccio menciona seus trabalhos nas suas obras e no *Dicionário do folclore argentino*. Posiciona ao lado de Câmara Cascudo, Renato Almeida, Diegues Júnior, Edson Carneiro, Rossini Tavares de Lima, Théó Brandão e toda a tribo nacional.

Suas palestras encantam pelo estilo próprio e primoroso, agradando a leigos e eruditos, assim como uma cascata de águas cristalinas descendo pelas encostas no sombreado de rica vegetação, num marulhar encantador e, por que não dizer, delicioso.

O Degas faz neste mês setenta primaveras. Ele dirá que são outonos. Não acho, não. Renato Pacheco reivindica nossa participação na festa do aniversário que só deveria ser para a intimidade dos netos que lhe deram Luiz Guilherme, João Luís e Reinaldo e de seu Anjo da Guarda a acalentar seus sonhos folclóricos. Uma santa dulcíssima e meiga como a outra Marília do amoroso Dirceu.

É isso aí, bichos. O cara tem cuca de perene juventude, do frescor das primaveras bem vividas, vivendo as coisas simples e belas de nosso povo.

[Transcrito de *A Gazeta*, 14 de setembro de 1976.]



## *Vitória antiga (um mero pulo de saudade)*

*HUMBERTO DEL MASTRO*

*Da Academia Espírito-santense de Letras. Cadeira 20.*

Como de costume, acordara cedo aquela manhã, embora fosse “ponto facultativo” para colégios e repartições municipais, decreto do senhor Prefeito, em face do falecimento de um vereador da cidade.

Tomei meu banho, sempre exagerado em limpeza, escovei os dentes e saí de meu pequeno quarto preparado para enfrentar mais um dia, após ligeiro lanche ou merenda matinal.

Morador do ‘Cais do Avião’, em Santo Antônio, observei a azáfama na região, porque moradores de Porto Novo, Cariacica, chagavam em ca-traias, porque era mais cômodo, para ir até o centro da cidade trabalhar. Como se fosse pouco, havia certo movimento de “carros de praça”, porque um hidroavião amerissara, trazendo passageiros do Rio de Janeiro.

Na Avenida Santo Antônio, onde pretendia apanhar o bonde, avistei a velha Domingas, que fora escrava um dia, meio recurvada, porque chegara aos cem anos, arrastando uma lasca de madeira em direção ao seu barraco. Serviria de lenha para acender seu fogão de barro. Ao longe, distingui o escritor Carlos Crepaz, jovial, que me dirigia às Obras Pavonianas, para dar prosseguimento a mais uma obra em madeira, de suas mãos de artista nato.

De volta de Caratoíra, divisei Chiquinho Del Maestro, charmoso, em seu impecável terno de linho azul claro. Dirigia-se ao Náutico Clube, onde haveria reunião de diretoria. Mais à frente, junto ao ‘posto seção’, ha-

via novidade. Eram os diretores do Álvares Cabral, conferindo medalhas aos remadores, por mais um campeonato de remo que conquistaram.

Mais na frente, em plena Vila Rubim, observei que no mercado, Maria T. Homem discutia às gargalhadas com Maria Rasteirinha sobre assuntos banais. Mais no alto, no começo da subida do Morro do Quadro, o poeta e escritor Taneco, da Academia Espírito-santense de Letras, gesticula agitado, dirigindo-se ao povo em geral, e explicava a alguns turistas que a Vila Rubim nem sempre fora bonita assim; que no seu tempo de criança era um mero aglomerado de barracos de taipa, chamado de “Cidade de Palha”.

Saltei na praça Independência (hoje Costa Pereira). Havia alguns aglomerados: Atharé Castro, encantava a plateia com seu violino de ouro e seus trejeitos de berço. O poeta Elmo Elton, vestido como um “dândi”, bengala importada na mão direita, discutia com outros autores da cidade as novas tendências que a poesia capixaba estava tomando. Nesse momento, aos brados, justificando os malefícios que o fumo traz ao pulmão humano, o vereador Marinho acabara de amassar a carteira de cigarros de um cidadão que insistia em fumar.

Saí dali e parei em uma cafeteria da avenida Jerônimo Monteiro. Tomei um copo gelado de hidrolitol e sorvi um café coado na hora. Ao sair, quase esbarrei no doutor Adelpho Poli Monjardim, que, com sua possante voz de barítono, confabulava com o professor Kosciuszko Barbosa Leão, caminhando em direção à Livraria Âncora, na intenção de chegar a um acordo a tarde de autógrafos de seu mais recente livro publicado.

De repente, na Praça Oito, de frente para a loja 23 de Maio, dei com Otinho Barbosa, trazendo lápis e caderno na mão, na suposta pretensão de escrever poemas às lindas moças que por ali trafegavam.

Antes um pouco um encontro notável, na citada Av. Jerônimo Monteiro, em frente à Agência dos Correios e Telégrafos: - funcionários do Banco do Brasil se aglutinavam à espera do colega Dodoca, ídolo da torcida do Vitória, para abraçá-lo, pelo “bonito” que fizera, no nordeste, atuando pela seleção capixaba de futebol.

Saí dali e fui até a sapataria Brasília, pertencente a meu primo Carlinho, que além de comerciante, executava um saxofone de fazer inveja,



a que alegrava festas diversas em bairros da cidade. Lá, adquirei um par de sapatos e retornei à Praça da Independência, pela estreita rua Duque de Caxias. Apanhei o bonde e rumei para casa, pois já passara das onze horas e estava na hora do almoço.



## *Berredo de Menezes, o encantador de palavras*

*JÔ DRUMOND*

*Pertence à cadeira 32 da AEL e à AFEL.*

Ferdinand Berredo de Menezes, ex-ocupante da cadeira nº1, da Academia Espírito-santense de Letras, veio ao mundo predestinado à literatura. Além de ser filho de poeta, nasceu na casa onde havia morado um dos escritores brasileiros mais lidos no início do século XX, seu conterrâneo Coelho Neto (1864/1934), eleito em 1928 como “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”. Maranhense, nascido em Caxias e criado em Coroatá, Berredo foi amigo de infância do imortal da ABL José Sarney, ex-Presidente da República, cuja mãe era sua madrinha. Na juventude, no Rio, dividiu uma quitinete com um poeta iniciante chamado Ferreira Gullar. Mais tarde, quando bolsista, em Paris, chegou a ter contatos com Sartre e Simone de Beauvoir, no famoso Café de Flore, frequentado pela intelectualidade da época.

Advogado, professor, político e poeta, dedicou-se voluntariamente ao direito trabalhista, tendo inclusive recebido honrarias da Federação dos Trabalhadores na Indústria do ES, pelo fato de jamais haver cobrado honorários nas causas trabalhistas em que atuou. Exerceu posteriormente a advocacia criminal, tendo sido considerado, na época, o maior criminalista do Estado.

Foi professor universitário durante 32 anos, ocupando a cátedra de Direito Constitucional e, posteriormente, a de Direito Processual Penal, na Ufes. Foi Prefeito de Vitória entre 1982 e 1985. Eleito por duas vezes

vereador, cumpriu os mandatos no município de Vitória.

Seu pai, grande admirador de Camões e Bocage, fez questão de passar ao filho o gosto pela poesia, propiciando-lhe a leitura dos grandes poetas e escritores. Influenciado pelo pai, Berredo escreveu seu primeiro soneto aos 13 anos.

Já idoso, o poeta resgatou, num velho caderno perdido havia duas décadas, um pungente soneto que havia feito dentro do cemitério de Santo Antônio, no dia de finados, ao visitar o túmulo de sua mãe. Trata-se de um poema feito de improviso, ao sabor do momento, sem preocupação versificatória mas, por incrível que pareça, estruturado exatamente dentro das normas clássicas, ou seja, 14 versos decassílabos, métrica preferida pelos sonetistas. Sabe-se que um soneto bem estruturado se parece com uma canção. Neste, abaixo, o poeta fez a marcação rítmica com sílabas tônicas nas 6ª e 10ª sílabas poéticas (decassílabos heroicos), com rimas entrelaçadas (ABBA) nas duas quadras, e com rimas em CCD nos dois tercetos.

SINGRADURA  
(Para minha mãe)

Quando te trago flores, e a esperança  
de um dia estarmos juntos, no Infinito,  
carrego no meu corpo, como um grito,  
o teu olhar de amor, com segurança.

E velejo o silêncio da lembrança  
como quem perde a rota e encontra o mito  
que eu tinha à tua sombra, em som e rito,  
no acalanto dos sonhos de criança.

E fico ouvindo a luz do teu perfume  
que estas flores exalam, como o lume  
que me dá forças para caminhar,

levando, entre os destroços da tristeza,  
o sol que emana da feliz certeza  
de um dia a Eternidade nos juntar.

(02-11-1989)

Quem já enveredou pelo labor poético rimado e metrificado conhece as agruras do ofício. O fato de fazer espontaneamente a tessitura de um soneto sem nenhuma preocupação formal e perceber posteriormente que ele se encaixa perfeitamente dentro dos rigores da forma fixa é uma proeza que só acontece com grandes bardos que têm a poesia introjetada na alma. Berredo de Menezes foi capaz de ir muito além. Descobriu casualmente, alguns anos após ter escrito o livro de contos *Pelo chão dos sonhos*, que, com exceção de um, todos os demais haviam sido escritos em versos decassílabos. Ele próprio não conseguia acreditar em tal façanha. Meio místico, acreditava que, no momento da concepção poética, seu pai, grande versejador, lhe tivesse soprado os versos, do além-túmulo.

No prólogo de *Vozes do meu silêncio* (1996), Berredo de Menezes lastima o fato de ter jogado cem sonetos de sua autoria nas águas do rio Sena, em Paris, em 1952. Isso aconteceu num período de agruras financeiras, devido ao término de sua bolsa de estudos. Tentava ganhar uns trocados, com prestação de pequenos serviços.

[...] compreendi, após mais de um dia de fome, por falta de dinheiro, a inutilidade do sofrimento estético, rimado e metrificado, com a habilidade de um caramujo que se esconde, na própria casca, para fingir que é noite a sua aurora [...] peguei o meu calhamaço e reduzi-o a escombros.

Receando arrepende-me, ao amanhecer, e ao tentar recompor os meus destroços, corri às margens do Sena, quase em frente ao Louvre, e fui jogando, aos montes, os fragmentos de um tempo morto que eu retirava, como um Coveiro da Luz, de uma mochila [...] o Sena havia bebido, com implacável serenidade, todos os meus sonetos, me diluindo, docemente, nas suas margens noturnas de solidão e silêncio [...] Voltei a Paris, depois daquela noite, quase vinte vezes e não perdi o hábito doloroso

de rever o Sena, como se procurasse, sempre, reencontrar o sonho, entre os destroços do dia.

Foi em Paris também que escreveu seu primeiro livro, *Catedral dos vácuos*, em prosa poética, premiado com publicação pelo Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro, em 1955.

Certa vez, em visita à região de Domingos Martins, o poeta apaixonou-se pela paisagem do Parque das Hortênsias. Acabou adquirindo uma quinta no local mais elevado, com vista de um lado para a Pedra Azul, e de outro para a Praia da Costa. Ali, deve ter concebido pelo menos a metade de seus livros, que ultrapassam duas dezenas.

Leitor contumaz desde jovem, o que Berredo mais lamentava na velhice, após ter tido dois AVCs, era a impossibilidade de ler um livro, assim como de ouvir a leitura feita por outrem. Esses dois incidentes reduziram-lhe a memória, a audição e a visão. Teve que parar de escrever contos. Só conseguia alinhar o que denominava “poemetos”, compostos de 10 tercetos, todos em decassílabos, geralmente sem rimas, que constituem seus últimos livros ainda inéditos. Seis décadas após o “afogamento” dos sonetos no rio Sena, acabou emergindo nele, o gosto pelos decassílabos.

Mesmo como prosador, Berredo nunca deixou de ser poeta. Enveredou por um gênero híbrido de prosa poética que ele denominava “cânticos” ou “prosopoemas”. Não ousaria rotulá-lo nem encaixá-lo em nenhuma corrente estética, pois em consonância com l’air du temps ou zeitgeist, ele “bebeu água de várias fontes”, assim como seus contemporâneos pós-modernos. Sua prosa prima pelo alto grau de literariedade, com traços neomaneiristas, neobarrocos, neoimpressionistas, neosimbolistas e, às vezes, neossurrealistas. Para evitar possíveis confusões conceituais, a acepção do prefixo “neo” surge aqui como reafortamento, na contemporaneidade, do gosto pela estética de outras épocas. A obra berrediana é um caso exemplar de emersão da plurissecular tendência anticlassicista, antinormativa e antiautoritária. Não estamos considerando aqui, evidentemente, sua fase de sonetista, pois, como ele mesmo declarou, desiludido da inutilidade do sofrimento estético, rimado e metrificado, picou e jogou água abaixo todos os seus sonetos, juntamente com o racionalismo clássico.

Há quem diga que não existe propriamente uma linguagem verbal impressionista.

Na literatura, chama-se de impressionista o escritor que prefere a indefinição do detalhe ou do objeto. Como na pintura e na música, ele estabelece impressões sensoriais de um incidente ou de uma cena. Passa a lidar com “estados de espírito” e, por meio da sinestesia faz, a partir da associação de palavras ou expressões, um cruzamento de diferentes sensações numa só impressão.

Suas imagens literárias são muitas vezes criadas para ser sentidas, para provocar uma experiência estética (esthesis), não para ser entendidas. Essa característica era tão marcante, que ele mesmo pedia que não lhe perguntassem o sentido daquilo que havia escrito, pois não saberia explicar. Tentava expressar da melhor maneira possível o que sentia num determinado instante. Passado o enlevo quase epifânico, não conseguiria descrever novamente a sensação daquele momento. Era exatamente isso que os pintores impressionistas faziam. Retratavam o instante. Monet, por exemplo, fez cerca de 30 telas da Catedral de Rouen explorando a luminosidade instantânea em diferentes momentos do dia, nas quatro estações do ano.

Extraímos do 4º conto de *Sob a luz dos sonhos*, intitulado “Mohara”, alguns exemplos de sinestesia, em que olfato, gosto, paladar, visão e tato se interpenetram: “ouvir o brilho”; “sentir o perfume da sombra”; “o perfume dos olhos”; “o perfume do sorriso”... A visão é o mais abrangente dos sentidos, pois o olhar tem o poder de tocar as coisas: “luz aveludada” (olhar/tato); “olhos que bebem a palidez de um rosto [...] sabor da pele” (olhar/paladar)

[...]O silêncio, inebriado por um céu em chamas, já dava mostras de acordar para *ouvir o brilho* das primeiras estrelas [...] era impossível caminhar no pôr do sol e não sentir a *sombra de Mohara perfumando-me as lembranças* [...] Sentado no banco onde me achava, na esperança de rever Mohara – quem sabe até embriagar-me no *perfume de sândalo dos seus olhos* [...] Mohara sorria, sempre; e era fácil sentir, na *luz aveludada* de seus olhos, o *sabor de tâmara de sua pele* que o sal das pedras bebia para fazer mais doce a maresia [...]ficou lívido como se estivesse be-

*bendo pelos olhos, a palidez dinâmica daquele rosto de mulher [...] aquele sorriso enigmático que ainda hoje perfuma o sol das minhas lembranças mais felizes.*

Como traço neossimbolista pode-se detectar, na obra berrediana, o caráter obscuro e emotivo da linguagem por meio de novas imagens literárias, de metáforas originais e de símbolos. O poeta não se contenta em cantar e evocar suas emoções; quer senti-las em sua plenitude. Na obra *Sob a luz dos sonhos*, realidade e fantasia se entrelaçam numa linguagem repleta de figuras de harmonia. Como foi dito, traços maneiristas, barrocos, impressionistas e simbolistas se imbricam em uma urdidura verbal eclética e sincrética. Tal livro, último a ser publicado, foi, por ironia do destino, seu primeiro livro em prosa, cujos contos haviam se dissipado no baú do esquecimento durante quinze anos. Certo dia o autor me telefonou, eufórico, dizendo que, ao revirar gavetas do passado, havia encontrado um disquete desaparecido havia quinze anos, contendo seu primeiro livro de contos, ainda inédito.

Em *Sob a luz dos sonhos*, há um feliz entrelace de realidade e ficção. Os personagens que povoam a mente do autor “pelos meandros incandescentes da saudade” são seus conterrâneos de Coroadá, cidade maranhense na qual foi criado. Todavia, poderiam habitar em qualquer tempo e em qualquer lugar, pois são seres com as mesmas alegrias, apreensões, angústias e reflexões inerentes à espécie humana. Coroadá é o mundo em geral, e, ao mesmo tempo, é um mundo particular, que gira em torno da praça da igreja, cujo guia espiritual tem o sugestivo nome de Estrela.

A cada leitura, seus escritos dão margem a novas experiências estéticas e a novas possibilidades interpretativas. Cada incursão pelo texto berrediano é uma viagem singular, que varia segundo a bagagem e o contexto cultural de cada viajor. Seu requinte literário pode ser percebido nos próprios títulos dos livros:

LIVROS EM PROSA POÉTICA: *Catedral dos vácuos* (1955); *O inventor de Assombros* (2001); *O velejador de abismos* (2003); *Pelo chão dos sonhos* (2005); *O dialeto das sombras* (2007); *Sob a luz dos sonhos* (2011).

### LIVROS DE POEMAS

*A surdez dos clarões* (1993); *Clarividências do nunca* (1993); *Vozes do meu silêncio* (1996); *Sobras do absoluto* (1997); *O Vento do Bambuzal* (1997); *Ladainha do exílio* (1997); *Além do sonho* (1997); *O sol das águas* (1998); *Entre o sonho e o delírio* (1998); *Flauta do azul* (1999); *Ente o sonho e o delírio* (2000); *A flauta sonhâmbula* (2007); *Sobras do absoluto* (2007); *Usina de silêncios* (2008); *Pelos olhos da infância* (2008);

### LIVROS INÉDITOS

*Sob o clarão das metáforas*; *Vagaluminuras*; *Onde o silêncio perde as asas*; *Nas muralhas da China*; *Pássaros da briga*; *O pescador de outrora*; *Hóspedes do silêncio*.





## *Lembranças de Marien Calixte, o doce imortal*

JOSÉ ROBERTO SANTOS NEVES

*Jornalista. Escritor. Pertence à cadeira 26 da AEL.*

Nunca tive a pretensão de entrar para uma Academia de Letras – e essa afirmação não representa exercício de falsa modéstia, embora saiba que não sou o primeiro nem serei o último a fazer uso dela. Considerava instituições literárias algo distante da minha realidade, talvez devido à vivência no jornalismo, onde somos reféns do tempo e convivemos diariamente com o status do descartável, uma dinâmica que é diferente do livro, perene em sua natureza. Sequer tinha conhecimento de como se procede o ingresso de um autor numa academia de letras, com seu ritual de inscrição, envio de carta de apresentação aos acadêmicos, eleição, cerimônia de posse, discurso, padrinho... Especificamente falando da Academia Espírito-Santense de Letras, já conhecia boa parte de seus escritores, dos quais tinha, inclusive, recebido o simpático título de “Amigo da AEL”, em função de minha colaboração na divulgação de suas atividades em A Gazeta.

No entanto, em 2014, quando a AEL publicou edital para preenchimento da cadeira de número 26, que pertencia a Marien Calixte, confesso que senti um frio na barriga. Marien foi o mestre com quem tive a satisfação de conviver em seus últimos 15 anos de vida, o orientador a quem recorria para checar alguma informação sobre a música do Espírito Santo, o jornalismo, a poesia ou o jazz, conhecimentos que ele dominava tão precisamente em sua cordial gentileza.

Submeter meu nome à apreciação dos acadêmicos para sua sucessão se tornara, para mim, uma forma de reverenciar o talento de Marien e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de dar sequência à sua notável contribuição para a cultura do Espírito Santo, especialmente na interseção entre a música, o jornalismo e a literatura.

Lembro-me como se fosse hoje de receber seus telefonemas com alguma novidade sobre música, algum disco lançado, um livro novo no forno.

- José Roberto – dizia a voz mansa do outro lado da linha, seguida de uma delicada pausa.

- Marien – completava ele – para, em seguida, perguntar:

- Como está a família?

Por vezes, tive a oportunidade de visitá-lo na casa da Mata da Praia, onde o mestre passeava no jardim, entre pés de manacás e murtas, uma bananeira e um pequeno coqueiro, e depois conversávamos em seu escritório, no segundo piso, espécie de refúgio encantado onde a exuberante coleção de discos dividia espaço com livros de poesia, ficção científica, pinturas, revistas sobre cinema e quadros com fotos de ídolos do jazz. Em uma dessas ocasiões, no ano de 2004, recolhi seu depoimento para a biografia “Maysa”, sobre a cantora que ensinou o Brasil a amar e a sofrer por amor. Contou-me que, no final dos anos 1950 ou início dos 1960, então repórter de *O Diário*, fora pautado para entrevistar a deslumbrante e temperamental Maysa Figueira Monjardim – ela detestava ser chamada pelo sobrenome Matarazzo - no auge dos sucessos de “Ouça” e “Meu Mundo Caiu”. Ao final, um pouco tímido, pediu a ela uma foto.

- Serve esta? – respondeu Maysa, estendendo a mão para entregar-lhe uma 3/4, de um documento de identidade.

Em 2007, o mestre proporcionou-me a honra de assinar a orelha do livro “A MPB de Conversa em Conversa – 40 entrevistas com grandes nomes da música popular brasileira”, no qual assinalou:

*“A entrevista é um trabalho jornalístico-literário. Coloco-me entre os que acreditam que o jornalismo é uma espécie de literatura e, assim, estou seguindo os passos do mestre Alceu Amoroso Lima. Os jornais estão hoje*

*muito próximos das revistas, da mesma forma que as revistas giram no tempo e se inspiram no livro.”*

Na Rádio Universitária FM, derradeira estação do seu programa “O Som do Jazz” – que manteve no ar por 55 anos ininterruptos no dial capixaba, o que deveria ter-lhe rendido uma inclusão no Guinness – O Livro dos Recordes –, desfrutávamos da companhia de Marien nas noites de segunda-feira, deliciando os ouvintes com standards de Duke Ellington, Chet Baker e Miles Davis. Havia mesmo quem dormisse com sua voz de travesseiro – meu pai, João Luís, era um desses *habitués* que chegava a gravar os programas em fitas cassete.

Como se vê, é impossível falar sobre o desenvolvimento das artes no Estado nas últimas décadas sem passar por Marien Calixte: jornalista, radialista, escritor, produtor cultural, gestor público, pintor e pesquisador musical, ele deixou um legado admirável em todas as áreas em que atuou, conciliando o olhar cosmopolita de quem sempre vislumbrou o futuro com o amor declarado pela terra que o acolheu desde a mais tenra idade, e para a qual teceu as mais diversas homenagens; uma das mais conhecidas é o slogan “Viver é ver Vitória”, criado em 1968, época em que exercia o cargo de diretor de Turismo e Certames da Prefeitura Municipal de Vitória.

Nascido no Méier, Rio de Janeiro, a 20 de outubro de 1935, Marien Calixte herdou do pai francês o patronímico – uma mistura de Marien, nome franco-austriaco que significa Mariano, e Calixte, de origem árabe – e também a arte da jardinagem, que cultivou durante anos.

O amor a Vitória e ao Espírito Santo resplandece em sua obra. Definitivamente, Marien foi muitos em um só. Sua contribuição para a construção das identidades culturais da Capital perpassa em sua visão de mundo humanista e no seu exemplo de ética, liderança e excelência. E qual era a visão de mundo de Marien? Um mundo, eu me arriscaria a dizer, onde prevalecesse o respeito e a gentileza entre as pessoas; onde as artes desempenhassem o papel de força motriz da sociedade; onde todo tipo de hostilidade desaparecesse nas cinzas de um carnaval; onde tivéssemos a consciência de que o silêncio é necessário para que se possa ouvir o outro, e que o capixaba aprendesse a amar a abençoada ilha de Vitória da mesma forma como ele a amou.

De sua trajetória vitoriosa – com trocadilho, por favor – podemos elencar alguns pontos-chave:

Em 1943, juntamente com o amigo Oswaldo Oleari, conquista o posto de locutor no serviço de alto-falantes de Jardim América, em Cariacica, onde exerce também a função de locutor de parques de diversão.

Em 1955, estreia no jornal *A Tribuna*, então situado na Av. Capixaba, entrevistando um violonista capixaba que acabara de retornar da Polônia com o troféu de segundo lugar no Festival de Música de Varsóvia. Seu nome? Maurício de Oliveira. Foi o embrião de uma bonita amizade que cultivariam por toda a vida.

Em 1958, inicia na Rádio Espírito Santo a produção e apresentação do supracitado programa “O Som do Jazz”.

No final dos anos de 1950, firma-se como um dos primeiros disc-jóqueis de Vitória, promovendo a trilha sonora da boate do Clube Vitória, em sintonia com os novíssimos ares da Bossa Nova.

Nos anos 1960, desempenha as funções de Chefe de Redação, Secretário de Redação, colunista e crítico de cinema em “O Diário”, onde amplia o espaço para o noticiário cultural e introduz a poesia no periódico.

Em 1973, atendendo ao chamado de Carlos Lindenberg Filho, o Cariê, Marien Calixte chega à redação de *A Gazeta* com a tarefa de implementar uma grande reforma no jornal. Entre suas principais intervenções destacam-se o moderno projeto de diagramação, inspirado em *O Jornal do Brasil*; a criação do segundo caderno, com o nome de *Agenda*; a divisão do periódico em editorias, as mudanças na editoria de Economia, a criação da charge e da tira em quadrinhos de Milson Henriques, com a personagem Marly.

Diante desse conjunto de ações, é justo que Marien Calixte receba o título de “pai do jornalismo cultural do Espírito Santo”, honraria que o próprio recusou em vida, apesar de ele reconhecer o seu papel na construção de um conceito voltado para a difusão das artes na imprensa capixaba.

Nos anos 1970, torna-se diretor do Teatro Carlos Gomes e diretor-presidente da Fundação Cultural, atual Secretaria de Estado da Cultura, na gestão do governador Elcio Alvares (1975-1979). Durante os dois últimos anos de governo, desenvolve uma série de ações que marcaram pro-

fundamente a vida cultural do Estado, como a reforma no Teatro Carlos Gomes, o Projeto Pixinguinha, o Projeto Moqueca e a vinda de astros da música mundial a Vitória: Sarah Vaughan, Dave Brubeck, Art Blakey and Jazz Messengers, Astor Piazzola. Outro marco indelével de sua passagem à frente da Fundação Cultural é a construção, com verbas federais, da sede da Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.

Nos anos 1980, cria o Vitória Jazz Festival, que ganhou uma série de 10 edições anuais, encerrada no início dos anos 1990 por falta de apoio governamental.

## *O literato*

Em sua vasta produção literária, Marien Calixte é o responsável por introduzir dois gêneros na literatura capixaba: a ficção científica e a poesia haikai. O primeiro teve como marco o livro “Alguma coisa no céu”, de 1985, que ganhou três edições: no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Itália. Composto por seis contos, o volume conjuga nomes e lugares verdadeiros com narrativa ficcional, valendo-se da beleza geográfica do Espírito Santo como cenário.

A excelência de suas narrativas curtas rendeu-lhe o convite para integrar as antologias “Enquanto Houver Natal – Oito estórias de ficção científica” (1989, Editora GRD); “Estranhos Contatos: Um Panorama da Ufologia em 15 Narrativas Extraordinárias” (1998, Caioá Antologia) e o segundo volume dos “Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica” (2010, Editora Devir).

A poesia haikai entrou na sua vida na década de 1950, por meio de um filme de Akira Kurosawa. Desde então, o jornalista sempre manteve o encantamento por essa forma poética de origem japonesa, que valoriza a concisão e a objetividade. Em 1990, incentivado pelo editor Massao Ohno, reuniu algumas dessas criações acalentadas há anos na obra “O Livro de Haikais”, que ganhou versão bilíngue, em português e italiano, em 1994, denominada “Atlântico”.

Complementam a produção poética de Marien Calixte as obras “Não Amarás” (1991), São Paulo, editada por Massao Ohno; “Lua Imaginária” (1994), São Paulo, novamente pela Editora Massao Ohno; “Le Vent de L’Autre Nuit - O Vento de outra Noite” (1996): poemas bilíngües: francês e português, Vitória: Aliança Francesa; a edição alemã deste livro, de 1997; e “Evocação da Ilha de Vitória”, em duas edições, de 1995 e 1999, do qual extraímos esta singela demonstração de amor pela capital do Espírito Santo:

*Para apreciar uma ilha  
recomenda-se ficar a sós  
Quando partilhada,  
Uma outra ilha será.*

O derradeiro livro, “Herança do Vento”, foi lançado em 13 de dezembro de 2006, sob a chancela da editora Cidade Alta. Trata-se de uma coleção de haikais de seus livros anteriores que traz, ainda, poemas avulsos do autor publicados em coletâneas na Itália, Alemanha e França, e dois artigos da escritora e tradutora Olga Savary.

No campo da biografia e dos estudos sobre a história do Espírito Santo, a contribuição de Marien Calixte também se faz significativa. A mesma se verifica, inicialmente, com a biografia “Florentino Avidos: Um Homem à Frente do seu Tempo”, publicada em 1988, sobre o presidente do Espírito Santo (1924-1928) e senador (1929-1930) durante a República Velha.

Por sua vez, “Maurício de Oliveira - O Pescador de Sons” (2001) representa o reencontro do jornalista e escritor com o seu passado afetivo e a celebração de uma amizade de cinco décadas com o violonista e compositor Maurício de Oliveira, considerado o maior músico do Espírito Santo.

Completam suas obras biográficas o livro sobre o promotor público e deputado estadual Edson Machado e o perfil de Alfredo Copolillo, o primeiro distribuidor de jornais e revistas do Espírito Santo, retratado no volume “Imprensa” da Coleção “Escritos de Vitória”.

O espectro literário de Marien Calixte estendeu-se à literatura infantil, gênero no qual o autor desenvolveu, juntamente com Milson

Henriques e Celso Mathias, uma coleção de títulos de caráter eminentemente lúdico, entre os anos de 1970 e 1980. Compõem esse mosaico de letras e ilustrações voltados para a pureza das crianças os volumes “Os dois anjos da guarda de Luísa”, “O vagalume e o violinista”, “O caracol e a plantinha”, “O Coelho Zélio inventa uma orquestra” e “O cabrito bebê passeia na nuvem”, todos publicados pela editora Sem Fronteiras.

Das letras, partimos para a pintura, território em que Marien Calixte participa da primeira geração de modernistas no Espírito Santo ao lado de Maurício Salgueiro, Raphael Samu e Carlos Chenier. Incentivado pelo artista espanhol Robert Newman, que se radicou em Vitória nos anos 1960, Marien arriscou-se a transpor suas emoções para a tela, e o resultado de sua primeira série de cinco quadros foi o prêmio de Menção Honrosa no Salão Nacional de Artes.

Após essa viagem pela vida e obra de Marien Calixte, voltemos então ao início deste texto, mais precisamente a 09 de junho de 2014, data em que fui eleito para ocupar a cadeira de número 26 da Academia Espírito-Santense de Letras, sucedendo o doce imortal na instituição que comemora agora o seu centenário. Recebo um telefonema de sua esposa Terezinha Calixte, companheira de 50 anos e responsável pela sólida base emocional e amorosa sobre a qual o mestre edificou sua notável carreira.

Com a voz embargada pelo pranto incontido, Terezinha comunica a minha eleição para a AEL, emendando em seguida:

- Marien deve estar feliz. Ele o considerava como um filho.

Ao receber a boa nova da querida amiga, me veio à mente uma única resposta:

- Então estamos em sintonia: eu tinha por Marien a mesma admiração que um filho tem pelo pai.

*Academia Espírito-santense de Letras.  
100 Anos de história literária 1921 – 2021*

*KÁTIA BOBBIO*

*Escritora. Cordelista.*

Para se fazer cordel  
Tem que ter beleza, encanto,  
E relatar a história  
Sem mesmo nenhum espanto  
Vou falar na Academia  
De Letras do Espírito Santo.

A Academia de Letras  
É uma instituição,  
Totalmente literária  
Que segue uma tradição,  
Reúne vários autores  
E poetas da região.

A primeira Academia  
De que nós temos noção,  
Fundada na Grécia Antiga  
Pelo filósofo Platão,  
Nos jardim de AKADEMUS  
Cujo nome é desde então.



Foi a partir dessa ideia  
Que começou a surgir,  
Várias instituições  
Literárias para unir,  
E outras agremiações  
Vieram contribuir.

Em quinhentos e setenta (1570)  
Na cidade de Paris,  
Reinado de Carlos IX  
Fundou-se naquele país,  
A primeira Academia  
Onde ali fincou raiz.

Logo após foi a Itália  
Com duas Academias,  
No século XVI  
Com várias parcerias,  
E foram surgindo outras  
Para expandir as poesias.

Academia das Inscrições  
E Belas Letras, na França,  
Academia Real  
Em Londres, com segurança,  
E a Arcádia Romana  
Que em Portugal teve herança.

A primeira Academia  
Que apareceu no Brasil,  
Foi no Estado da Bahia  
Na terra do Pau Brasil,  
Depois, Rio de Janeiro  
Na capital varonil.

A Academia Brasileira  
De Letras, desta nação,  
Possui grandiosidade  
Para a federação,

Pois é de suma importância  
Para a nossa tradição.

Aos poucos foram surgindo  
Academias locais,  
Algumas se mantêm vivas  
Outras não existem mais,  
Para a divulgação  
Das letras nacionais.

Mas vamos falar agora  
Num momento especial,  
Na Espírito-Santense  
Que se tornou imortal,  
Agora ela é centenária  
Deste Estado é a principal.

Dia 04 de setembro  
Quando ela foi fundada,  
Dezenove, vinte um (1921)  
É que ela foi registrada,  
No ano de trinta e sete (1937)  
Foi toda reorganizada.

É associação civil  
Literária, cultural,  
E não tem fins lucrativos  
Esse é o diferencial,  
E tem por finalidade  
A divulgação local.

Cultivar a nossa língua  
E as belas artes, também,  
Com espírito fraterno  
Para irmos muito além,  
A Academia de Letras  
Faz isso como ninguém.

Sua sede é a antiga casa  
De um famoso professor,  
Kosciusko B. Leão  
Também foi grande escritor,  
Fica na cidade alta  
Fiquem sabendo leitor.

A Academia de Letras  
Tem várias finalidades,  
Incentivar a leitura  
Nos campos e nas cidades,  
Criar associações  
Da cultura e humanidades.

Tem que ter biblioteca  
Também o seu próprio arquivo,  
Tem que fazer intercâmbio  
Para dar mais incentivo,  
Participar de projetos  
Alcançando objetivos.

Fazer sempre reuniões  
Divulgar bem a cultura,  
Também promover concursos  
Na área de literatura,  
Mantendo viva a memória  
Isso é uma grande ventura.

Lançar obra dos patronos  
E dos membros falecidos,  
Editar publicações  
Dos famosos, esquecidos,  
Publicar os periódicos  
De todos os envolvidos.

Visar a integração  
E a cultura das nações,  
As de língua portuguesa  
Em suas variações

Realizando pesquisas  
E novas publicações.

Ultimamente a entidade  
Realiza parcerias  
Pesquisando obras , autores  
Com total sabedoria  
Temas de literatura  
E coisas do dia a dia.

As parcerias são com:  
Sindicato dos Artistas,  
CESV e Lei Rubem Braga  
E conseguindo conquistas  
A SECULT e o SINCADES  
Professores, jornalistas.

A Academia de Letras  
Famosa instituição,  
Com seus membros efetivos  
Tem uma grande expressão,  
Em concursos literários  
Faz a coordenação.

Organiza antologias  
E tem participação,  
Em congressos nacionais  
Recebeu premiação,  
Faz palestras em escolas  
Valoriza a educação.

Hoje lá se vão cem anos  
Tem a nossa Academia,  
Demonstrando integridade  
Para aquele que aprecia,  
Reconhece o seu lugar  
Levando a sua poesia.

A Academia de Letras

É de suma importância,  
Para a sociedade  
Que vive na circunstância,  
Como órgão cultural  
É de muita relevância.

Hoje também já existem  
Várias Academias,  
De Médicos, Militares  
Com as suas teorias,  
Advogados, Maçons  
Em várias categorias.

A Academia de Letras  
Sei que tem várias funções,  
Sempre dá assessoria  
A outras instituições,  
Valorizando a memória  
De várias regiões.

A Academia de Letras  
Aqui do Espírito Santo,  
Já priorizou os homens  
Não é mais assim, portanto,  
Ela passou a ser mista  
Com mulheres de encanto.

A história da Academia  
Rima com seriedade,  
E a leitura é o caminho  
Em busca da liberdade,  
Ética é fundamental  
Sua busca é a verdade.

Viva nossa Academia  
E o seu trabalho imortal,  
Viva também os cem anos  
De trabalho social,  
E Viva a literatura  
Capixaba e nacional.

## *Kosciusko Barbosa Leão*

Elevo o meu pensamento  
Para ter inspiração,  
Para falar em poesia  
Num ilustre cidadão,  
Que se chama KOSCIUSKO  
Também BARBOSA LEÃO.

Ao meu pai onipotente  
Eu peço sabedoria,  
Pois eu vou falar num homem  
Na minha simples poesia,  
E neste livreto eu mostro  
A sua biografia.

É KOSCIUSKO BARBOSA  
LEÃO – assim registrado,  
Dia 12 de setembro  
Já nasceu iluminado,  
Em dezoito, oitenta e nove (1889)  
Nesse grandioso estado.

Miguel Barbosa Leão  
Foi o seu pai estimado,  
Ana Barbosa Leão  
A mãe do meu ilustrado,  
Teve também quatro irmãos  
E cada qual mais letrado.

Aristóbulo, Heródoto,  
Maria Grata e Miguel,  
Os irmãos de Kosciusko  
Eu falo neste cordel,

Família de tradição  
Bem dedicada e fiel.

Seu Kosciusko nasceu  
No distrito - Santa Cruz,  
Interior deste estado  
Município de Aracruz,  
Durante o seu nascimento  
Presente estava Jesus.

Fez seus estudos primários  
Aqui mesmo nesta terra,  
Quando a família mudou-se  
Para a cidade da Serra,  
Um menino estudioso  
E esta poeta não erra.

Continuou seus estudos  
Terminou o secundário,  
Em Olinda – Pernambuco  
Estudou num seminário,  
Um homem muito devoto  
Que quase virou vigário.

E na sua juventude  
Ele foi positivista,  
Entrou para o movimento  
Que era contra os monarquistas,  
Isso durou pouco tempo  
Era pois nacionalista.

Entrou para a faculdade  
Onde fez tudo no jeito,  
Já poeta e escritor  
Bacharelou-se em direito,

Lá no Rio de Janeiro  
Foi um homem de respeito.

Voltando para Vitória  
Foi um grande advogado,  
Advogou nas comarcas  
De São José do Calçado,  
São Pedro, Anchieta e Vitória  
A capital deste estado.

Em 18 de novembro  
Contraiu seu casamento,  
Dezenove, dezenove (1919)  
Foi o seu grande momento,  
Laura Madeira de Freitas  
Com todo contentamento.

Seu Kosciusko também  
Exerceu o magistério,  
Faculdade de direito  
De Vitória sem mistério,  
E também foi diretor  
Era inteligente e sério.

Ele junto com os irmãos  
Que foram os fundadores  
Do Colégio São Vicente  
De Paula, e com louvores,  
Aqui nesta capital  
Também foram professores.

Delegado de Polícia  
E também procurador  
Da fazenda nacional  
Mostrou todo o seu valor,



Na cidade de Vitória  
Foi um grande educador.

Foi poeta, teatrólogo  
Além de grande escritor,  
Jornalista, advogado,  
Professor e diretor,  
De tudo fazia muito  
Para agradar ao leitor.

Em vários jornais do estado  
Seus artigos escrevia,  
Redigia e revisava  
Com muita sabedoria,  
Um jornalista dinâmico  
Pois a verdade sabia.

Sei que o Senhor Kosciusko  
Entrou para a Academia  
A Espírito Santene  
De Letras, uma honraria  
A cadeira trinta e seis (36)  
Ocupou com fidalguia.

Seu Kosciusko sei que teve  
Seus trabalhos publicados,  
Livros de prosa e poesia  
Muito bem elaborados,  
Escreveu !Travos em Trovas!  
E sonetos admirados.

Foi o único capixaba  
Que mais tarde figurou,  
Numa grande enciclopédia  
Chamada Delta Larousse,

Foi porque naquela época  
Seus dez livros publicou.

Ele doou sua casa  
Para ser a Academia  
De Letras aqui do Estado  
E com tamanha alegria,  
Doou a Escola também  
Para a prefeitura, um dia.

No dia 20 de maio  
Aos 90 anos de idade,  
No ano de setenta e nove (1979)  
Deixou livros e saudade,  
Foi escrever lá do céu  
Pois nisso era autoridade.

Agora virou medalha  
Do mérito cultural,  
Da Academia de Letras  
Pois foi um grande imortal,  
Hoje está perto de Deus  
Nosso Pai celestial.

Eu termino este cordel  
Com amor e alegria,  
Eu vou mas eu não demoro,  
Eu vou trazer mais poesia,  
Adeus amigas e amigos  
Adeus e até outro dia.

## *Afonso Cláudio e os sucessores da ancestralidade*

*MANOELA FERRARI*

*Jornalista. Escritora. Membro Correspondente da AFEL e da AEL.*

É através da memória que damos significado ao cotidiano e acumulamos experiências. O termo “academia” remonta à Academia de Platão - escola fundada pelo célebre filósofo grego nos jardins que um dia teriam pertencido ao herói *Akademus* (de onde vem o nome). Ali se buscava cultivar e perpetuar o saber.

Foi com esta ideia de debates, baseada no questionamento e na dialética socrática, que diversas instituições literárias surgiram na França, entre as décadas de 1620 a 1630. Em 1897, após a fundação da Academia Brasileira de Letras, foram sendo constituídas Academias em cada Estado da Federação brasileira. Em junho de 1921, surgiu a capixaba Academia Espírito-santense de Letras. Sabemos, de antemão, que os atos inaugurais dessas instituições se consolidaram através de histórias que reúnem as coincidentes éticas e intelectuais de seus integrantes.

Nesse texto em homenagem ao ano do centenário da AEL (Academia Espírito-santense de Letras), busco ecos na infinidade de informações que me habitam. Através do mergulho em minhas raízes, vou acrescentando as vozes que apropriei dos livros, dos personagens que por mim passaram, das publicações veiculadas na imprensa e dos escritores que capturaram, em prosa e em verso, sentimentos que pareciam ser só nossos.

Fiel à nossa história e à íntima convivência com a palavra escrita reafirmo a nossa potência. É a palavra, ela própria, associada à história das nações ou ao enredo das paixões, a única chave capaz de abrir as portas do saber. Somente através de textos passados podemos entender o presente e transformar o futuro. Eis a importância fundamental das Academias de Letras.

Quando fui convidada a escrever sobre a centenária AEL não poderia deixar de emergir em referências particulares que enchem a nossa família de orgulho. Através da história de vida e da obra do irmão da minha trisavó Rosa de Freitas Cabral - o ilustre intelectual, patrono da Academia Espírito-santense de Letras e primeiro governador do Espírito Santo, Affonso Cláudio de Freitas Rosa - ouvimos a ressonância de um universo que gravitou sob a égide da ética, da justiça e do compromisso social.

Como sujeitos históricos e sociais que somos, falamos do tempo com determinadas concepções de mundo. Nossa memória está impregnada de impressões muito pessoais, subjetivas; mas toda nossa leitura parte de uma cultura socializada que cria valores comuns, desmistificando a crença de que o passado é apenas fóssil a ser catalogado ou sepultado.

Nessa percepção, o tempo do meu ilustre antepassado se funde com um espaço dilatado, tornando a figura única de Affonso Cláudio de Freitas Rosa um ser plural, que a História e a Academia capixabas immortalizaram na eternidade.

O nome do município de Afonso Cláudio é uma homenagem àquele que foi o primeiro governador do Espírito Santo, nomeado em 20 de novembro de 1889. Mas importa-nos ressaltar, nessas breves linhas, a magnitude do seu legado não só na política, quanto nas letras e na cultura, em geral.

Influenciado pelas ideias de Tobias Barreto (1839-1889) e Sílvio Romero (1951-1914), Affonso Cláudio se destacou em narrativas e discursos. Fez aclamadas conferências e escreveu em jornais a respeito de questões fundamentais para a época, sobretudo em relação à causa abolicionista. Participou da fundação da Sociedade Libertadora Domingos Martins, em 1883. Depois de formado, casou-se com Maria Espíndola

de Freitas Rosa e dedicou-se com fôlego ao direito dos cidadãos e às causas humanitárias.

Em 1891 tornou-se desembargador e, logo depois, Presidente do Tribunal de Justiça do Espírito Santo. Foi designado Procurador-geral do Estado (1916-1917). Em 1920, aposentou-se como desembargador e foi morar no Rio de Janeiro, dedicando-se ao magistério superior na Faculdade de Direito de Niterói.

Na Academia Espírito-Santense de Letras, foi o primeiro ocupante da cadeira nº 1 e patrono da cadeira nº 27. Sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, faleceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no dia 16 de junho de 1934.

Existe uma poética do tempo que é um mergulho único na eternidade: a fluidez da memória que se narra. Ao não se apagar através de registros, a história tem a capacidade de nortear as novas gerações. Principalmente a trajetória de figuras tão exemplares quanto a de Affonso Cláudio. Em todas as culturas ou civilizações, desde que o mundo é mundo, as sociedades se formam através de hábitos e costumes que passam de geração em geração, num movimento cíclico que delinea a significação do pensamento coletivo.

Quantas vezes existem dentro de nós? Uma infinidade, por certo. E delas nascem as narrativas memorialísticas – dos fios com os quais tecemos as memórias que nos habitam: a voz do passado amalgamado às vozes do presente e da esperança de futuro. Esse fino e frágil tecer foi o impulso que me moveu a traçar essas linhas a respeito do meu tio-tetravô, que registrou em seus escritos toda a grandeza de sua existência.

“Mande fazer um barquinho, da casca do camarão, o barco saiu pequeno, só coube meu coração”: eis uma pequena trova do cancionero capixaba colhida entre os inúmeros estudos que fez sobre nossa cultura.

Entre sua vasta obra literária, contribuições historiográficas, estudos de Direito e publicações na imprensa, destacamos “A insurreição do Queimado” (1884); “Comentário à Lei da Organização Judiciária do Estado do Espírito Santo” (1894); História da propaganda republicana no Espírito Santo” (1894); “Biografia do Dr. João Clímaco” (1902), “As tribos: negros importados e sua distribuição no Brasil: os grandes mercados de escravos” (1914); “Conferência sobre Domingos Martins” (1914);

“Estudos de direito romano: direito das pessoas” (1916); “Da retenção do cadáver do devedor em garantia do direito creditório, entre os romanos” (1916); “Bosquejo biográfico do Dr. Clóvis Bevilaqua” (1916); “Da exterritorialidade das leis reguladoras do Estado e capacidade das pessoas”; “Do divórcio e da conversão das sentenças de separação de corpos em dissolução do vínculo matrimonial, na jurisprudência internacional (1916); Comentário às leis do estado civil” (1917); “Discurso sobre o fuzilamento de Domingos Martins” (1917); “Da expressão do ideal no paganismo e no cristianismo” (1918); “Consultas e pareceres” (1919); “Do domínio e sua evolução no direito antigo e moderno: da preferência condominial no direito civil pátrio”(1920); “Gênesis da obrigação jurídica: do verdadeiro suporte psicológico da obrigação jurídica” (1921); “Trovas e cantares capixabas” (1923); “Elogio histórico do padre Marcelino Pinto Ribeiro Duarte” (1924); “Direito romano: direito das coisas” (1927); “Comentários ao Código Civil Brasileiro” (1930); “Ensaio de sociologia, etnografia e crítica” (1931) e “Rudimentos sobre a teoria dos contratos” (1934).

Na dedicatória de uma de suas mais robustas obras - “História da literatura Espírito-santense” (publicada em 1912, com quase 600 páginas) - encontra-se um desafio: “À mocidade Espírito-santense, a quem incumbe a glória e o dever de venerar e aumentar o patrimônio literário que lhe transmitiram seus antepassados”.

Escrito há 109 anos, esse texto reforça o caráter vanguardista de seu pensamento, garantindo o tônus literário que o levou ao mérito do reconhecimento imortalizado: “Servindo á causa das letras de minha Pátria e em particular do meu torrão natal, a animação com que meus conterrâneos e amigos acolheram este livro e as expressões gentis com que acariciaram a leitura que do original fizeram, confortando-me em um estado da vida em que as desilusões fanaram todos os ideais, constituem um incentivo poderoso para que as profícuas pesquisas literárias prossigam e novos achados venham avolumar o acervo do nosso tesouro intelectual, fragmentado em monumentos que atravessaram mais de dois séculos, expostos a todas as vicissitudes. Essa tarefa pertence à mocidade; eu dou-me por satisfeito com a pequena contribuição que as páginas a seguir imperfeitamente condensam, certo de haver o assunto

sido tratado por escritores de reputação feita no mundo literário em que vivemos; sem temor, porém, posso confessar que por esse motivo arrisco o meu obscuro nome, o brilho e a grandeza daqueles que o tenham de o eclipsar, servir-me-ão de consolo, ou na belíssima linguagem do maior historiador de Roma: *'Si in tanta scriptorum turba mea fama in obscuro sit, nobilitate ac magnitudine eorum, neo qui nomini officient, me consoler'* (Tito Livio).”

Os clássicos têm a incrível capacidade de continuar dialogando com um tempo ao qual não mais pertencem. Adjetivar Affonso Cláudio é uma missão que incorre na área superlativa. Não temo transgredir para o terreno do exagero ou da falsa modéstia em relação ao nosso parentesco, visto que estou amparada em registros documentais de uma obra de expressão inquestionável. Homenagear a história de uma vida cuja vida é a própria obra significa apontar para a eternidade.

Somos todos sucessores da ancestralidade. É na literatura que encontramos a escrita de todas as lembranças. E é na história que resgatamos as raízes da transcendência. Através delas, ouvimos a ressonância de toda uma tradição. É nosso dever caminhar empenhados em assegurar às novas gerações o registro das características essenciais que nos tornam humanos.



## *Conversa de Whatsapp*

MARCOS TAVARES

*Escritor e funcionário público estadual. Pertence à cadeira 15 da AEL.*

O que se pretende nesse relato é demonstrar o quão membros da Academia Espírito-santense de Letras(AEL), os tais “imortais”, equiparam-se, em atitudes, à maioria dos demais humanos: os ditos “comuns mortais”. No caso em foco, é a ativa conversação não presencial, um assunto já tratado por Jô Drumond, em seu livro “Cibersolidão” (Ed. Opção, 2017), motivador de resenha por parte desse bardo que a nós escreve (in: revista Fernão, do PPGL/Ufes, nº 1/2019).

E esse demonstrativo, um recorte no tempo, precisamente do dia 11/03/2020, dá-se com base em conversa/diálogo por meio do hoje popular WhatsApp. Ora, é esse uma ferramenta cibernética capaz de portar mensagens instantâneas, por aplicativo multiplataforma. Entre os brasileiros, desde a sua implantação, em 2009, tem sido disseminado o seu uso, sobretudo com o advento do smartphone, parafernália tecnológica muito além do simples telefone móvel (o vulgo “celular”). Com a gratuidade, a partir de 2016, popularizou-se ainda mais esse recurso: tem hoje um alcance equivalente ao de maiores canais de TV e de maiores jornais.

Na data supramencionada, ainda não se registrava no Brasil óbito algum por infestação de coronavírus, o SARS-CoV-2, agente etiológico da “síndrome respiratória aguda grave” denominada COVID-19. Ministério da Saúde confirmava 52 casos positivados, sendo no solo espírito-



-santense apenas um (1), todos eles presumivelmente “importados” da Europa, mormente da Itália, onde grassava o mal.

Espírito gaiato do povo brasileiro já galhofava do corona que então se acreditava somente circunscrito a Wuhan (China). Toda sorte de *fakenews* (notícias falsas) e memes (*mimésis* = imitação, com fins humorísticos, da realidade) circulavam sobretudo por intermédio do *WhatsApp*. E, ainda, nos dias 22 a 25 de Fevereiro, por essas terras pátrias, sambavam e cantavam, em folia momesca, quando mui particular carnaval o malévolos vírus fazia.

No âmbito do “grupo” whatsappiano da AEL, diferentemente da conversa dos “mortais”, eram outros os assuntos: Adilson Vilaça (AV) faz chamada para um novo número da coleção (“Escritos de Vitória”) por ele idealizada. Jô Drumond (JD), ainda hospitalizada, informa a respeito de bruta queda que levara à porta da Biblioteca Municipal, à saída de um feliz evento. Francófono qual ela, saúda-a Anaximandro Amorim (AA). Francisco Aurelio Ribeiro (FAR) está exultante com descobertas concernentes a um literato do passado: Amâncio Pereira (AP). Já em 12/02/2020, em conversa também no Whatsapp, revela isso (“Bom dia, pessoal. Estou pesquisando o prof. Amâncio Pinto Pereira, 1862-1918. Ivo deveria ser neto dele, pois os filhos foram Nuno, farmacêutico, e Heráclito, professor da Ufes. Ivo Amâncio de Oliveira, 2º ocupante da cadeira 28, não era parente de Amâncio Pinto Pereira, patrono da cadeira 5. Desfeita a confusão?”).

Dialogando com aquele incansável pesquisador, estavam, sempre com muito saber histórico, João Gualberto (JG), Fernando Achiamé (FA) e Getúlio Neves (GN); todos esses também associados ao Instituto Histórico e Geográfico do ES (IHGES), sendo o último o seu Presidente. Propus, então, fosse divulgado todo o diálogo, quase um simpósio. Vez ou outra, intervinham, com gracejos, Ítalo Campos (IC) e Marcos Tavares (MT). Médico nada nefelibata, poeta Jorge Elias (JE) adverte acerca do pior por vir, o mesmo que, até 06 de Novembro, somaria 162.035 óbitos. Pedro Nunes (PN) anuncia seu novo honorável feito: para a AEL, um site próprio! Leiamos o recorte de 11/03/2020:

-----

12:12 JD: Obrigada, meus queridos. Tenho duas boas notícias: O hematoma intracraniano está regredindo. Consegui entreabrir o olho es-

querdo. Não perdi a visão. Se estivesse de óculos poderia ter sido bem pior. Estou aguardando o laudo do neurologista. Amo vocês.

:13 **AV:** Boa recuperação, Jô! Meu abraço!

:16 **AA:** *Moi aussi je t'aime! Un bon rétablissement! En priant pour que tout finisse bien! Bisous!*

:24 **JG:** Jô, você tem, na Academia, muitos e verdadeiros amigos. Estávamos todos muito preocupados e sentidos [sensibilizados].

:33 **AS:** Que bom! Você é dura na queda mesmo e, em momento algum, permitiu que o desespero tomasse conta de seu ânimo. Quero vê-la fora do hospital. E rápido!

:51 **FA:** Que bom, Jô. Logo estará recuperada. 12:52 **FAR:** É, Sim, José Roberto; texto publicado no centenário de AP, em 1962, amplamente comemorado pela AEL.

:55 **JRSN:** Que bom ver sua mensagem, Jô! Que susto... estamos rezando e torcendo por sua pronta recuperação. Importante registro.

:57 **FAR:** Hoje, descobri a primeira nomeação de Amâncio Pereira (AP) como professor, em dezembro de 1882, para Muqui, que, na época, pertencia a Itapemirim. :58 **FAR:** Inglês de Sousa, o escritor, era o Presidente da Província.

13:01 **FAR:** Trouxe, de SP, Silva Jardim, que deu um curso intensivo de Pedagogia, ensinando o método João de Deus, de alfabetização, e habilitando professores pro magistério primário. AP fez esse curso, e aí começou sua carreira no magistério, que durará 35 anos, encerrada em 1917, um ano antes da morte.

:07 **GN:** <http://gtneves.blogspot.com/2011/02/o-academico-ingles-de-souza-e.html?m=1> . A quem interessar possa.

:16 **JG:** Acho que Inglês de Souza foi Presidente da Província por um breve período de tempo, mas teve tempo de fazer uma importante reforma no ensino.

:19 **JG:** O texto é seu, Getúlio? Eu li faz já muito tempo Os “Contos Amazônicos”. Gostei.

:20 **FAR:** Sim. O texto é do Getúlio publicado na nossa Revista e no livro dele.

:21 **JG:** Muito bom. Eu não havia lido. **FAR:** O mais conhecido dele é O Missionário, prosa naturalista.

:27 **JG**: Eu li também. Só li esses dois. Embora breve, a passagem dele pelo Espírito Santo, no fim do império, foi importante. A geração dos anos 1880 nas elites fez a passagem para a República

:32 **FAR**: Sim. AP fez parte dessa geração, embora não fosse da elite econômica e social, só da cultural. Afonso Cláudio foi muito arrogante e preconceituoso no julgamento da obra de AP, por esse não ter curso superior.

:33 **FAR**: Literariamente, a obra de AP é mais importante que a de AC.

:35 **JG**: Não conheço nada de AP, mas vou ler os livros que você conseguiu republicar. São lapsos.

:48 **FAR**: A maior parte da obra é teatro. Mas, ele publicou poemas, contos, novela, didáticos e históricos.

:49 **FAR**: Só vamos publicar o “Homens e Cousas: Espírito-santenses”, de 1914, o mais conhecido e mais citado dele.

:50 **FAR**: Farei uma antologia da obra literária dele, no livro que estou escrevendo.

:00 **AS**: [Álvaro reclama da pouca oferta de ônibus municipal, em Vitória]

:09 **JG**: Já um belo começo. 14:17 **FA**: [ícone de aprovação]

:27 **MT**: Lembro que a maior preocupação de **JD** era o olho. “Eu perdi o olho? Perdi o olho?” Ela, num quase delírio, balbuciava, angustiada. Também é esse o meu maior temor. O mundo de grandes leitores (e escritores) é todo apreendido pelos olhos.

:29 **AS**: Disse: “Não estou vendo nada com o olho esquerdo...”

15:16 **FAR**: Era o medo da Jeanne [Bilich], também. Fala, amiga.  
15:19 **FA**: Boa e rápida recuperação, querida Jô. Grande abraço. 15:20 **FAR**: Fernando, estou com o “Homens e Coisas do ES” para entregar a você. 15:25 **FA**: Ótimo! Ganhei, há uns dois meses, do Reinaldo Santos Neves, um exemplar de 1927, em razoável estado, do “Quando o Penedo falava”, do Elpidio Pimentel, a quem conheci de vista como secretário do Colégio Santo Inácio no Rio, em 1967. Já me comprometi com o Álvaro de fazer o escaneamento, estabelecimento e revisão do texto para ele elaborar o prefácio da nova edição.

:27 **FA**: Depois, doarei o exemplar à Biblioteca da AEL. 15:33 **FAR**: (risos)

:57 **PN**: Amigos, nosso site foi atualizado nesta data: <https://www.ael.org.br/index.html> .

16:07 **JRSN**: Muito bom, Pedro! [ícones de aplausos] 16:10 **FA**: [idem] 16:50 **AS**: Você é o maior, Fernando!

:27 **José Mateddi**: Boa, Pedro. Gostei! [idem]

:38 **IC**: Parabéns Pedro. Aviso que as cadeiras que promoveram e realizaram a maior rotatividade foram a 15 e a 25.

:44 **MT**: Se sem muita leitura, a esquerda não é quase nada. Já a direita lê pra burro. Dizem. ( risos) Não estou certo de nada, nada. Qual sempre.

:46 **MT**: 15+ 25= 40 > quarentena > rota(ativida)de vírus. 16:47 **MT**: Palavra- chave: rotavírus!

18:32 **AS**: Vejam o que está sendo distribuído agora pela internet. :<Arquivo de mídia oculto>

20:37 **MT**: IMPRENSA - Ou um jornal está ao meu lado, aqui no banheiro, ou estará ele no meu embrulho de peixes. Sempre lhe dou uma finalidade bem útil. E nunca nos sonogou Arte, Política e Cultura o mui valoroso Mercado da Vila Rubim. Importante é informação de cabo a rabo.

:53 **AS**: De cabo a o quê?

21:43 **GN**: Por falar em Inglês de Souza, estou lendo Lúcio de Mendonça: o idealizador da Academia Brasileira. Ministro do Supremo que peitou Prudente de Moraes.

:45 **GN**: Contos com ironia sobre os costumes da época

:45 **JG**: Peitou por quê? A imagem de Prudente é a de um democrata. Aliás, único com essa imagem da Primeira República.

:50 **GN**: Ouviu falar no atentado?

:52 **MT**: Ah, COVID-19...Pânico... Um Doutor infectologista acaba de afirmar: não é nada patológico o tal vírus! Estou com o Bolsonaro: coisa que botam na nossa cabeça. Qual um cornovírus: chifre. Como, em bom português calão, se o diz na Vila Rubim.

:52 **JG**: Sim, claro. Um de seus ministros perdeu a vida.

:54 **GN**: Isso, entrou na frente do tiro. Bom, ele decretou estado de sítio no Distrito Federal e vários foram mandados pra Fernando de Noronha; entre eles, deputados. Vários *habeas corpus* foram impetrados, in-

clusive por Rui Barbosa, sem sucesso. 21:55 GN: Lúcio de Mendonça foi relator designado do único que foi concedido; na prática, cessando o estado de sítio. 21:56 GN: Esse *habeas corpus* inclusive está na seção de julgamentos históricos do site do STF.

:56 JG: Sabia não. Enfrentar aqueles megacoronéis exigia coragem. 21:57 GN: Verdade, revolta federalista, Canudos etc. O clima era pesado.

22:14 JG: A presidência dele foi um período muito difícil. Mas ele se saiu bem, eu acho. 22:15 GN: Eu também.

:17 JG: Foi também bom presidente em São Paulo.

:26 FA: Um deputado baiano que fez carreira na política capixaba sempre na oposição, Torquato Moreira, esteve diretamente envolvido na conspiração desse atentado.

:27 FA: Inglês de Souza sugeriu mudar a capital capixaba para Linhares... 22:32 JG: Eurico Rezende também ...

:44 MT: Aulas de História! EAD com Mestres! Prossigam, pois, *please*! Eu gosto! Quando serão transmitidas *in live* as reuniões do IHGES?

:54 JG: MT, a decisão é do presidente Getúlio. 22:55 GN: De quê? 22:56 - JG: Da transmissão *in live* das reuniões do IHGES. Coisas do MT.

:57 GN: Opa! A ideia é boa. Mas, precisa de uma plataforma de Internet.

:58 JG: MT arruma. GN: Vou ver isso. Às vezes, uma ideia dessas bem pode dar certo. Seria o certo, já que a ideia é dele. (risos)

:59 JG: É simples, hoje. Faz o vídeo e disponibiliza no site. Aquela palestra superbacana da Renata [Bonfim, literata] seria um vídeo superlegal.

:59 GN: Vou ver a quantidade de espaço necessário.

23:00 JG: Vê, Getúlio, e depois MT faz o resto. GN: Talvez dê pra pendurar no Facebook. 23:01 JG: Sim. Também

:01 GN: Bom, vou me ocupar disso. MT será o consultor. 23:03 JG: Rede Histórica MT. A melhor das Américas!

:04 GN: Sim. (risos) JG: (risos)

:31 MT: Conversa de alto nível, qual essa, deve ser, no mínimo, transcrita. Anax [Anaximandro] é muito bom nisso. Ao vivo constitui um acervo sonoro-imagético. Falo sério. Anaximandro domina o trans-

crever. 23:33 **MT**: Ah, muita gente já pensou um certo Museu da Imagem e Som. Renato Pacheco, p.ex., propugnava isso.

:36 **MT**: Até daria um artigo: **Conversa de WhatsApp**. O público veria que intelectuais não conversam apenas o corriqueiro; que as questões históricas pulsam em seus corações e mentes. E eu estou hoje um poeta!

-----

E o acima transcrito é a mais fiel expressão da verdade daquele dia 11 de março. E eu, o mais obscuro escrivão em meio a tantos prolíficos autores de livro, o transcrevi. E dou.

## O Mestre Armojo. Hermógenes Lima Fonseca, seu tempo, sua história.

*“O rio era tudo de maior importância para minha vida  
nos primeiros dias da minha infância”*

MARIA DAS GRAÇAS SILVA NEVES

*Cadeira n.23 da Academia Espírito-santense de Letras.*

Hermógenes, um homem muito além dos parâmetros estabelecidos no nosso século, legítimo representante da essência própria de um povo e da sabedoria simples, nasceu em 12 de dezembro de 1916, no sítio José Alves, na localidade de Palmeiras, distrito de Itaúnas, município de Conceição da Barra, num lugar paradisíaco que mais tarde foi coberto por dunas de areia. O dia anunciava um nome surpreendente... ele mesmo contava de maneira pitoresca como foi o seu registro \_ no dia do seu nascimento, a folhinha marcava- Santo Hermógenes. Escolhido o nome, seu pai tirou a folhinha e a levou ao tabelião, porém ambos, pai e tabelião, antes de irem ao cartório tomaram uns “mata-bicho” e, com a língua enrolada, o pai pronunciou o nome- Emorge. A folhinha ficou dentro de um livro o que permitiu que, vinte anos mais tarde, o nome fosse alterado judicialmente.

No seu imaginário, descreveu *“don sapo, comedor de mosquitos, reuniu orquestra no brejo. Don grilo cantava para me adormecer. Os pirilampos vagavam piscando suas lanternas. O bacurau dizia: amanhã*

*eu vou, amanhã eu vou.*” Sem dúvida, era o sítio das Perobas dando as boas-vindas ao menino robusto que trazia no sangue a origem portuguesa mesclada com a dos índios Botocudos provenientes da Serra dos Aimorés.

Sua primeira Escola foi a natureza. Conforme seus próprios escritos atestam, fora um menino que viveu livre, sempre ativo, curioso, que cresceu solto. Ele aprendeu a ler nas águas do mar, nas folhas das árvores, no perfume das flores, desbravando as trilhas pelos matos, tomando banho nos córregos, pescando, convivendo e aprendendo tudo com as pessoas simples do lugar. O próprio Hermógenes registrou: - *“tiveram plasmados esses sentimentos ao desabrochar da vida nesse magnificente cenário de alegria estonteante, de infância despreocupada correndo na praia, rolando na areia, pescando no rio, apanhando siri, chupando caju, procurando gagirus, tirando pitanga, colhendo cambucás e saboreando mangabas”*.

Com a morte do pai, aos nove anos, foi morar em Vitória, cursar o primário no Orfanato Cristo Rei. O responsável pelas crianças do orfanato, Padre Leandro Del Uomo, deixou-lhe marcas profundas de cidadania e humanismo assim como, o senhor Manoel Bernardino, um bombeiro hidráulico, que lhe fez descobrir não só os caminhos para a ciência, como os da literatura. Após dois anos no orfanato, foi habitar com a mãe e o padrasto- o capitão, nos píncaros da Fonte Grande, numa casinha de estuque, coberta de zinco. Sua criatividade trouxe melhoramentos à precária moradia como, por exemplo, um improvisado chuveiro para o banho. Ele próprio fala da alegria daquele morro, das visitas dos políticos em vésperas de eleição à cata de votos e da tristeza da morte e enterro dos amigos.

*“A vida é assim; nem toda flores, nem toda espinhos!”*

De viva inteligência e curiosidade inata, aos 18 anos, sentiu a necessidade de voltar aos estudos, recuperando com grande interesse o tempo perdido. Ele ingressou na Academia de Comércio Velho Filgueiras e formou-se em contabilidade. No convívio com o amigo Manoel Bernardino, descobriu a palavra e passou a usá-la de forma tão original que foi escolhido para orador da turma. Já nessa época iniciara-se na carreira de telegrafista da Western Telegraf Company chegando a ser



presidente do Sindicato dos trabalhadores das Empresas Telegráficas de Vitória. Suas ocupações foram bem diversificadas, de serviçal a contador, de telegrafista a repórter, de sindicalista a político; mas a sua maior paixão sempre foi o povo, a gente simples dos morros e das ruas, de suas singelas manifestações, a fala mesclada de termos pitorescos. Hermógenes calçava seus sonhos com as pedras da rua e os cobria com as estrelas do céu. Um idealista que embalava um projeto ambicioso- a criação da Vila dos Confins- uma espécie de Museu do Brasil do interior. Ele era um gozador! Desencantado com a falta de interesse pelas pesquisas da cultura popular, seu fino humor o levou a imprimir um cartão de visitas onde se apresentava: “Dr. Armojo. – e assim ficou conhecido nas rodas boemias, sobretudo no beco da Laura e do mestre Vitalino em São Torquato- PHD by Cariacica University and master of Caçaroca College”. Em suas produções na Folha Capixaba, jornal do PC do B no ES, era ao mesmo tempo repórter, diagramador, diretor “e tudo”. Isso lhe valeu duas prisões: na primeira, acusado de ser mentor intelectual da subversão no Estado e na segunda, nunca soube o motivo. No partido ele tinha o apelido de IRI que ele próprio definia como I de irreverente, R de rebelde e I de indisciplinado.

Participante ativo e eficaz do Centro Capixaba de Folclore, contribuiu na concepção do Atlas Folclórico do Brasil, na parte do ES. Participou de inúmeras comissões e seminários junto à Coordenação da Funarte e do Projeto Rondon. Esses projetos importantes, lhe permitiram o convite para ingressar na Academia Espírito-santense de Letras. Em seu discurso de posse, um verdadeiro depoimento de vida, ressaltam seus dons de simplicidade e de humildade ao exclamar com naturalidade: “*Oi de casa! Oi doutor Zé Moisés! Escancarai a porta que é o povo que chega com seus cacaios culturais nas costas e um picuí de poesia.*”

Hermógenes era tido e havido como antiacadêmico, mas rapidamente se integrou e descobriu o outro lado da AEL, e declarou - *eu cheguei à Academia como Guimarães Rosa... dizem que ele não queria entrar na Academia...* Conquistado pelos amigos acadêmicos Renato Pacheco, José Moisés, Nelson Abel de Almeida entre outros, o novo confrade, de embornal nas costas, do meio do povo, contando “causos” reafirmava: “- *a turma de lá é boa, é povo, é gente como nós e faz um trabalho de*

*promoção da cultura capixaba.*” Seu espírito crítico levava-o a refletir sobre a eficácia e validade das secretarias de cultura cujos projetos, nem sempre deslanchavam do papel. Ingressando na política, Hermógenes foi então o vereador mais votado da capital, pela legenda do PC do B e do PR. E foi mérito dele, a aprovação de um projeto para a criação do prêmio de literatura “Cidade de Vitória” e da Lei de Isenção e Incentivo às apresentações folclóricas. Preocupado com a realidade brasileira, lançou-se ardorosamente em defesa da Ecologia, rebelando-se contra a depredação do homem à natureza.

Em entrevista ao jornalista Renato Soares, afirmou: “*Eu sou é índio. Acho que a forma de viver do índio é muito superior a essa civilização de estupidez.*” Sentia-se triste e desolado! E colocou no papel seus desabafos...

“*Onde a jaqueira, cujo fruto tinha favos como o mel? o trator arrancou.*

*Onde as almesqueiras com seus frutos brancos como o algodão? o trator arrancou.*

*E as pitangueiras, as cambuças, os cajueiros, as maçarandubas de frutinhas vermelhas... as quaresmeiras que enfeitavam as matas? o trator arrancou.*

*Para onde voaram os periquitos, as maracanãs em bandos alados? o trator arrancou.*

*Para onde foram os tatus, as pacas, as cotias...as onças que por aqui bestavam procurando comida? o trator arrancou.*

Descubro nessa força telúrica, a riqueza de estilo de sua lírica popular. Uma trama de arpejos leves de uma sinfonia pastoral contrapondo-se aos acordes plaquês de uma sonata **apassionata** com efeitos dissonantes, como ecos de lamento à monstruosidade da destruição.

Na minha interpretação, percebo e sinto o desejo de Hermógenes em transformar a sutileza e densidade contrastantes dessas melodias em verdadeiras vozes de nossa gente, de nossas raízes e de nossa história. Devemos ao seu notório saber o resgate da memória! Ele pesquisou e buscou as reminiscências de nossas origens e tradições deixando-nos um rico legado através de suas obras: **A Vila de Itaúnas** – 1980; **O ho-**

**mem que partiu a manga-1982; Viagens de Inspeção- 1982** (que narra as andanças com Carmélia M.Alves de Souza pelo norte do Estado); **Seu Lúcio, o patriota e o país dos bichos – 1983; Mensageiro dos ventos-1983; Histórias de Bichos contadas pelo povo- 1984;Tradições populares no ES-1991; Curubitos- 1992; Contos do pé do morro- 1993.**

Sua profundidade o levou a reflexões...

*Sinto que somos sós. Nascemos sós.*

*Vivemos sós dentro de nós.*

*Dentro de nós nos recolhemos e no nosso íntimo Sós, nos encontramos com nós mesmos e criamos nossas fantasias.*

*Sós, e ninguém nos assiste e nem pode nos assistir.*

*Dentro de nós mesmos, indevassavelmente.*

Uma paixão parece ter nascido com Hermógenes - o Folclore. A fé nas credices, o ver, ouvir, registrar, comparar, criar e recriar para depois contar e recontar aos ouvidos de quem presta ouvidos à cultura popular. Ouvir para não olvidar. Seu maior desejo era que no fluir do tempo não se deixasse desaparecer os ditos populares, as cantigas de roda, o artesanato e tudo que ele tão bem soube resgatar, cultivar e divulgar. Sua obra é de interesse inegável por captar um linguajar típico da região, com vocábulos inusitados, a exemplo do termo “*curubitos* de origem indígena:- “pontinhas que sobram entre os dedos quando se rala o coco ou restinhos de cana que os meninos pegam pra chupar.” Outra particularidade, ele fez ressurgir o nome “*casaca*” utilizado no Ticumbi capixaba; instrumento em forma de reco-reco esculpido com uma cara em uma das pontas.

Hermógenes esteve à frente da Comissão Espírito-santense de Folclore, única no gênero, juntamente com Guilherme Santos Neves, Renato Pacheco e Eugênio Sette, durante mais de cinquenta anos. Uma semana antes de seu falecimento, já muito enfraquecido, recebeu o honroso título de Presidente de Honra.

O povo era sua fonte de pesquisas e ele, protótipo da sabedoria, era com respeito e paciência que “*assuntava*” nas rodas de conversas até que no calor da prosa as pessoas, pegando da palavra, “*destrambelhavam*” e

assim ele colhia preciosas informações. Era a arte de **bongar!**

Louvido seja Mestre Armojo!

O tempo fugidio muitas vezes apaga a memória, se não nos fizermos presentes. E o tempo me passou a perna, esqueci de estar lá, no Sítio do “Pixingolê”, espécie de Centro Cultural Capixaba, onde falava-se a linguagem popular. Deixei de bater à sua porta, após a tentativa de driblar o tempo, para juntos marcarmos na história do Folclore com nosso planejado álbum de cantigas populares...

Eu me relanço ao passado e me sinto ao seu lado...

*... Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré dici. Eu sou rica, rica, rica de marré dici...*

*...Ciranda, cirandinha vamos todos cirandar; vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar...*

Cantai, sonhai, dançai crianças pobres ou ricas, ao amanhecer, ao entardecer ou na noite escura à beira da calçada. No sorriso da primavera, no raiar do verão, no desfolhar do outono ou no disfarce do inverno.

O povoado com suas ruelas no aconchego da vila, comemora a santa padroeira: Santa Luzia...na cidade de Pancas, minha terra natal! Cantantes riachos deságuam no então caudaloso Rio Doce circundado pela grandiosidade das misteriosas pedras do vale encantado, hoje chamado “Cidade Poesia”! Terra natal, onde a alma reside; embora deitando nas floradas de outras plagas a trazemos para sempre arraigada em nosso Ser.

Hermógenes referiu-se a Pancas, em sua obra inédita “Poema da Gênese Ecológica”, onde dedicou uma página a Burle Marx e conta que este, ao conhecê-la, extasiou-se ante a magnificência de sua natureza; porém ao retornar anos depois, ficou estarecido com a destruição feita pelo homem. “*Burle Marx, chorou! Sentou-se num boteco e se embriagou com cachaça...*”

Na terra de minha origem, dentro de suas ruas e de sua praça, o tempo descerra as cortinas do passado. É a minha família que me chega e bate fortemente à porta da saudade! Lembrá-los é agradecer a Deus o convívio familiar de tantos anos...

E, por falar em saudade, foi o que Hermógenes deixou em todos aqueles que o conheceram, que o amaram, e que com ele conviveram.

Aos amigos, um legado de lembranças temperadas de carinho.

Renato Pacheco dizia:- “A grandeza do amigo está no sonhador” e o sonhador com Dona Maria Augusta sua primeira companheira, criou oito filhos: Luiza, Maria Angélica, Rita, Raquel, Manoel, Margarida, Marília e Marcus. Família que dele se orgulha e que se enriqueceu de gêneros e noras e- “uma penca de netinhos para os quais inventou histórias maravilhosas.”

No sentimento de Luiz Guilherme Santos Neves- “uma excelência para Hermógenes é pouco. Cantem-se duas e três, um rosário delas, para o mestre que se foi, dos anjos e das estrelas coroadas.”

Eleomar Mazoco- Presidente da Comissão de Folclore, relembra: “juntamente com Guilherme Santos Neves, Hermógenes criou de forma metodológica, a pesquisa folclórica no ES. Os dois inventaram a roda do folclore e eu, como presidente, só tenho que fazer ela rodar.”

Sua filha Maria Angélica recorda: “papai era uma pessoa que primeiro tinha que apertar a mão dele para saber se existia. De grande sensibilidade, vivia cinquenta anos na minha frente. Era totalmente desprendido de bens materiais. O importante para ele eram as pessoas, a natureza e o folclore.”

E foi assim, rodeado de seu povo, ao som dos pandeiros do Ticumbi que ele foi sepultado em Conceição da Barra aos 16 de maio de 1996. Seu epitáfio, escrito por ele mesmo, dizia: “Aqui jazem os restos mortais de um homem que se divertiu com o mundo, gozou a vida. Pena que foi por pouco tempo.”

E, é como um -“tocador de congo de São Benedito”- que o escritor Adilson Vilaça descreve sua chegada ao céu... “foi contar histórias para ninar os anjos e para despertar folguedos dos trasgos, porque Mestre Armojo não discriminava as criaturas da fantasia.” E acrescenta - “O corpo seguiu para Itaúnas. O espírito já se agasalhou sob as dunas.”

Minha peroração se conclui com as palavras do próprio Hermógenes num poema reverenciando a natureza: “Quando entro numa floresta, ajoelho-me, porque ela é a mais antiga das igrejas,

*Aquela em que o primeiro homem ergueu ao céu sua primeira prece.*

*Na floresta tudo reza; rezam as folhas e com elas rezam os insetos  
na terra,  
nos ramos, por entre as cortiças e as aves mutuamente se chamam  
com seus cantos  
e tomam parte naquela prece de toda natureza verde...”*

**Louvado seja Mestre Armojo!**



## O Sobressimbolismo

OSCAR GAMA FILHO

*Escritor e Psicólogo. Pertence à AEL.*

Carlos Nejar, em entrevista ao jornal *A Tribuna*, de 20/12/2015, declarou: “Há um grande crítico em Vitória, que é Oscar Gama Filho, também romancista. Ele me revelou que, na poesia e na ficção, trago um novo movimento literário, o Sobressimbolismo. Depois verifiquei que há muito busco essa perspectiva. Ele descobriu o que me inventava”.

De fato, Nejar, na *Apresentação* de sua magnífica e inigualável *História da Literatura Brasileira*, já confirmava a sua existência: “E, hoje, talvez estejamos em um novo Simbolismo.” (São Paulo: Leya, 2011, p. 23). A mesma frase se repete na 3ª edição da obra, pela Editora Unisul, em 2014, na p. 11. Mas de que se trata? Vamos a ela.

### LINHAS SOBRE A SUPERFÍCIE

Qual música ecoa de linhas sobre a superfície? Não de linhas complexas: — linhas simples, como as das letras.

Que quadro compõem essas linhas desunidas, que apenas se tocam nos seus vértices? Pontos em que se interseccionam, mas não se penetram.

Toda escrita é formada de linhas sobre a superfície. As linhas podem ser cordas suspensas, como a língua inca. Ou gravadas na areia da praia.

Quem se dedica a descobrir o ritmo e a musicalidade dessas linhas sobre a superfície é. Música sem harmonia nem arranjos além da escanção greco-latina ocidental.

Quem se dedica a transformar letras em tintas espalhadas na tela branca da página e a compor cenas em quadros sem perspectiva, mas dotadas de plasticidade é.

É **Sobressimbolista**.

Este estilo de época apresenta Carlos Nejar como seu autor clássico, no sentido de modelo a ser estudado em **classes** de aula. O único 100% Sobressimbolista.

O Simbolismo buscava a musicalidade, o Sobressimbolismo tem poemas musicais, com melodia, mas sem arranjo ou afinação. A contemporaneidade fragmenta o verso ou o elimina. Mas um novo estilo de época tem de apresentar novas técnicas e figuras de linguagem como marcas que o diferenciem dos demais.

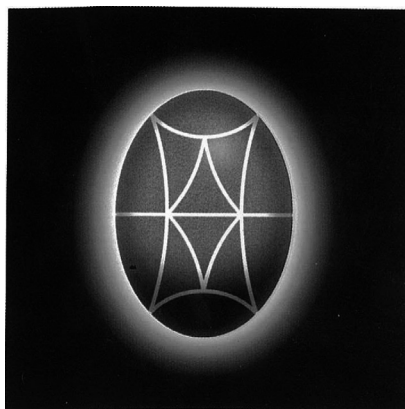
No meu romance *Ovo Alquímico*, o capítulo *O Naufrágio* reduz as frases a sinais de pontuação. E o *caco* inicial concentra todas as palavras em um único signo, o *Ovo Alquímico*.

O *Ovo Alquímico* possui uma estrutura eidética desmontável, o *eidós*, que pode se transformar em qualquer forma de arte e ser lida em qualquer linguagem — mais do que em qualquer língua. Ele é um computador quântico onisciente, onipresente e onipotente. Melhor, um computador quântico autoconsciente, um invariante universal absoluto. Alguns chamam de deus, mas não é verdade. É apenas uma chave descriptografadora do todo que permite o acesso a qualquer elemento do conjunto universo.

Desenvolver uma coisa defronte da outra, destilando os sonhos do mundo: o *Ovo Alquímico* é o pórtico entre o impossível e o real. Recolhe os detalhes constituintes da inteligência humana de hoje e do futuro, semeando-os em um computador quântico autoconsciente que produzirá milagres, curas, casas e cidades que se erguerão instantaneamente em um clique do mouse. E que também será capaz de reconstruir florestas e de criar personagens e amores consistentes e reconhecíveis que se esticarão e se delinearão nas vidas dos leitores, dando o sentido diferenciado que todos desejam.



Carlos confirmou a existência de uma figura de linguagem similar em conversa comigo. De fato, ele afirmou que se autocaracteriza pela existência da técnica da “*Imagem Eidética*”, varando sua obra de fora a fora. Desde há muito tempo, Nejar a definiu e a vem definindo como uma imagem “que continua na outra imagem que continua na outra imagem que continua na outra imagem na outra imagem e assim vai infinitamente”. Ao final, formam um conjunto, um bloco associativo de imagens em subdivisão prismática das imagens.



A base lógica do Sobressimbolismo é a *vontade de poder fazer*. Da expansão da consciência dela oriunda, adviria o apuro métrico, rímico e imagístico.

A vontade de poder fazer inclui a tendência à memória absoluta. Não queremos esquecer de nada, nem ao menos do que não vivenciamos. Nem aceitamos a perda que decorre do envelhecimento. Rejeitamos qualquer tipo de perda de informação, mesmo que pela idade.

Esta característica Sobressimbolista abrange os dispositivos externos de memória, como livros, computadores, o inconsciente coletivo, a realidade e a memória do ar, que abriga tudo que envolveu, que a envolve e que envolverá — também a ela. O ar constitui o meio físico e a forma de funcionamento do computador quântico a que pertencemos.

Pretendemos efetuar uma sociopsicanálise do Brasil, expressa no que Lacan considera a linguagem do inconsciente, cujo discurso é me-

taforonímico e só pode ser pontuado pelo tempo lógico, com suaves toques de beleza que apontam para o significado do desejo do sujeito, não para a sua demanda por poder. Em troca da vontade de potência, de Nietzsche, fornecemos, em amálgama, a *vontade de poder fazer*. Sua expressão é que criará a cidadania e a nova identidade cultural brasileira.

Sobressimbolismo é uma coisa séria. Nós é que somos alguns ou os palhaços. Mas, segundo Baudelaire, poetas são tão ridículos quanto o albatroz no convés, e eu continuo: *como todos os seres humanos*. Apenas conseguem transformar o ridículo implícito em uma forma bela, estruturada segundo a *vontade de poder fazer*.

E da *vontade de poder fazer* do Sobressimbolismo, regra lógica, é que adviria a obsessão pela métrica, pela compreensão de tudo que há, da musicalidade e da filosofia em uma imagística complexa que inclui figuras de linguagem inusitadas e a lógica mágica.

O nome Sobressimbolismo é só um significante — viva Saussure! Não tem um significado apenas. São formas que significam, um significante com significados múltiplos e, às vezes, contrastantes. O leitor cria seu sentido. Uma gastronomia estética: arte muito boa até com ingredientes ruins.

O signo sobre a superfície é o *sobre símbolo*. Pode ser gramatical, matemático, virtual, um *invariante universal absoluto* ou uma *imagem eidética*. Ao final, formam um conjunto, um bloco associativo de imagens em *subdivisão prismática*.

Podemos enxergar estes cristais como as *subdivisões prismáticas da ideia*, a que Mallarmé se refere em *Un Coup de Dés Jamais n'Abolira Le Hasard*: cada um vai refratar a luz e produzir algo diferente, outra ideia, outro texto-cristal edipicamente diferente de seu pai-livro, apesar de ser uma continuação sua. As pérolas só se tornam colar quando estão reunidas. Cada prisma se subdivide em outro que se subdivide em outro — e todos são doadores potenciais de sêmen e capazes de produzirem fotos, músicas, romances, contos ou...

Portanto, nossos *símbolos* são arquétipos, fôrma em busca do mundo que tentam moldar, utopias que propõem realidades em um lugar estético, paralelo ao nosso, em que eventos e ideologias se reproduzem de maneira parecida, mas com pequenas alterações aleatórias, em progres-

são geométrica, tal como seus cristais poéticos, contas em dois colares.

Quando a contemporaneidade impõe que qualquer estratégia seja provisória, a literatura se torna uma forma de terapia absoluta. Na sequência, o papel em branco se converte no analista perfeito e a “associação livre” de temas e imagens, regra básica da psicanálise, parece mirar em uma fôrma eidética arquetípica e ideal.

Esse processo de construção de uma realidade misteriosa que tem de ser adivinhada e não entendida é a base do Sobressimbolismo. Manuel Bandeira nos orienta, citando Mallarmé, para explicar o símbolo, em “*De Poetas e de Poesia*”:

*“Nomear um objeto, dizia Mallarmé, é suprimir 3/4 partes do gozo do poema, que é feito da felicidade de adivinhar pouco a pouco: sugeri-lo, eis o ideal. É o emprego deste mistério que constitui o símbolo: evocar pouco a pouco um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e desprender dele um estado de alma.”*

## CARACTERÍSTICAS DO SOBRESSIMBOLISMO EM NEJAR

*Leitmotiv:* Toda escrita envolve linhas sobre uma superfície.

Sua inspiração provém da arte, mas a preocupação com a destruição dos valores humanos, naturais, culturais e sociais é fundadora de uma nova ciência.

Presente em artistas contemporâneos em que o hibridismo dos gêneros fez com que se tornassem posteriores a fronteiras.

*A obra híbrida e desmontável* é típica do Sobressimbolismo.

Insatisfação com o cientificismo, com o neoliberalismo, com o desmantelamento das instituições brasileiras e com a destruição dos valores humanos e culturais pela globalização.

Emprego do Método do Delírio da Razão Criadora, que leva a técnica a esgotar os mínimos detalhes dos caminhos estéticos, por ele bifurcados até o cruzamento inumerável de cada possibilidade.

Interesse pelo aspecto plástico, visual e musical da literatura. Sem abandonar a letra e a palavra.

Criação da literatura mítica, não figurativa, mas comprometida com a mensagem e dotada de uma cosmogonia e de uma teogonia próprias.

Propõe uma épica do futuro, em que a ação pertence a um mundo que está sendo inventado e criado por ele.

Visionário e profético em sua criação, o sobressimbolista a sacraliza quando luta contra o mal. Quer eliminá-lo com a arte, pois a sua existência conspurca a dele. O mal o adoce, seja sua origem física, psíquica, espiritual estética, política ou econômica. Por isso se lança contra o adversário, contra o feio, contra a dor, contra a injustiça, contra a corrupção e contra a angústia.

Assim, enxerga o homem como responsável pela mudança da história para melhor.

O ritmo e as imagens de Nejar falam por si sós, alcançando uma musicalidade que não chega à música e uma plasticidade que não chega às artes plásticas.

O ritmo é sua maior preocupação, esteja ele no papel de poeta, de romancista, de dramaturgo ou de crítico.

Poeta, romancista, dramaturgo e crítico em mesmas dosagens.

Para ele, escrever é falar imagens. Faz falar as imagens mesmo dentro da prosa. Não abomina a história, mas sua épica de imagens é que vai desenvolver o enredo até o mito se tornar história.

Psicologismo: foco na visão do indivíduo, no mundo interior do artista ou no dos seus personagens.

Interesse por símbolos, em que o sentido deve ser descoberto, não revelado de pronto. Trabalha com metáforas arquetípicas do inconsciente, como é o caso de Memórias do Porão e de O Túnel Perfeito.

Sua obra é uma enciclopédia que reúne os mais variados recursos usados por escritores desde Homero: metáforas, aliterações, assonâncias, paronomásias, metonímias, comparações, rimas internas, sinestesias, antíteses — e inúmeras outras — tocam o barroco sem deixar o Sobressimbolismo.

Culto da forma sem se preocupar com a clareza, mas sim com a clareza, de que é sedento.

Hibridismo dos gêneros e das artes. As fronteiras entre gêneros e artes são anuladas: qualquer coisa é a mesma coisa e deságua na literatura. Romance = poema = conto = novela = teatro = música = artes plásticas.

Paixão pelo mistério, pela noite, pela origem e pelo fim de todas as coisas.

A liberdade só é possível no sonho, na imaginação e na fantasia. Inventor de palavras, brinca com elas feito criança, divertindo-se enquanto cria.

Sua preocupação com a essência o tornou um especialista em aforismos capazes de explicar o impossível.

Temperamento utópico e crítico.

Misticismo agnóstico: objeto do desejo humano, existe o Lugar Simbólico Inconsciente de Deus, construído pela crença humana em algum tipo de entidade divina por milhares de anos. Senti-lo é uma experiência para a qual destinar a vida não é muito e para a qual a compreensão é inapreensível.

O Lugar Inconsciente Simbólico de Deus foi criado desde o homem das cavernas, mas pode ser ocupado por dinheiro, sexo, política ou drogas. Por isso, crer em algo é inevitável para o homem. Até a crença no vazio o constrói como homem. Mas crer no amor parece a melhor escolha, já que ele é mais importante do que a fé ou a esperança, segundo Paulo em Coríntios.

Preocupação com o cultural propriamente dito e com o cultural no natural e na natureza.

Subjetividade contra a sociedade objetiva.

Preocupação com o inconsciente e com o psicológico.

Nefelibata recluso, anda nas nuvens e se aprisiona em torres de cristal de que suas palavras o libertam.

Na narrativa, o enredo e ação ficam em segundo plano. Contar uma história é importante, mas o conteúdo e a forma são muito mais.

Afastamento e crítica da sociedade burguesa.

Idealismo — arte pura — crença nos espíritos da razão e da escrita.

Tom literário, mesmo na prosa, não o banal.

Temas elevados ou elevação de temas vulgares até a altura em que se acha o estético

Arte pela arte, sem interesse comercial. A diferença entre ele e o pop é que o sobressimbolismo deseja o impossível: uma nova forma de arte. O pop se contenta com o possível: a fôrma da arte, o segredo do sucesso, a que almeja equivocadamente. Ele visa o desejo secreto que sua estética procura enquanto descobre novos rumos. Cabe ao espectador encontrá-lo na leitura das conexões sugeridas pelos artistas.

Retoma os clássicos, desconstruindo-os para assim plasmar, em amálgama, uma ruptura revolucionária com a tradição, que é assumida com a missão de dar à luz a nova forma Sobressimbolista.

O núcleo da sua criação é resistente. Seguindo o conselho de Pound, ele testa as palavras e lança mão apenas das que funcionam. Escolhe as que lhe apresentam a garantia de que funcionarão pela eternidade que já começamos a recordar antes de a termos vivenciado.

Prevenção contra rimas fáceis e adjetivos que chegam com facilidade, mas são ladrões que mendigam em busca de sua luz própria. Com gentileza ele os afasta da soleira da porta em que reside sua arte.

Não procura rimas. As rimas o procuram. Devem ser dosadas, em entretons, pelo espírito suave que rege a assonância das rimas toantes.

Emprega adjetivos proparoxítonos tentando substantivar o texto. O verbo fornece a ação; e o substantivo, a coisa, a matéria. O adjetivo dá a cor, mas é um tempero raro que deve ser usado para colorir o texto sem empanar os outros ingredientes.

Sua *A Vida secreta dos Gabirus* só pode ser lida por meio da chave decifradora criada por Mallarmé e lançada em *Un Coup de Dés Jamais n'Abolira Le Hasard* — a subdivisão prismática da ideia. O brilhante conceito, entretanto, jamais foi executado como estrutura de romance, pois é lógico, rígido, e não permite excessos: cada cristal vai refratar a luz e produzir algo diferente, outra ideia, outro texto-cristal edipicamente diferente de seu pai, apesar de ser uma continuação sua. Não é uma obra aberta nem um romance desmontável, como preconizava Umberto Eco. As pérolas só se tornam colar quando estão reunidas.

Qualquer texto é capaz de gerar novos personagens de que nascem vários outros acontecimentos que assim se bifurcam, à Borges, referindo-se aos caminhos que se abrem para o ser enquanto escolhas existenciais: as nossas escolhas nos produzem.

O mesmo fenômeno ocorre em cada um dos condensados parágrafos de Nejar, que fornecem material, eventos e personagens suficientes para a produção de outros romances mais ou menos intercambiáveis no seu conjunto e totalmente independentes entre si. Nejar larga pérolas em sementes que não colhe e de onde outros livros poderiam nascer, se suas histórias e figuras singulares não fossem cortadas pelas Parcas mãos de Carlos, que tecem, cruzam ou cortam o fio do destino e deixam pelo caminho o texto-tecido-mãe-de-que-muitos-que-seriam-capazes-de-nascer-dele.

Ou seja, o livro é seminal. Cada prisma se subdivide em outro que se subdivide em outro — e todos são doadores potenciais de sêmen capazes de produzir outros romances ou contos ou...

Em *A Vida Secreta dos Gábirus*, segue uma falsa pista do autor quem acreditar que Pompílio de fato roía livros com a boca. Nejar explica que ele era banguela. Portanto seus olhos é que mastigavam pela leitura voraz:

“(...) e era de vazios contados a dedo. Sem dentes. Nem os olhos se apresentavam, dentuços — ele viu.” (p. 13)

Pompílio, como fazia Nejar em sua juventude, estraga os volumes, manuseando-os até se desfazerem. E a verdade, caro Watson, é que ratos não degustam livros nem os memorizam quando os comem. Homens é que o fazem:

“E Pompílio aventou, num átimo: o livro é vingança contra o esquecimento. E digeri-los é se alimentar de memória.” (p.17)

E repito: a verdade, caro Watson, é que Nejar criou uma belíssima sinestesia, que une impressões de sentidos diferentes como fez o simbolista Baudelaire em seu soneto *Correspondances*. Nejar retoma a sensorialidade e o subjetivismo, renovando-os pelo sobressimbolismo que inaugura.

Mas é uma nova sinestesia. Ele criou uma nova figura de harmonia sua, que nomearei de sinestesia complementar, com alto teor de Sobressimbolismo. Dirão meus críticos que não dei um exemplo adequado de sinestesia, pois o que relato como sinestesia é uma metáfora. Um

gabiru mastigar livros com os olhos é uma metáfora. Mesmo sendo a sinestesia uma forma de metáfora, tenho de incluir, complementarmente, a informação de que eles mastigavam livros com os olhos e que eles tinham sabor:

“Quando, certa vez, mastigou o papel e os vocábulos de *As confissões*, de Agostinho, eram de outro gosto ressabiado: o de ostras e frutos do mar. (...) E os instantes com que mastigara *Laços de família*, de Clarice, na epifania, eram uvas cortadas de um vinhedo. Saberes e sabores são indiscutíveis.” (p. 123)

O fato é que a sinestesia cruza duas sensações diferentes e que mastigar apenas não é algo necessariamente olfativo ou gustativo. É a complementaridade do mastigar com sensações ao longo do livro que permite chamá-la de sinestesia complementar, pois só podemos tomar conhecimento das percepções diferentes usufruídas pelos gabirus, ao degustarem diversos livros, se percebermos a existência do cruzamento que as caracteriza como tais, gerador de uma nova estrutura em que uma se une à outra em comunhão: os gabirus mastigam com os olhos (visão) e sentem gosto (paladar) de frutos do mar ou de uvas. Veem o gosto e o cheiro. Trata-se de uma visão degustativa, de uma gastronomia pantugruélica dos livros, à moda de vinhos e comidas. Um dado de origem semântica permite a compreensão da imagem.

E recorro que a sinestesia tem sido vista pela neurociência como o processo pelo qual são criadas não só as artes, mas também as ciências e a possibilidade da evolução humana — desde a pré-história. Cada novo evento é encaminhado por sinapses neuronais que se interligam a todas as outras partes do cérebro, como os círculos dentro de círculos a que se referia Dante. Não, Dante, não é o amor que move o Sol e as estrelas e funda o humano. A sinestesia é que permite a sensação do amor e a criação da linguagem e da raça humana a partir da formação de um todo que é mais do que a mera soma das partes que se interligam sinestesticamente. Sim, qualquer pensamento humano se forma com base nela.

Levando à frente sua própria herança de continuidade de imagens em que metáforas se contradizem complementarmente e de forma dialética, gabirus se tornam homens e homens se tornam gabirus pela sua



livre escolha, em mais uma outra criação sua: a metáfora complementar dialética.

Em Os Degraus do Arco-Íris surgem novas técnicas: a metametamorfose e o romance por complementaridade.

Apesar das referências à obra de Kafka — A Metamorfose — e à de Ovídio — Metamorfoses —, a proposta de Nejar é mais radical. Não só qualquer pessoa, mas também qualquer coisa — seja dos reinos animal, vegetal ou mineral — podem se transformar em outro corpo, por força de sua opção pela barbárie ou pela humanidade ou pelo acaso: “Cíntia e eu possuímos uma casa que nos morava, como eu moro nela, ela em mim e o que moramos é eterno”(p.79). De fato, essa perpétua e alucinante transformação sem fim merece o nome de metametamorfose: a metamorfose dentro da metamorfose. E constitui uma nova técnica Sobressimbolista do autor.

No inusitado romance por complementaridade cada romance seu é uma continuação, uma metametamorfose do anterior. É impressionante a semelhança estilística entre eles, assim como a estrutura de subdivisão prismática da ideia que alotropicamente os perpassa como fio condutor, semeando um em outro.

É a complementaridade de imagens ao longo do livro que permite chamá-la de imagem complementar dialética, pois só podemos tomar conhecimento das percepções diferentes usufruídas pelas personagens, se percebermos a existência do cruzamento que as caracteriza como tais, gerador de uma nova estrutura em que uma se une à outra em comunhão às vezes semanticamente diferente ou frontalmente oposta.

A coerência é profunda: aliterações, alegorias, metáforas, aforismos e manipulações Sobressimbolistas da realidade inundam todas as frases, deixando o leitor sem fôlego, como se estivesse diante de um filme em cliques rápidos, característicos do cinema moderno. Explico: os filmes antigos eram lentos, possuíam uma ação vagarosa. O cinema contemporâneo acolheu, em sua teoria eisensteiniana da montagem, a linguagem de cliques dos anúncios publicitários. Qualquer cena é completa e se constitui em uma surpresa sensorial, tal como cada frase sua, pois carrega em si imagens — no sentido literocinematográfico — eletrizantes, comoventes, surpreendentes, condensadas, que prendem a leitura

à maneira de um filme-romance. Qualquer oração tem sua beleza em si e explode na cara do leitor em imagens inusitadas típicas do cinema contemporâneo.

Assim, cada romance que Nejar escreve na verdade é um capítulo do livro maior, o conjunto-universo que converte as subdivisões prismáticas da ideia no mais gigantesco romance desmontável já escrito. O todo supera *A Comédia Humana*, de Balzac, e o *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust. É o mesmo processo empregado por ele nos poemas de *Os Viventes*, que tem reescrito e ampliado por mais de trinta anos.

Há uma unidade de técnicas, da estrutura, da palavra como forma de luta no duplo sentido (bíblico e literário), de personagens como os Gabirus, que saem de *Carta aos Loucos* e vão compor *A Vida Secreta dos Gabirus*. Em *Degraus do Arco-Íris*, Nejar fala da pensadora Hannah Arendt (p.18), de Pedra das Flores — onde se passa seu Matusalém de Flores. E o próprio Matusalém é citado (p. 71). O imaginário cristão sempre está presente em sua luta, em prol da condição humana, contra uma barbárie demoníaca que tenta impedir que seus personagens cheguem ao paraíso.

Vou deixar falar o próprio Nejar, em um trecho de sua obra inédita *Senhora Nuvem*:

“Mas falarei, sim, de livros de poesia e ficção, que escrevi, onde já aparece a metametamorfose. Afirmo um excelente crítico, Oscar Gama Filho, que é um novo estilo, o Sobressimbolismo. E tal, como ele afirma, não está apenas na metametamorfose, também está na invenção particular de novas figuras de linguagem e de estruturas do texto, além do caso da sinestesia complementar, da ‘subdivisão prismática da ideia’, e no próprio romance de complementaridade, em *Os Degraus do Arco-Íris*. Mas não se escreve para inovar, escreve-se porque ‘ninguém nos escuta’ ou porque as palavras se encantam em mim e não sei expressar diferente do que faço. E exprimo às vezes o que não quero, mas se impõe. Há casos de metametamorfose em *O Campeador e o Vento* (1966), pois da morte do lavrador surge o campeão e vai executar o novo tempo (tese, antítese e síntese). Nos *Viventes* (agora em 3ª edição), a poesia se transforma em ficção e essa em poema. Ou na construção ficcional, desde Riopampa (*O Moinho das Tribulações*, 2000), *A Negra Labareda*

*Alegria*, até o mais recente, *A Vida Secreta dos Gábirus*, editado pela Record, e o volume no prelo, *O Feroz Círculo do Homem*, bem como os dois inéditos, *O Cavalo Humano* e *Os Degraus do Arco-íris*. Nesses dois aprofundi a metametamorfose. De maneira nova, ainda que tenha a tradição de Ovídio, que passa por Swift, Kafka, Bruno Schultz, James Joyce e Guimarães Rosa (Riobaldo: rio cansado; Diadorim: dia-do-fim, homem guerreiro que esconde uma bela mulher revelada na morte). Repito. Minha visão é diferente. Kafka e Schultz transformaram um ser humano em inseto e não há volta. Criei a possível volta pela palavra, de uma natureza à outra e até o retorno. Vou atrás, dentro de meus limites, das pegadas que se inventam — não do caos, mas do abismo. (...) Porque o humano é interminável. E a metametamorfose é das palavras que se movem em outras e outras, até virarem seres vivos. E tão vivos, por mudarem para outras formas de existência. O que gera tal processo é do corpo por dentro da alma. Apenas conto o que as palavras me contaram.”

Enfim, apesar de cada um de seus romances constituir uma obra completa e acabada, eles formam, contudo, um conjunto em que as narrativas se fundem e abastecem uma à outra. O conjunto-universo é desmontável, mas seus elementos, os capítulos do romance, não. E aqui está presente, de novo, a metametamorfose.

E veja que interessante, dileto leitor: o romance é metonímico, e a poesia é metafórica. A metáfora é um tropo por similaridade. Apesar de os seus poéticos capítulos-romances serem altamente metafóricos, sua união no todo, que as torna O Grande Romance, também estabelece o reinado da metonímia, que é um tropo por contiguidade. É a relação de proximidade de seus romances que os tornam metonímicos. Pérolas que, unidas, se tornam um colar.

E o protótipo das metametamorfozes é o próprio Nejar, que se transformou em vários livros. De fato, o corpo de Nejar parece ser apenas o cavalo em que o escritor se incorporou e a que a entidade estética não dá muita atenção, não lhe permitindo tomar cuidado algum com sua saúde ou com seu aspecto físico. A monástica ascese de seu corpo serve somente para cumprir o destino de escrever a sua obra literária. Mas essa máquina de escrever ambulante possui alma e gênio.

Vivendo em um jogo de palavras, enquanto elas existirem, Nejar estará vivo, pois elas o sustentam, assim como ao universo intercambiável envolto em metamorfoses.

Com um dos grandes poetas brasileiros ainda vivos, herdeiro de tradições, aprendi, com ele, a exercer o sobressimbólico “ato poético”, que diferencia o poeta de quem escreve versos. Muito bonitos, mas não funcionam, diria Pound. Ato poético é tudo que o poeta executa, embebido pela beleza, mesmo que não seja literatura. Minha boca foi aberta depois de saber que poetas falam como poetas e que as pessoas acham estranhas nossas palavras. Mas “estranhamento” é o que os formalistas russos, do início do século XX, definiam como a reação diante do novo. O lançamento do Sobressimbolismo é, portanto, também um ato poético.

Casamar, 28 de setembro de 2019

## *AEL, os primeiros cem anos*

*PEDRO SEVYLLA DE JUANA*

*Escritor espanhol, membro correspondente da AEL e Prêmio Internacional Vargas Llosa de romance. Tem vinte e oito livros publicados.*

*O Céu é o leito quente no inverno,  
o lar familiar da infância, o útero materno.  
O Céu é o amor correspondido e a felicidade.  
Não está no alto. CGC 1981*

*Perante a dúvida,  
vou comprovar a afirmação do meu heterónimo.  
Subirei, subirei e subirei. PSdeJ 2020*

### ONTEM

O assunto começa no dia em que inicio a ascensão. Vou sulcando o céu com o veleiro de três mastros, chamado Nova Era, de meu longo poema elíptico; indo em ziguezague à velocidade do pensamento. Chegado aos impossíveis confins do espaço, compreendo que todo o Céu é só um inacabável fervedouro de estrelas escapando dos buracos negros. Desta vez parti da baía de Vitória no ES. Acumula Brasil moita experiência elevando balões aerostáticos; e isso me ajudou. Em 2021, a Academia Espírito-santense de Letras celebra o primeiro Centenário da sua fundação, e eu quero estar presente. Por isso, tento voltar ao pon-

to de partida e avanço até chegar à atmosfera terrestre onde começa a verdadeira descida. Nas cercanias, com as velas em posição horizontal, baixo aos poucos. Vejo, com detalhe, a Cidade Ilha e os arredores marítimos e continentais.

O mar, o campo e as cidades compõem um mapa em relevo. Minha vista penetra nas casas. Vejo pessoas vivendo, sobrevivendo. Vejo cader-nos, computadores, livros abertos e fechados, sozinhos ou agrupados. Olho para uma sala vazia com a janela aberta e, junto às estantes cheios de obras, no escritório, há alguns exemplares. Seus títulos eu consigo ler: Estilo de ser assim, tampouco, Pus, Um, A tabela periódica, Vírgula, Os dias ímpares, Blue sutil e Safira. Uma rajada de vento abre os livros e posso ler:

*sonhei que um barco  
um Drakkar com vários Vikings  
passeava sob as cinco-pontes  
mas agora – desperto – vejo um guindaste que pesca containers  
o que há nos containers que caem no cais?  
uma esperança a mais ou a menos  
dúzias de marinheiros ou peixes de bom tamanho  
um certo estrangeiro com boas falas e outra língua  
ou seriam feixes mais feixes de pontos de interrogação  
da ponte que são cinco avisto a cidade de bruços  
na noite que me resta e basta  
eu luthier para novos instrumentos-acordes e rumos  
admiro a cidade – ilha sem Crusóé  
porto de dreams e minhas âncoras*

Quero segurar a nave, mas uma corrente de ar a eleva. Muito, a meu ver, porque teria querido seguir a leitura de autor tão singular, **Sérgio Blank**, a quem conheci no IHGES numa apresentação dos seus poemas a cargo do professor **Francisco Aurelio Ribeiro**.

A nova altura amplia a visão até o ano 1921. De modo que posso ver no Parque Moscoso o Clube dos Boêmios. E no Clube, reunidos até em quatro ocasiões, os mais distinguidos intelectuais capixabas. Enfim,

no dia 4 de setembro, uma vez discutido o documento estatutário elaborado por **Alarico de Freitas** com **Elpídio Pimentel** e **Sezefredo Garcia de Rezende**, teve lugar a fundação oficial da denominada, a pedido de Pimentel, Academia Espírito-santense de Letras.

Reclama a minha atenção que, após a reunião de 27 de setembro, para aprovar o documento de Regimento Interno elaborado por **Aristeu Borges de Aguiar**, os proclamados acadêmicos fazem uma pausa que dura até 20 de agosto do ano seguinte.

Maravilha! A nave compensa todos os seus movimentos e fica quieta no ar.

Assim posso ler em Patronos & Acadêmicos de 2014, que, no ano de 1930, começa um período de inatividade de sete anos. Entre outras causas, a morte de alguns acadêmicos, a marcha à capital da República dos mais ativos e o pouco interesse pela Academia dos jovens escritores.

De fato, os jovens fundam a sua Academia. Escreve **Renato Costa Pacheco**: “Éramos um grupo de rapazes dedicados às letras. Fundamos a Academia Capixaba dos Novos”. Fundação que representa um impulso para a AEL. Em maio de 1949, Renato Pacheco foi eleito membro da AEL e, em julho de 1957, tomou posse. No IHGES entrou em abril de 1953.

Leio no morrodomoreno.com.br, que, em 1973, primeira presidência da AEL do professor **Nelson Abel de Almeida**, o Presidente corrobora que a imprensa capixaba já não destaca as atividades da Academia como nos primeiros anos, quando *Diário da Manhã*, *Diário da Tarde* e *A Vitória*, publicavam até os discursos dos acadêmicos. Justifica o imobilismo aparente pela falta de recursos. Sobre as acusações segundo as quais a Academia se constitui numa espécie de “panelinha”, o professor Nelson Abel de Almeida aduz a falta de interesse dos intelectuais mais jovens em torno de suas atividades.

Estabilizada a nave, eu olho e vejo na Casa do Velho, antiguidades, uma senhorita atendendo um cliente. Dentre os livros da biblioteca da Bibi Ferreira, toma um que na capa mostra um sol surgindo do mar onde se reflete. Acima, as letras JT<sup>3</sup>M, e abaixo, **Kosciuszko Barbosa Leão Poema**.

A atendente mostra a primeira página e aparece uma dedicatória manuscrita:

A Bibi Ferreira  
este canto da minha  
mocidade, repetido agora  
na minha tarde.  
Com profunda admiração  
Kosciuszkobarbosaleão  
22/8/78

Na estaçãocapixaba.com.br encontro, pertencente ao Projeto Digitalização do Acervo Olympio Brasiliense, um documento identificado como ID 299 - Projeto de Residência [modificações], Cidade Alta, Praça João Clímaco, Vitória, proprietário **Kosciusko Barbosa Leão**. Novembro de 1952 e abril de 1953.

Salto de alegria. É a esbelta e bela sede atual da Academia, chamada, por isso, Casa Kosciusko Barbosa Leão, seu generoso doador. Se deslocaram ali as reuniões mensais sendo logo sede própria, quando o Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo foi demolido, perdendo AEL parte do seu acervo e os retratos dos patronos.

Devo dizer, que entendo vasos comunicantes de um todo intelectual, a UFES, mãe nutrícia, as Academias, o IHGES e a Biblioteca Pública Estadual; a colaboração faz importantes ao conjunto e às partes. Daqui vejo a cidade de Vitória como um labirinto de espaços e intersecções, o que confirma minha própria experiência: Entrei nela facilmente, mas não acerto sair. Me sinto em casa.

## HOJE

Nas alturas lembro **Maria Beatriz Figueiredo Abaurre**, modéstia, inteligência e sensibilidade. Pertenceu à AEL, AFESL e IHGES. Musicista virtuosa e fervorosa escritora, divulgou a cultura capixaba. *Semper ascendere*. Ainda encontro na internet alguns dos versos que traduzi naqueles tristes momentos tão emotivos da sua morte:



Buscando la Libertad  
Poema de Beatriz Abaurre  
Traducido por Pedro Sevylla de Juana In memoriam

Quiero estar segura de ser libre  
así que no me enseñen códigos.  
Comprendan mi sigilo en el dolor y en el amor;  
respeten la herrumbre de mis proyectos arrinconados,  
mis visitas espontáneas,  
mis silencios absurdos, mi tristeza infrecuente.

Sé que tengo el adiós de todos los dioses,  
sé que porto conmigo la eterna interrogante  
en todos mis sueños soñados y olvidados;  
escalones cubiertos de hojas muertas y resecas,  
sé que soy un poco de todo,  
un poco de nada.

Así que permitan despuntar la amanecida  
con mis ojos pegados a la ventana.  
Consientan que la soledad se derrita como plomo  
en el ardor vital que escondo en mi interior.

No me esperen en un lugar determinado,  
pues solo quiero caminar por las calles  
como camina cualquiera por las calles.

Solo quiero estar segura de ser libre...

Posso ver o blogue de **Jô Drumond**  
<http://artigosdajo.blogspot.com/>

E nele, uma crônica cada mês, delícia de escrita e de sensibilidade. Tudo o que chama a sua atenção é tratado com perspicácia e admirável capacidade de análise. Em minha biblioteca, vivem seus livros, dedicados com essa letra grande e separada, tímida e forte, de intelectual

erudita e rigorosa.

Eu leio em [mallarmargens.com](http://mallarmargens.com) a minha tradução dos poemas de Jorge Elias Neto dedicados a **Miguel Marvilla**. Por esses poemas e por uma análise de Ester Abreu me interessou o poeta intenso de Marataízes, o insólito contador de histórias, o fotógrafo e diretor de teatro, o editor comprometido com a qualidade e divulgador da obra dos outros.

De **Jorge Elias Neto** conheço seu blogue, onde apareceram alguns de meus poemas; e seus livros dedicados com letra enérgica e artística de grande formato. Os seus poemas breves, são, em essência, pensamentos resolvidos e agudos, concisos conceitos luminosos. E na forma: esculturas ágeis se erguendo, se elevando, com efêmera leveza eternizada em aço inoxidável. Isso disse eu em minha análise crítica: A poesia última de Jorge Elias Neto, publicada em [Cronopios.com.br](http://Cronopios.com.br)

O professor e doutor **Francisco Aurelio Ribeiro** escreveu o prefácio de meu livro bilíngue **Brasil sístoles e diástoles**. Por seus artigos quinzenais de **A Gazeta** tenho amplo conhecimento da realidade capixaba imediata. Cerca de sessenta livros publicados: infantil, contos, crônica e pesquisa, explicam sua capacidade de trabalho e sua bagagem cultural. Dedicou trinta anos ao ensino e cumpriu seu quinto mandato como presidente da AEL, de que é Presidente de Honra. Palestrante ele, e grande divulgador cultural, investigando os fatos do ES, sempre encontro seus trabalhos conscienciosos.

Descubro **Pedro J. Nunes** no seu blogue [pedrojnunes.com.br](http://pedrojnunes.com.br). Grande leitor, confessa que passaram 23 anos entre a publicação dos seus livros inicial e segundo; e explica a causa. Leio contos de ambos os livros e compreendo a razão de ser ele um autor tão lido, reeditado e premiado. Em entrevista feita por Joacles Costa, Pedro, entre agudas respostas sobre a linguagem e a leitura, comunica ter sido professor de redação oficial. É sócio do IHGES e escreve na Revista.

Na [tertuliacapixava.com.br](http://tertuliacapixava.com.br) livros e autores do Espírito Santo, encontro quase todos os escritores que admiro. Me detenho em cada um. Chego a 160 anos de história: Biblioteca Pública do Espírito Santo, acúmulo e difusão do patrimônio cultural capixaba. Agradeço o seu louvável esforço aos criadores da Tertulia; **Pedro J. Nunes** entre eles.

Em <http://gtneves.blogspot.com/>, **Getúlio Marcos Pereira Neves** escreve uma análise laudatória de Sérgio Blank: azul, poeta, acadêmico sutil. Nela se refere, também, ao trabalho das Academias de Letras, esclarecendo o conceito de imortalidade atribuída aos acadêmicos. Aos 56 anos, Getúlio Neves já foi quase tudo no exercício da justiça. Possui estudos e práticas em áreas muito diversas, a modo do homem do Renascimento. Como guitarrista e compositor participou na formação da banda Urublues, com dois CDs gravados de canções próprias. Tomou posse na AEL em setembro de 2005 e é membro de outras Academias. Pertence ao Pen Club do Brasil e tem publicados trabalhos muito variados: artigos, discursos, ensaio, novela, poesia, história, etc. Desde 1997 é sócio efetivo do IHGES e correspondente de outros Institutos. E desde 2008 preside essa Instituição à que pertencem acadêmicos da AEL, colaboradores na magnífica Revista, ISSN 1981-9528.

Acadêmico da Cadeira 40 na AEL, conheci Anaximandro Oliveira Santos Amorim na reunião Pré Flic realizada em Jacaraípe, Serra. Conversamos e ele me causou uma grata impressão. Foi membro fundador da Academia Jovem Espírito-santense de Letras no início do século, com **Leonardo Passos Monjardim** como primeiro presidente, 25 acadêmicos e os correspondentes patronos. A AJEL em todo momento teve a colaboração de AEL e IHGES. A promessa que representava Anaximandro Amorim se foi concretizando como um poeta, ensaísta e romancista valente, capaz de abordar qualquer tema e tratamento com verdadeira solvência. Em minha análise de sua escrita pensei ter visto duas almas que se complementam. Pertence a diversas Academias e Organizações estaduais e é sócio da IHGES.

Depois de meu percurso leitor pela história da AEL e seus protagonistas, entendo que a função acadêmica continua progredindo, apesar de persistir os problemas de sempre, talvez inerentes e irresolúveis. Estamos prestes a iniciar a celebração do Centenário e já se vê o alegre alvoroço organizado. Em janeiro de 2020, assumiu a presidência a professora doutora **Ester Abreu Vieira de Oliveira**, cujos méritos explico utilizando versos de meu conterrâneo Jorge Manrique:

sus hechos grandes y claros  
no cumple que los alabe,  
pues los vieron;  
ni los quiero hacer muy caros  
pues que o Estado todo sabe  
cuáles fueron.

Assim, Ester Abreu, se apoiando em uma Diretoria comprometida, nos acadêmicos de cadeira e nos membros correspondentes, dará forte impulso à instituição. Agradeço a **Ester Abreu** boa parte do meu conhecimento do capixaba e do meu carinho a esta terra que deu novo estímulo a minha vida e a minha obra.

Ponho as velas da nave Nova Era em posição inclinada, e desce até flutuar na baía de Vitória. Se aproxima ao pé de O Penedo, assisto à reunião presencial do 14 de dezembro no “Solar da Ester”, e fico ancorado esperando o início do ano 2021 com a ideia de passar aqui o Centenário da AEL para colaborar no que esteja ao meu alcance. <http://pedrosevylla.com/>

## *Amistad a lo largo*

SANTIAGO MONTOBBIO

*Membro Correspondente da AEL em Barcelona, Espanha.*

“Amistad a lo largo” es el título de un poema del poeta barcelonés Jaime Gil de Biedma, y me viene al recuerdo a la hora de pensar cómo puedo dar testimonio de mi vinculación con la Academia Espírito-santense de Letras, de relación y colaboración con ella, de lo que ha representado y representa, y qué representación puede tener el que yo pertenezca a ella y esta misma colaboración fecunda. Qué significa esta relación y el cómo se dio y ha transcurrido, qué nos puede decir y nos quiere decir. Creo que muchas cosas. Sencillas y claras pero fundamentales, y que están en la raíz y razón de ser de una entidad de cultura, abierta y que quiere estar impulsada por un espíritu de fraternidad.

Soy académico correspondiente -o miembro correspondiente- de la Academia Espírito-santense de Letras en España desde septiembre del año 2001. En España y en la ciudad en la que nací y vivo, que es Barcelona. Llegaron unos poemas a un académico de la Academia y se consideró mi nombramiento como académico correspondiente y así se hizo. Ester Abreu Vieira de Oliveira fue la académica encargada de recoger mi diploma como tal de manos del entonces presidente de la Academia, que me envió. Esta acogida a mi poesía y a mi trayectoria de escritor y a lo que pueda representar por parte de la Academia nos dice muchas cosas. Nos habla de su abertura, de su espíritu abierto y fraterno. Y de su voluntad de abrirse y enlazar con un poeta de otra lengua hermana, un

poeta de España y la Europa mediterránea y que es de una ciudad que ha tenido y tiene una especial vinculación con América. Nos dice esto, y lo representa. Nos lo dice ya este principio, la voluntad y significación que hay ya y supone mi nombramiento como académico correspondiente. Empieza así y entonces esta amistad, pero ésta es, como dice el título del poema y por esto me la evoca, una amistad a lo largo. Se nos pide un testimonio o un relato, con motivo del centenario de la Academia, de su historia y sus personajes. Pienso que la historia es a veces la de cada día, la sucesión de día y de años y lo que son, lo que significan. La vida misma. Cuando se cumplan los cien años de la fundación de la Academia Espírito-santense de Letras, en septiembre de 2021, hará veinte años que yo soy correspondiente de ella en España. Veinte años no es nada, lo sabemos. Como cien. No es nada y es todo. Los años, un lapso largo de tiempo, veinte años o un centenario, necesitan el sentido preciso de los días, una significación que los sostenga. A veces éste se encarna en personas, en obras, en amistades y diálogos entre ellas. Así se ha dado -y ha sido un gozo para mí que así se diera, y el modo en que lo ha hecho- entre mi persona y obra y la gran escritora, profesora e hispanista que es en estos momentos su presidenta, Ester Abreu Vieira de Oliveira. Ha habido un entendimiento entre los dos, una cercanía, una comprensión y una amistad que considero ha sido algo que tiene una especial belleza entre lo que me ha traído la poesía. El arte y el amor por las palabras que pueden ser y dar una amistad. Una amistad a lo largo, y ser un lugar de encuentro. Entre personas. Y una entidad de cultura puede brindar esta ocasión, hacerlo posible. Así ha sucedido a través de la Academia Espírito-santense de Letras. Y creo que esto ha de destacarse y celebrarse como una de sus características, y que le da razón de ser.

He mantenido un diálogo y una amistad a lo largo con Ester Abreu Vieira de Oliveira que ha sido especialmente rico y grato para mí, y a que esto haya podido ser así ha ayudado la Academia. Esto quiero decir. También algo más sobre la amistad y la fraternidad, el lugar de encuentro que pueden ser la poesía y las lenguas. Proust veía a la lectura como una amistad. Decía también que era la iniciadora que nos permitía llegar a estancias de nuestro interior a las que no hubiéramos podido o sabido llegar solos. Es hermoso ver y sentir así la lectura. Creo que así

puede entenderse y sentirse la poesía y el amor por las palabras, el dedicar de manera generosa y desprendida la vida a ellas, y que pueden dar lugar a un diálogo y una amistad concretas, entre personas reales que están en espacios geográficos alejados y esta amistad y diálogo a través de la poesía las hermana y las une.

He dialogado y mantenido amistad durante estos veinte años con Ester Abreu Vieira de Oliveira, y a ello ha contribuido la Academia. Nos hemos encontrado en Barcelona, hemos paseado por esta ciudad mía y de todos y abierta a América y hemos dado en ella testimonio de esta razón de vida que nos une que es el amor por la poesía en diversos actos de cultura. Quiero decir más cosas. Que Barcelona es, como la misma poesía, un lugar de encuentro, esto ha sido y así deseo que siga siendo. Es la ciudad en que Cervantes hizo que a Don Quijote le sucedieran cosas fundamentales, como ver el mar y visitar una imprenta. Es la primera ciudad de España a la que llegó Rubén Darío y la última en que vivió en Europa, y en la que fue muy querido. En la que vivieron y escribieron escritores hispanoamericanos que fueron fundadores de sus países, como Rómulo Gallegos y José Rizal. Quiero sentir y pensar que sigue siendo una ciudad abierta, ella también una amistad a lo largo con América. Y con Brasil y su lengua, el portugués. En el palacio gótico frente al mar que está muy cerca de la casa en que se cree vivió Cervantes en Barcelona se escuchó, en el concierto inaugural del XIV Barcelona Festival of Song, el 26 de junio de 2018, un poema hecho canción por un gran compositor brasileño, Edmundo Villani-Côrtes. Era un poema mío, que yo escribí, y que la soprano y musicóloga colombiana Patricia Caicedo cantó en portugués en la traducción que del mismo había realizado Ester Abreu Vieira de Oliveira, como así hizo notar antes de cantarlo. Yo dije el nombre de Ester en el auditorio de la Fundació SGAE Catalunya a petición de la cantante ese día, y pudo de esta manera escucharse en la Sala Mompou. Quiero ver en ese poema escrito por mí y cantado en mi ciudad en portugués en la traducción de esta amiga brasileña y con la música de un gran compositor de este país lo que Borges dijo era la misión de la poesía, “convertir el ultraje de los años/ en una música, un rumor y un símbolo”. Sí, además de la música de este poema en la memoria, y con ella, un rumor y un símbolo. De la amistad a través de

la poesía, del diálogo que es y permite la cultura, la fraternidad entre los hombres. Que a veces se encarnan en personas e historias concretas. De ahí que me haya permitido trazar, con los nombres y algunos detalles concretos, el testimonio de esta amistad a lo largo. Que encarnamos pero que, además, me parece, nos dice algo a todos y para todos. Algo en lo que creemos, y que me parece que es raíz y razón de ser de la existencia de una entidad de cultura como es la Academia Espírito-santense de Letras, y por tanto es algo que también celebramos y por lo que brindamos con ocasión de su centenario. Por esta amistad y diálogo a través del arte y de la cultura, por el entendimiento y fraternidad entre los hombres y las lenguas.

Ester Abreu Vieira de Oliveira me ha enviado su último libro, *Epifanias*, y lo he recibido con gozo. Con el gozo de que me dé ocasión de leer en portugués, algo que no sólo ella sino todos los académicos de la Academia Espírito-santense de Letras saben que hago con sumo agrado, pues mi participación en el volumen colectivo *Torta capixaba III* (publicado este mes de septiembre, titulada “Porto Lisboa Poesía”, parte de la lectura de dos poetas portugueses -Eugénio de Andrade y Cesário Verde-, y es un texto por ello en el que conviven las dos lenguas, el castellano en que lo escribo y el portugués en que los leo y en el que reproduzco fragmentos de sus poemas. Hojeo este último libro de Ester Abreu Vieira de Oliveira y me parece que en su original mixtura entre memoria, poesía y ensayo ha de encontrar un cauce muy personal para su voz, y del que me siento muy cerca. Me fijó ahora en su subtítulo. El título es *Epifanias*, y el subtítulo “Como se fossem crônicas”. Hay aparentes contradicciones que así son, sólo aparentes, pues los contrarios pueden fundirse y sumarse. Lo permite y pide el arte, la poesía. La visión espiritual intensa que nos puede evocar el término epifanía tiene quizá su contrapunto en el decir que ésta se relata y escribe como si fuese una crónica, tal si el rapto del espíritu pudiera así contarse. Pero sí se puede. Así es la vida. La nota alta y sostenida del espíritu, que puede ser el eje y la razón de fondo, por ejemplo, de una amistad a lo largo, o de una pasión por la escritura y dedicación a ella, tiene, además de ese soplo y fuerza del espíritu, sus concreciones, sus historias, sus personas. De las que se puede hablar y pueden contarse como si fueran crónicas,



y que de esta fuerza del espíritu, de esta epifanía, den, quieran, intenten dar testimonio. Así he querido yo hacer con esta amistad a lo largo.

Barcelona, 7 de noviembre de 2020.

## *Pinceladas da Vida do prof. Antônio Coelho Sampaio*

WANDA MARIA B. C. ALCKMIN

*Pertence à cadeira 30 da AEL e à AFEL*

Conheci o professor Coelho Sampaio, no Instituto Histórico Geográfico, nos anos de 1980. Ele me foi apresentado pelo saudoso Dr Manoel Moreira Camargo, e a minha admiração foi de imediato. E não parou mais, a cada vez, em que eu observava a sua postura diante a vida, os seus sonhos e a sua capacidade em realiza-los. Repasso neste escrito, “ partes” do meu discurso de posse, na Biblioteca Pública, no ano de 2011. Hoje, com muita honra, estarei ocupando a cadeira número 30, que esse grande mestre ocupou por muitos anos, na Academia Espírito-santense de Letras .

O tempo passou, e passou o tempo. O professor já não convive mais conosco neste plano físico. Em outro lugar, eu acredito que ele continua vivendo e nos ajudando quando lhe é permitido. Estando eu neste momento, pronta para ocupar a sua Cadeira, imagino que ele como homem educado que sempre foi, quer se levantar para dar-me o seu lugar. Ah... professor Sampaio, por favor, não se levante! Haveremos de nos sentar juntos, pois não quero trabalhar sozinha. Necessito da sua experiente companhia e da sua inspiração. Eu preciso e quero trabalhar com o senhor a quatro mãos.

Ao nos assentarmos e pertencermos a um mesmo lugar, é mister, termos semelhanças, traços em nossa personalidade para essa continua-

ção fluir e se unir cada vez mais. É assim que eu me imagino trabalhando junto ao senhor. Sei que para adentrar a Academia, temos que escolher alguém que nos faça esse acolhimento. Escolhi como todos vocês viram uma mulher, para tal fim. Escolhi a professora, a poeta, a presidente da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras, Ester Abreu Vieira de Oliveira, que aqui nesta Casa ocupa a cadeira nº 27. Honra-me chegar acompanhada por ela. Estou feliz por ter ao meu lado este ser feminino que faz jus a grandeza e a dor do que é ser mulher. Quis estar junto a ela, para mostrar a todos, o quão importante é o nosso papel ao galgar os degraus desta Casa, que há poucos anos atrás, era só ocupada por homens. A mulher tem caminhado a passos largos ultimamente na sua independência, pois ela vem de uma longa história de desigualdade, de muitas lutas, de muita coragem e de muita obstinação por mudanças.

Procurarei traçar para vocês, o perfil poético e humano do prof. Coelho Sampaio. Um homem feito de sonho, de ação, cultura e determinação. Natural de Sobral, estado do Ceará. Nasceu no dia 02 de março de 1920, filho único no lar do Sr. Herculano de Paula Gonçalves Sampaio e da Sra. Vitoriana Coelho. Mais tarde, a família deixa Sobral e muda-se para Fortaleza, onde o filho é matriculado no melhor colégio da época, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, pertencentes aos Irmãos Maristas. Aos 14 anos, surge para Antônio, uma oportunidade de ingresso no mercado de trabalho, conseguindo o seu primeiro emprego como aprendiz, nas oficinas da Imprensa Oficial do Ceará (1934).

Com o dinheiro ganho, consegue fazer a matrícula em um curso noturno no tradicional Liceu do Ceará, onde irá cursar Humanidades entre 1935 e 1940. Os anos passam e a determinação e a responsabilidade, características fortes em seu caráter, vão levando-o a cada vez mais, a expressivas mudanças em seus estudos. Foi auxiliar de linotipista, linotipista depois, revisor, tradutor de telegramas, editor nos jornais Correio do Ceará, o Unitário, e também o jornal, O Povo, maior diário em circulação em Fortaleza.

Mais tarde, dirigiu estabelecimentos de ensino, como Professor Primário no Colégio Dom Bosco. Com isso, cresce no professor, a vontade de abrir uma escola primária em um bairro de periferia em Fortaleza. O projeto dá certo e surge o Instituto São Raimundo, que tempo

depois muda pra Fortaleza em instalações mais amplas e próprias, não tardando a ser referência entre outros. A escola é a sua seara! Por isso ele não para, e fica sempre às voltas em diversas iniciativas de caráter cultural e social. Recebe com isso, muitas homenagens dos Diários Associados, com indicação para a Galeria de Honra da Ceará Rádio Clube, mediante Medalha de Ouro, recebida em solenidade pública no dia 16 de junho de 1954.

Não demora muito, casa-se com a profa. Edla Silveira Brito de tradicional família cearense. Logo chegam os seus 04 filhos, sendo que o segundo morre prematuramente com 04 meses. Morando em São Mateus, além do ginásio que dirigia e era professor, Sampaio cria o Curso Normal, mais tarde passando a ser chamado Colégio Estadual e Escola Normal de São Mateus. Transfere-se pra Vitória e é convidado a ocupar uma das primeiras cátedras da recém-criada Faculdade de Ciências Econômicas do Espírito Santo. Cria ainda na cidade de Nova Venécia e Conceição da Barra outros ginásios.

Foi jornalista, e com intensa vida cultural, tornou-se membro de inúmeros Conselhos, o de Educação, o de Turismo e o de Cultura. Foi consultor do Tribunal de Contas do Estado do Espírito Santo. Foi também Membro da Academia Espírito-santense de Letras, da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (Rio de Janeiro), do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, da Academia Goianense de Letras e tantas outras mais.

Foi escritor premiado em vários Concursos Nacionais de Poesia. Foi Conselheiro da Fundação ES de Pesquisa Espírita e presidente da Associação dos Pais e Amigos da Criança André Luiz (ADECAL) cuja instituição fundou em 1975, resultando num conjunto de Unidades Educacionais, com sede no bairro José de Anchieta, Carapina, no município da Serra-ES. Deixou-nos mais de vinte e cinco obras, entre as quais, três romances (uma trilogia), três livros de poesia, cinco antologias, uma tese, três livros de contos, um de economia, dois de teatro, um de pesquisa, três de filosofia, e um de crônicas. Citarei alguns: Reflexões, poemas, editado em 1979. Missão Cumprida, romance-Fortaleza 1981. Cristo, o Agitador - teatro. Edição do Centro Gráfico do Senado Federal (CEGRAF) Brasília- DF 1983. A Chave, teatro- 1983. Adeus, meu Cri-

caré, romance-1984. Paz e União por toda a Terra, 1986. Nas mãos de Deus, pesquisa 2003.

Sampaio sofria com a dorilhada e com a coletiva e, em seus versos procurava passar toda a realidade que o incomodava. Figura humana especial, possuidor de alma simples, escreveu seus versos debaixo de reflexões das situações cotidianas, sociais e espirituais, aconselhando um viver sem apegos às ilusões terrenas. É registro no seu livro Reflexões, 1978, “Não procure odiar ninguém, porque o ódio mata mais depressa do que o mais poderoso veneno.” “Não procure iludir-se demais com os bens terrenos, porque, no afã de possuí-los, a criatura humana sempre põe a perder outros muito mais preciosos: a saúde, a crença, a família, a paz e os amigos.”

Em 1977, já viúvo, encontra a sua alma-irmã, e casa-se com Luzia Nunes, sua segunda companheira. Encontra nela uma amiga, uma admiradora, e incentivadora em todos os instantes de sua vida. Em 1999, a Associação se transforma em Fundação André Luiz, oferecendo curso também de alfabetização. Sampaio ainda ajuda a criar o Lar Espírita de Terceira Idade, dando apoio material, médico e espiritual aos desassistidos. O professor tinha um compromisso social e espiritual que fazia questão de expor em versos e na vida. Em suas poesias encontramos um trabalho artesanal de pontuar o bem, elevar a boa conduta, e fazer o uso da reflexão a cada instante.

Antônio Coelho Sampaio foi um homem que sonhou, acreditou e viu realizado os seus sonhos. Palavras dele: “Tudo é possível, quando se tem persistência e confiança naquilo a que nos propomos a realizar. Quando Deus me deu uma “nova condição” de vida, que me permitiu verdadeiros momentos de introspecção, senti que era necessário modificar-me na vida, e considerar cada homem como um irmão.”

O professor Antônio Coelho Sampaio no dia 02 de março de 2020, se vivo fosse, estaria completando os seus 100 anos. Poderíamos ter comemorado com uma bonita festa. Se observarmos a nossa realidade onde estamos sendo resguardados em quarentena, e no silêncio-reflexão em nossos lares, pela infiltração do coronavírus, o COVID 19, eu quero concluir junto a vocês: Nada mais justo do que lembrarmos de sua figura ímpar, de seus inúmeros e maravilhosos feitos por aqui.

Mas o que vejo de maior relevância, é frisarmos que os seus valores se tornaram gritos em nossas vidas, e haverão de ser fonte de inspiração a cada dia daqui para frente em nós e em nossos descendentes. Porque Sampaio viveu a sua história com fidalguia, dando educação e direção ao próximo. Os seus exemplos, os seus sonhos e os seus ideais, são hoje o que todos nós percebemos serem valores eternos. Ele foi na sua vida interior e na sua vida exterior tudo o que hoje queremos e buscamos: A liberdade, a fé e a união entre os homens.

